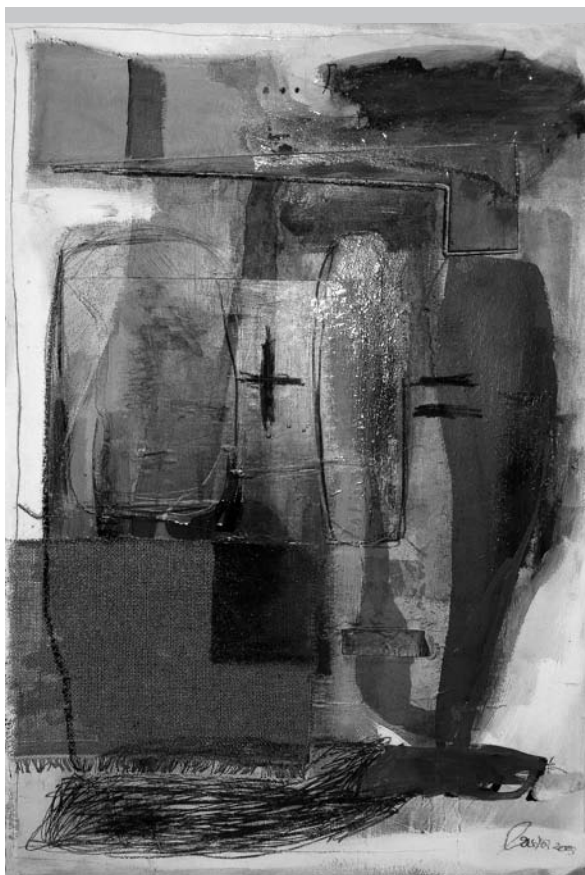


O Morgado de Fafe em Lisboa *O Morgado de Fafe Amoroso*



CAMILO CASTELO BRANCO

Introdução e edição de
Carlos Paulo Martínez Pereiro

57

BIBLIOTECA-
ARQUIVO
TEATRAL
FRANCISCO
PILLADO
MAYOR

Deseño da Capa:
MIGUEL ANXO VARELA

Ilustración da Capa:
Sem Título, (2003), de JOANA BASTOS.
Técnica mixta e colagens sobre madeira (Colección Particular)
Fotografía: EMILIO VÁZQUEZ

Edita:
BIBLIOTECA-ARQUIVO TEATRAL
«FRANCISCO PILLADO MAYOR»

© Da presente edición:
DEPARTAMENTO DE GALEGO-PORTUGUÉS,
FRANCÉS E LINGÜÍSTICA

© CARLOS PAULO MARTÍNEZ PEREIRO

I.S.B.N.
978-84-9749-324-6

Depósito Legal:
C 4374-2008

Impresión:
LUGAMI Artes Gráficas (Betanzos)

Revisión:
ANA BELA ALMEIDA e JOANA PIMENTEL

Maquetación:
ANTONIO SOUTO

Distribución:
CONSORCIO EDITORIAL GALEGO
Estrada da Estación 70-A
36818 A Portela. Redondela (Pontevedra)
Tel. 986 405 051. Fax 986 404 935
pedimentos@coegal.com



DEPARTAMENTO DE GALEGO-PORTUGUÉS,
FRANCÉS E LINGÜÍSTICA

Universidade da Coruña • Facultade de Filoloxía • Campus da Zapateira, s/n • 15071 A Coruña

Consello Científico:
X. CARLOS CARRETE DÍAZ, PERFECTO CUADRADO,
MANUEL FERREIRO, MANUEL LOURENZO PÉREZ,
CARLOS PAULO MARTÍNEZ PEREIRO, JOSÉ OLIVEIRA BARATA,
FRANCISCO PILLADO MAYOR, FRANCISCO SALINAS PORTUGAL,
ARNALDO SARAIVA, LUCIANA STEGAGNO PICCHIO (†),
LAURA TATO FONTAÍÑA

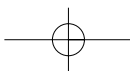
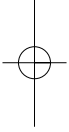
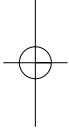
CAMILO CASTELO BRANCO

**O MORGADO DE FAFE
EM LISBOA**

**O MORGADO DE FAFE
AMOROSO**

Introdução e edição de
CARLOS PAULO MARTÍNEZ PEREIRO

MMVIII



INTRODUÇÃO

CAMILO CASTELO BRANCO (1825-1890)
(Desenho a carvão de J. A. Correia)





DUAS FARSAS TEATRAIS DE UM *ARDENTE SATÍRICO* (A FÓRMULA INSTÁVEL DAS COMÉDIAS CAMILIANAS DO MORGADO DE FAFE)*

1

Porque eu, falando de V. Ex.^a, considero sempre a sua imaginação, a sua maneira de ver o mundo, o seu sentimento vivo ou confuso da realidade, o seu gosto, a sua arte da composição, a fraqueza ou a força do seu traço; e, pelo menos, admiro sem reserva em V. Ex.^a o ardente satírico, neto de Quevedo, que põe ao serviço da sua apaixonada misantropia o mais quente e o mais rico sarcasmo peninsular. E os seus amigos, esses, admiram apenas em V. Ex.^a secamente e pecamente «o homem que em Portugal conhece mais termos do Dicionário!».

(Carta de Eça de Queiroz a Camilo Castelo Branco)

* O texto introdutório que se segue, notoriamente desenvolvido, parte da fusão de dois ensaios de diverso teor, (inter)relacionados e publicados por o motivo da comemoração do centenário da morte de Camilo Castelo Branco, sob os títulos de «O reino das convenções e o império da verdade no teatro camiliano» e de «Os estratagemas cómicos no teatro camiliano (O horizonte de sentido em *O Morgado de Fafe em Lisboa*)». O primeiro é o texto do prefácio à nossa edição da «comédia em dois actos» de Camilo *O Morgado de Fafe em Lisboa* («Cadernos da Escola Dramática Galega», nº 93, A Coruña, Maio de 1991 [2ª edição, Junho de 1991], pp. 1-7). O segundo estudo foi uma comunicação apresentada no *Congresso Internacional de Estudos Camilianos* (24-29 de Junho de 1991) e publicada nas correspondentes *Actas* (Comissão Nacional das Comemorações Camilianas, Coimbra, 1994, pp. 667-678).

CARLOS PAULO MARTÍNEZ PEREIRO

Somos persistentes leitores desde há anos do extraordinário e diversificado universo literário construído por Camilo – de seu nome completo Camilo Ferreira Botelho Castelo Branco (1825-1890) – por meio de uma obra genial e, por vezes, desequilibrada, mas seguida com fervor pelo «respeitável público»¹ de uma época que agora está a terminar em que os livros se liam. Cientes, em consequência, de que o nosso autor escapa a qualquer tentativa de definição global ou à mania taxinómica e classificatória, queríamos evitar aqui, sempre que possível, a estéril e repetida descrição do retrato de um autó-mato ou da radiografia das suas obras².

A acrescentar à opinião anterior, está o facto de o seu mais tradicional imaginário ficcional ser habitualmente englobado num conjunto de designações muito mais amplas do que, em regra, corresponderia às características da prática romântica em que a maior parte da sua obra se insere – em não poucas ocasiões felizes de um modo descomedido ou contraditório³. Aliás, esta sua exuberante matéria ficcional resulta não raramente pulverizada, quer por meio da sátira sarcástica, irónica e paródica dos temas naturalistas e através da assimilação de um realismo de teor balzaquiano que reivindica com os seus «romances facetos» *Eusébio Macário* e *A Corja*, quer pela força e exuberância do estilo como princípio de distinção e diferenciação da sua escrita.

¹ Tratamento que, de forma geral, dava o escritor aos seus leitores.

² Para uma visão exaustiva do mundo camiliano, consulte-se o *Dicionário de Camilo Castelo Branco* de Alexandre Cabral (Editorial Caminho, Lisboa, 1988), para a abordagem genérica da sua obra especialmente narrativa – mas não só –, veja-se a já clássica *Introdução ao Estudo da Novela Camiliana* de Jacinto do Prado Coelho (Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, 1983, segunda edição refundida e aumentada) ou o muito sugestivo estudo de Óscar Lopes «Claro-escuro camiliano» (in *Colóquio. Letras*, nº 119, Lisboa, Janeiro-Março de 1991, pp. 5-24) e, finalmente, para uma perspectiva contextual e sistémica, atente-se na excelente «Introducción» de Elias J. Torres Feijó à sua edição e tradução para espanhol *La brasileña de Prazins. Escenas del Miño* (Ediciones Cátedra, Col. 'Letras Universales', nº 347, Madrid, 2003, pp. 7-155).

³ Simplesmente gostaríamos de apontar, enumerando caótica e paradoxalmente, que, a respeito dos convencionais parâmetros românticos *ad usum*, a sua panorâmica da realidade se nos apresenta mais tomista, mais platónica, mais quotidiana, mais sentimental, mais absurda, mais satírica, mais passional, mais irónica, mais mordaz, mais flageladora, mais acomodatória, mais desmitificadora, mais triste, mais melodramática, mais reaccionária, mais convencional, mais desoladora, mais grosseira, mais desbragada, mais maliciosa, mais paródica, mais incisiva, mais hilariante, mais trágica, mais lúcida, mais cínica, mais...

Portanto, julgamos que a sua obra – trespassada por uma colossal riqueza linguístico-expressiva que, inclusive nalguns dos seus textos mais caracterizados (por característicos), é capaz de ultrapassar a marcada retórica romântica – só pode ser compreendida em absoluto se a considerarmos como fruto de uma poética do excesso, da demasia, da fusão de uma energia liberta com uma convenção redutora, ou, se nos permitirem a referência ao mundo da química, como uma ‘fórmula instável’.

Sendo assim, poderíamos concluir que Camilo é irreduzível a clichés e/ou a estereótipos, ao contrário do que pode parecer e apesar das simples e maniqueístas dicotomias (o bem e o mal, o rural e o cidadão, o amor e o ódio, o perdão e a vingança, o trágico e o cómico) ou do conjunto de factores recorrentes e arquétipos em redor dos quais constrói a sua literatura.

Para além disto, o reconhecimento de supremacia⁴ concedido a Camilo dentro do âmbito da polémica e do vasto campo do romance em língua portuguesa só ocasionalmente foi acompanhado do necessário esforço de compreensão totalizadora por parte de um fervoroso e constante camilianismo. Em linhas gerais e durante décadas, a exegese do seu imenso legado literário abordou preferentemente a obra a partir de uma meritória erudição, mas com a redutora chave da fascinação pela (ultra-romântica) vida do autor das *Novelas do Minho* e pela relação desta com os códigos dos mundos representados e construídos com a sua escrita.

Nesse contexto, o fragmento da carta que encabeça estes parágrafos, redigida em 1887 – mas nunca enviada – por Eça de Queiroz para Camilo, supõe, na íntegra e apesar do seu teor irónico, uma ponderada e antecipada aproximação à obra, ao espírito e ao con-

⁴ Em 1884, como resultado do inquérito conhecido por «Plebiscito Literário» – promovido desde *O Imparcial de Coimbra* e dirigido a portugueses e brasileiros –, foi considerado o primeiro dos «três escritores portugueses actualmente mais notáveis». Esta popularidade, para além da anedota mencionada e dos momentos, movimentos e monumentos que acompanham todos os seus leitores, tem-se mantido com sombras flutuantes durante os muito mais de cem anos transcorridos desde o suicídio em São Miguel de Ceide de quem se considerava um «operário das letras».

CARLOS PAULO MARTÍNEZ PEREIRO

texto camilianos por parte daquele que, «tendo rido e chorado sobre os seus livros de paixão e ironia», acabou por se tornar a sombra referencial da produção de Camilo na historiografia e nos estudos literários que a visaram, visam e visarão.

A perspectiva antes referida, acrescentada ao labor dos consagrados ao estudo daqueles aspectos que, directa ou indirectamente, dizem respeito aos paralelismos e entrecruzamentos entre biografia e criação, permitir-nos-á o progressivo conhecimento e a 'leitura' apurada do universo camiliano, após a abolição dos filtros mistificadores que, por vezes, no-lo velam.

Felizmente, nas últimas décadas e nesta linha, uma nova concepção – tão aberta e diversificada como crítica e avaliativa – dos estudos camilianos tem produzido um camilianismo-outro que, libertado de um certo teor hagiográfico de outrora, está a promover um lento e belo trabalho de *anamnese* colectiva, de difusão do conjunto da sua obra que vai, para além do género romanesco, à (re)descoberta plena da sua escrita complexa e plural. É neste contexto que se dotou de uma importância singular a comemoração do centenário da morte de Camilo Castelo Branco e as publicações e reuniões científicas realizadas à sua volta, entre as quais o Congresso Internacional de Estudos Camilianos (Coimbra, 1991) antes referido foi uma importante culminação e/ou um produtivo início dessa nova e necessária concepção de que falámos.

2

A felicidade anda a gente a procurá-la na razão e ela foge-nos para o disparate.

(Camilo Castelo Branco: *Duas Senhoras Briosas*)

A gigantesca sombra da novelística camiliana oculta e simplifica por vezes a diversidade e o interesse de outros aspectos do contributo plural da sua ingente obra. Neste sentido, é evidente que, entre outras, a escrita dramática de Camilo – isolada ou em relação recíproca com a escrita da narrativa – precisaria de um maior esclarecimento e atenção, que se acrescentasse aos diversos contributos críticos e investigações de interesse que, sobre a sua dramaturgia, ficção e o conjunto da sua produção, se produziram nestes últimos lustros.

Destarte, e dados os limites exigidos numa introdução deste teor, restringimos o ponto a partir do qual abordar a análise e a valorização da sua produção dramática e, em particular, das estratégias sarcástico-irónicas e dos estratagemas da comicidade do corpus teatral camiliano ao estudo particular – e quase exclusivo – do horizonte de sentido das suas duas peças mais justamente representadas e (re)conhecidas: as comédias, editadas a seguir, *O Morgado de Fafe em Lisboa* e *O Morgado de Fafe Amoroso*, estreadas respectivamente a 18 de Fevereiro de 1860 e a 2 de Fevereiro de 1863, no lisboeta Teatro Nacional ‘D. Maria II’. Já não só por estarmos cientes de que uma mudança de perspectiva e uma outra posição e distância mais precisa podiam enriquecer e transformar a cor e, inclusive, a substância da nossa visão, mas também, porque, com o estudo das duas peças – publicadas em 1861, a primeira, e em 1865, a segunda – partimos de uns textos paradigmáticos de que podemos tirar conclusões concretas, mas dotadas de legitimidade para a análise e valorização do funcionamento da comicidade no conjunto das comédias de Camilo Castelo Branco e, talvez, para iluminar parcialmente a compreensão da totalidade da sua obra.

CARLOS PAULO MARTÍNEZ PEREIRO

Assim, com base no equívoco apontado pelo próprio Camilo entre as suas intenções ao escrever *O Morgado de Fafe em Lisboa* e a representação distorcida na altura da estreia, tentaremos analisar a dicotomia reflectida nesta comédia e implícita no uso das estratégias cómicas, através dos modos irónicos, burlescos, humorísticos, sarcásticos e paródicos, das diferentes modalidades satíricas e das particulares características expressivas aplicadas a umas e outras personagens, ponderando a sua caracterização cénica e arquetípica como detentoras da falsa «moralidade» capitalina – ou melhor cidadina –, condenada pelo seu irreal convencionalismo idealizante, ou pelas ambíguas virtudes provinciais e naturais que, pirrónica e cepticamente, se tornam afinal relativamente vitoriosas por participarem do real espaço de um comunal sentido.

De todas as maneiras, o objectivo primeiro da peça localizada em Lisboa – isto é, a abordagem diminuidora e mordaz da ideologia e a(s) fórmula(s) de um romantismo fossilizado –, é também o elemento basilar da obra que a prolonga: *O Morgado de Fafe Amoroso*. É assim que, nos dois textos, a sátira se apresenta inteiramente dirigida ao ataque desse alvo pré-concebido, para além da diminuição e diferente doseamento, no segundo, dos também presentes estratagemas, modos e modalidades antes mencionados.

Ora bem, fugindo a uma exposição tautológico-enumerativa, o que fundamentalmente pretendemos é reflectir sobre as consequências da estratégia textual das duas comédias farsicas do Morgado de Fafe nessa sua significação intencional última.

3

É comédia, lá isso é verdade; mas o que é este mundo senão comédia?

(Camilo Castelo Branco: *Aventuras de Basílio Fernandes Enxertado*)

Claro é que o rir é atributo do ser racional. A par e passo que a razão se alumia e fecunda, as contracções musculares amiudam-se. Raciocinar é rir. O cume da sabedoria é ver os reversos das tragédias sociais; lá está por força a comédia

(Camilo Castelo Branco: *A Mulher Fatal*)

Não podemos negar já de início que, em nossa opinião, o teatro de Camilo⁵ no seu conjunto se nos apresenta hoje muito mais ‘datado’ e condicionado pelas modas românticas e os modos epocais do que uma parte significativa do seu corpus narrativo, especialmente nos drama(lhõe)s obedientes aos parâmetros éticos e estéticos do ultra-romantismo – por vezes até ao paroxismo, sobretudo nos melodramas lacrimosos –, que de uma maneira paradoxal o próprio autor desmitifica em maior ou menor grau nas suas comédias e/ou farsas⁶, satirizando esses parâmetros de obediência escolástica através dos mecanismos da exageração, do contraste e da surpresa. Pode

⁵ Como bibliografia de referência sobre o teatro recomendamos *O Teatro de Actualidade no Romantismo Português (1849-1875)* de Vítor Manuel de Aguiar e Silva (*Revista de História Literária de Portugal*, Coimbra, Ano I, Vol. II, 1964), as «Notas Preliminares» de Luís Francisco Rebello aos três primeiros volumes (1968-1971) do *Teatro de Camilo* (Parceria António Maria Pereira, Lisboa) e, do mesmo autor, *O Teatro Romântico [1838-1869]* (ICALP, «Biblioteca Breve», n.º 51, Lisboa, 1980). Também se revelam de grande interesse «Camilo, escritor de Teatro» de Jorge de Outiz, «Camilo e o absurdo teatral» de Duarte Ivo Cruz e «Os morgados na dramaturgia camiliana» de António Manuel Couto Viana (in *Boletim da Casa de Camilo*, IIIª Série, n.º 8, Vilanova de Famalicao, Dezembro de 1986, pp. 57-76, 77-82 e 83-89).

⁶ Como, aliás, também parodia, para só citar um exemplo significativo, na novela *A Queda dum Anjo*, romances passionais do próprio Camilo (Vid.: Lélia Parreira Duarte, «A ironia na obra de Camilo Castelo Branco», in *Cadernos CESPUC de pesquisa (Ironia e humor na obra de Camilo Castelo Branco)*, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Série ‘Ensaio’, n.º 7, Belo Horizonte, Maio 2001, pp. 7-12).

CARLOS PAULO MARTÍNEZ PEREIRO

dizer-se, simplificando e em traços largos, que as comédias pertencem ao império literário da verdade, enquanto que os dramas são súbditos do reino da convenção.

É assim que se pode justificar de forma geral a secundarização da ilha dramática face ao continente ficcional camiliano, apesar de o teatro estar repetidamente presente na fértil faina do «grilheta das letras» que o autor do *Cancioneiro Alegre* foi. Não obstante, sob a capa global de obra secundária, escondem-se peças de um inegável interesse e importância, dado o ímpeto corrosivo de algumas comédias pelas quais Camilo pode (e deve) ser considerado – junto com o seu amigo Gomes de Amorim que, nuns parâmetros mais espectaculares, fere de morte o pacto tácito da dramaturgia e do gosto românticos com a estreia de *O Melodrama dos Melodramas* (Lisboa, 1857), editado em 1869 sob o título de *Figados de Tigre* – como um dos comediógrafos mais originais e notáveis do seu tempo.

Para além da sua dedicação ocasional à crítica teatral, da «versão livre» da comédia *Le Meurtrier de Théodore* de Clairville, Brot e Bernard [Paris, 1865⁷], intitulada *O Assassinio de Macário* [três actos, Porto, 1886], e da adaptação cénica num prólogo e quatro actos [Lisboa, 1862], em parceria com Ernesto Biester, do romance camiliano *Vingança* [1858]⁸, da criação dramática de Camilo chegaram até nós dezoito textos completos e cenas do primeiro acto de um drama intitulado *Tentações de Serpente*, incluído na miscelânea *Boémia do Espírito* [1886], sendo conhecida, aliás, a existência de mais cinco peças hoje perdidas⁹.

⁷ Indicar-se-á sempre a cidade e a data da primeira representação das peças referidas, salvo quando os textos não tenham vida cénica, caso em que se apontará apenas a data de escrita e/ou edição.

A maior parte dos textos dramáticos camilianos subiram à cena na altura da sua estreia (e não só) no já mencionado Teatro D. Maria II de Lisboa ou no Real Teatro de S. João no Porto.

⁸ Da leitura atenta do drama *A Penitência* (Lisboa, 1863), extraído por Ernesto Biester do romance folhetinesco e truculento *Mistérios de Lisboa* – publicado por Camilo em *O Nacional* entre 1853 e 1855 e, em volume, em 1854 –, depreende-se que, apesar de aparecer assinado também por Camilo, a participação deste na adaptação para a cena, a existir, foi seguramente mínima.

⁹ Um drama de actualidade (*A Matricida* [1849]), e quatro comédias (*O Preço de um Capricho* [um acto, 1850], *O Magnetismo* e *O Fim do Mundo*, postas em cena em dois actos no Porto em 1855, e *Um Candidato* [um acto, 1856]).

Nos dezoito textos que hoje conservamos do considerado na altura «o primeiro romancista da península» é patente o seguimento sinuoso das diferentes modas epocais e dos modos românticos de que já falámos, assim como *grosso modo* a sua distribuição entre dramas e comédias e/ou farsas.

Camilo inicia a carreira de dramaturgo seguindo na altura a voga do «(melo)drama histórico» – à Garrett ou à Mendes Leal, seu discípulo – com *Agostinho de Ceuta* [quatro actos, Vila Real, 1846] e *O Marquês de Torres Novas* [cinco actos e epílogo, 1849], para no ano seguinte – quando já o drama histórico se estava a tornar, como diria o crítico Andrade Ferreira em 1862, «uma contagiosa mania literária»¹⁰ – redigir uma pitoresca comédia de costumes populares em três actos, *O Lobisomem*, editada postumamente em 1890.

Em 1855 sobe à cena o drama sentimental com traços autobiográficos e em dois actos, *Poesia ou Dinheiro?*, que nesse mesmo ano se publicava – juntamente com outros dois textos teatrais de que em seguida falaremos – no segundo volume das *Cenas Contemporâneas*. As oito peças seguintes são os dramas sentimentais e/ou passionais, *Justiça* [dois actos, Porto, 1856], *Espinhos e Flores* [três quadros, Porto, 1857], *Purgatório e Paraíso* [três actos, Lisboa, 1857], *Último Acto* [um acto, Lisboa, 1859] e *Abençoadas Lágrimas* [três actos, Lisboa, 1860], e as comédias *O Morgado de Fafe em Lisboa* [dois actos, Lisboa, 1860], *O Morgado de Fafe Amoroso* [três actos, Lisboa, 1863] e *Duas Senhoras Briosas* [um acto, Lisboa, 1863].

Oito anos volvidos, em 1871, retoma a sua actividade teatral com a estreia em Lisboa do drama em três actos e quatro quadros *Condenado* e com a publicação da comédia sentimental em um acto *Como os Anjos se Vingam*, a comédia fársica em três actos *A Morgadinha de Val-d'Amores* – paródia da *Morgadinha de Valflor* (1869) de Pinheiro Chagas – e o *vaudeville* em um acto *Entre a Flauta e a Viola*, as duas últimas reunidas num volume intitulado *Teatro Cómico*.

¹⁰ Citado por Luís Francisco Rebello em *O Teatro Romântico [1838-1869]* (*Op. cit.*, p. 51).

CARLOS PAULO MARTÍNEZ PEREIRO

Como facilmente se depreende da sumária indicação anterior, as obras dramáticas do nosso autor – na altura representadas com desigual fortuna – tiveram uma repetida presença nos palcos portugueses do séc. XIX. No entanto, analisada sob uma perspectiva actual, falta à produção concebida por Camilo para a cena – com poucas, ainda que muito importantes, excepções¹¹ –, tanto o processo de crescimento, como o potencial de actualização que dão vida intemporal e acompanham os textos ‘clássicos’.

Além disto, as limitações mencionadas não afectam só, em rigor, as possibilidades de alguns destes textos dramáticos serem espectáculos teatrais vigentes em cena, mas também o facto de poderem ser «spectacles dans un fauteuil» – usando a denominação de Alfred de Musset –, pois, em nossa opinião, nem sequer a leitura através do texto e das páginas do livro pode ultrapassar o lastro de uma construção da acção e do desenvolvimento dramáticos com base no efeito, nos *coups de théâtre* e/ou numa linguagem dialogal altissonante – sempre que não pomposa –, entregue docilmente ao palavreado da retórica «plusquam romântica» – em precisa denominação de Almeida Garrett – ou «ultra-romântica» – em não menos feliz denominação de Teófilo Braga.

Ora bem, a dicotómica classificação consentida em dramas e comédias (adjectivadas) a que nos arriscámos anteriormente na procura de uma clareza expositiva, mostra-se-nos parcialmente arbitrária quando, para além das cenas farsicas ou dos parênteses cómicos que, com uma funcionalidade basicamente contrastiva, aparecem nalguns dramas¹² ou do realismo na caracterização

¹¹ Entre as quais, estão com certeza as peças do Morgado. É assim que, por exemplo, António Pedro, quando repôs em cena *O Morgado de Fafe Amoroso*, actualizando-o em 1958 com uma sua encenação para o Teatro Experimental do Porto, afirmava que «num tempo de polca janota a comédia de Camilo, já de si caricatura dum romantismo de fachada, provinciano e burro, fez-se cirandar por um ambiente em que tanto as atitudes como o cenário e a indumentária tivessem, como o texto, o mesmo cunho caricatural e leve. A forma de se ver essa caricatura é que se tornou não contemporânea do autor mas dos espectadores actuais» (Cfr.: *Pegueno Tratado de Encenação*, Edições INATEL, s/l., 1976 (2ª ed.), p. 117).

¹² Podem citar-se como exemplos paradigmáticos os diálogos entre o «aristocrático» Jorge de Sá e os seus credores populares, (o «alfaiate» e o «bolereiro») nas cenas introdutórias do «ensaio dramático» *Purgatório e Paraíso*.

cómico-linguística das personagens populares, o próprio Camilo numa das suas séries de «cenas» publicou duas comédias em um e três actos que, paradoxalmente, apelidou de dramas: *O Noivado* como capítulo do romance *A Filha do Arcediago* [1854] – que na origem constituía a primeira das três entregas das *Cenas* – e *Patologia do Casamento* dentro da segunda entrega miscelânea, *Cenas Contemporâneas* [1855], que dá título a toda a série.

Aliás, um tal desajuste pontual a respeito dos dilatados moldes classificatórios – efectivado através das ocasionais nivelações tragicómicas dos dramas – supõe o embrião do sarcástico desmascaramento literário e ideológico das convenções repressivas que eclodirá na primeira das duas comédias protagonizadas pelo morgado de Fafe e que, com uma modulada estratégia dramática, se prolongará na segunda.

4

Importa-me desmascarar hipócritas diante dum público respeitável

(Camilo Castelo Branco: *O Morgado de Fafe Amoroso*)

Como já dissemos, a reacção por saturação e a consciência da falsidade dos seus dramas românticos vai tomar formas e conteúdos auto-paródicos nas próprias comédias de Camilo, apesar dos traços humanitaristas, ‘veristas’ e verosímeis, das linhas de contestação social e literária ou dos traços autobiográficos com intuitos catárticos que, por vezes, emergem do mar de lágrimas, da maré de conciliação burguesa ou das ondas da sua atormentada vida, na dramaturgia camiliana mais convencional.

Deste modo, de entre as aproximações audazes e provocadoras que, no campo da comédia camiliana, nos permitem perceber

CARLOS PAULO MARTÍNEZ PEREIRO

aspectos insólitos e ridículos da realidade física e da «moralidade bastante equívoca» da época e da escrita literária e cénica do ultra-romantismo, sobressaem sob todas as luzes as peças que hoje editamos.

O Morgado de Fafe em Lisboa obtém um grande sucesso¹³, como se depreende das vinte e sete representações que alcançou no ano da sua estreia. Contudo, este êxito de público e crítica não satisfez Camilo Castelo Branco, como sete anos volvidos manifesta com clareza em «Uma epístola de Garrett e o Porto»¹⁴, onde, comentando uma carta em verso redigida na sua juventude pelo autor de *Frei Luís de Sousa* a um seu amigo, arremete contra o facto do «insigne actor Rosa» ter agalegado e atraído o seu Morgado para o «sustentar em cena»:

A «sórdida ignorância», dessa não há vestígios, nem do «bê», nem do «resfôlego nasal». Nariz e beiços levaram grande volta. Hoje predomina o «v». Tudo é «vom» e «vonito». As damas principalmente, mais comunicativas com as de Lisboa já penduram uma croma de sons de cada palavra interrogativa. «Passou vem?» Este «vem» é um zunido, que dura o tempo necessário para o interrogado responder com a história de uma anasarca em si e duas hepatites crónicas na família.

O «sestro brácaro maldito», diz Garrett. Desgraciosa calúnia! Em Braga, tirante a gente miúda, falam o português limpamente as pessoas de mediana leitura, e em perfeito grau as instruídas. O autor de *A Filha do Marquês* à fina força queria que os bracarenses fossem galegos. Por isso lhe patearam a comédia em Lisboa.

¹³ Ao contrário do que aconteceu com *O Morgado de Fafe Amoroso*, que, na altura da sua estreia em 1863 e com raras excepções, foi mal recebido pelo público e pela crítica. De facto, o próprio Camilo teve de modificar a peça para a sua publicação dois anos depois, como parecem indicar as três referências temporais à comédia inaugural do Morgado que o protagonista de Fafe realiza no primeiro acto: «lá em Lisboa, onde eu estive há quatro anos» (Cena IV), «em Lisboa, quando eu lá estive há quatro anos» (Cena IV), «em Lisboa quando eu lá estive há quatro anos» (Cena IX). Achámos, portanto, que esses quatro anos passados só podem ser entendidos considerando a data de publicação desta segunda comédia e não a da sua representação, nem a do desenvolvimento da acção: «A cena passa-se na Foz do Porto em 1862».

¹⁴ Capítulo IV da miscelânea, apelidada surpreendentemente de «romance», *Cavar em Ruínas*. Cito, modernizando a ortografia, pela 5ª edição das *Obras de Camilo Castelo Branco*, X (Parceria António Maria Pereira-Livraria Editora, Lisboa, 1927, pp. 44-45).

Não lha patearam os bragueses: foram os pés da providência e da justiça. Em Lisboa folgam as plateias de ver que os minhotos sejam naturalizados em Galiza no teatro. Minhoto português é absuridade que escandaliza a bazófia dos lisboetas. O insigne actor Rosa, por sustentar em cena o meu «Morgado de Fafe», agalegou-o. Com que nevrálgias de coração via eu as graçolas portuguesas do meu jovial personagem injuriadas pela pronúncia, como se a graça fosse exclusivo de Galiza, ou lisboetas só de chalaças galegas pudessem rir!

Garrett sacrificava os seus patrícios e seu bom siso à hilaridade dos de Lisboa.

Eis como a personagem criada pelo célebre actor João Anastácio Rosa (1812-1884) traiu e desvirtuou o sentido implícito – e explícito – que Camilo com toda a consciência outorgara à comédia, (ab)usando de uma caracterização linguística e gestual «agalegada»¹⁵ que, como distorcida caricatura burlesca, divertia evidentemente o público, provocando a «hilaridade dos de Lisboa».

A peça, aliás, é mais do que uma típica farsa que não visa mais que fazer rir pela típica *tromperie bouffonne*, atacando as bases do próprio (e duplo) fingimento dramático como mostram as repetidas alusões distanciadoras ao próprio teatro ante o exagero de atitudes e situações – «como se faz na comédia», «este homem é comediante?», «é ridículo este galã de farsa», «com veemência trágica»¹⁶. A este respeito, já José Oliveira Barata falava do «efeito de distância», afirmando que:

Como verdadeiro “encenador” Camilo sabia pré-construir as suas plateias, sabia onde e quando se justificava o *efeito de distância*

¹⁵ Caracterização (entre caricatural e realista) a que não são alheias outras comédias camilianas, como, por exemplo, *O Lobisomem* ou *A Morgadinha de Val-d'Amores*, em que se introduzem no desenvolvimento dramático personagens, diálogos e cenas de costumes rústicos, entremeses, cantigas, autos populares, etc., ou cenas contrastivas em dramas, como, por exemplo, o início de *O Condenado* através do diálogo entre os criados.

¹⁶ Distanciamento que se mantém e acentua na segunda das comédias, *O Morgado de Fafe Amoroso*: «fale alto, que não se ouve nada na plateia», «por causa da censura», «não quero cá ninguém de geolhos como nas comédias», «que comédia!».

CARLOS PAULO MARTÍNEZ PEREIRO

quebrando a *empatia catártica* ou, em movimento oposto, como adensar o *patos* trágico até ao insuportável epílogo ou ao imprevisível passe de magia hiperteatral¹⁷.

Mais profunda e mais satírica, não se dedica apenas à pintura dos ridículos exteriores do Morgado, que responde à tipologia do provinciano – «o ar, os modos, este complexo de nadas, que denotam cultivo de boa sociedade, não os tem», como diria o próprio Camilo de um outro morgado nas *Memórias do Cárcere* –, mas ultrapassa-a (re)presentando o carácter grotesco do mundo em que se introduz o protagonista com a máscara satírica do *vir bonus*, do «ingénuo» e «simplório», aliás, sem necessidade de aplicar exageradamente na sua reprodução o princípio de deformação caricatural que o sustém.

A despeito da consideração anterior, a crítica que se tem ocupado desta obra e da sua continuação hesita em considerá-las como farsas e, realmente, inclinamo-nos a aceitar tal rótulo para estas duas comédias a partir da etimologia e primeiro significado da palavra: a *farce* francesa como recheio complementar de carne. Farsa, portanto, num sentido originário e metafórico: um elemento estranho (o ‘tomismo’ do Morgado de Fafe) que se introduz no interior de um mundo idealmente espiritualizado (o ‘platonismo’ de um salão romântico lisboeta), complementando-o contraditoriamente e fazendo-o morrer da doença de realidade.

Nesta mesma linha de intenções, três anos volvidos, retoma com *O Morgado de Fafe Amoroso* a crítica iconoclasta da comédia que tira o véu à falsidade e hipocrisia românticas – «o ridículo está tomando umas proporções assustadoras» e «a sociedade é o juízo inexorável dos ridículos de cada indivíduo da sociedade», como diz a personagem João Álvares.

Ainda que com uma menor acuidade e uma maior explicitação na sua tendência para os procedimentos fârsicos tradicionais,

¹⁷ Cfr.: «O teatro de Camilo ou a perdição de amores», in *Actas do Congresso Internacional de Estudos Camilianos* (*Op. cit.*, p. 151).

a personagem central aparece diluída e secundarizada entre algumas das personagens novelescas tiradas da obra ficcional *Cenas da Foz de João Júnior* [1857]¹⁸ – do mesmo modo que são incorporados à peça teatral alguns fragmentos e situações, reproduzidos *ipsis letteris*, de carácter cómico, tirados tanto do Livro Primeiro («A Sorte em preto») quanto do Livro Segundo («Dinheiro»), que constituem as *Cenas*. O Morgado, de facto, já não se nos apresenta tão regido pelo princípio de realidade¹⁹. Este princípio muda para a extraordinária figura castiça da criada²⁰ Pôncia que, aliás, também se incorpora à farsa a partir da ficção novelesca.

Ora bem, retomando o ‘agalegamento’ antes referido, não seria justo atribuir só a uma intenção ‘comercial’ a atitude do actor Rosa, dado que, talvez, a inversão do significado e da direcção da obra que a sua criação da personagem do Morgado motivou, seja também resultado de um mal-entendido produzido pela ambiguidade calculada com que Camilo – nos antípodas de um moralizante *raisonneur* ou de uma qualquer retórica da persuasão – constrói as duas comédias: num modo neutro, como se olhasse de fora, como se não compreendesse o que compreende o espectador.

A interpretação do nosso actor – baseada na máxima horaciana «Si vis me flere, dolendum est primum ipsi tibi», e não no «paradoxo do comediante» diderotiano que parece exigir a estratégia do

¹⁸ Obra ficcional, previamente publicada em folhetim no jornal *A Aurora*, que, assumindo Camilo o papel de editor, é ironicamente denominada «exemplar romance» e/ou definida a sério como «quadro de costumes» pelo seu ‘narrador-autor’ João Júnior – mais um *alter ego* ficcional camiliano.

¹⁹ Chegando a contagiar-se do ‘ridículo romântico’ até ao extremo de aparecer, na segunda cena do último acto, com um «cabrito preso com uma fita», na esteira da cabrinha Dejhalí de D. Vicência.

²⁰ Desdobrada em pertinaz alcoviteira ‘celestinesca’ para conseguir o casamento do seu senhor, João, com D. Hermenegilda – «a estupidez no seu estado de perfeição primitiva», como diz Bernardo –, de que podem servir como exemplo paradigmático estas suas palavras da Cena II do Terceiro Acto: «Sr. Heitor, venha cá, não meta a sua alma no inferno. Olhe que a vida são dois dias. Se o mata a ele, mata sua filha, mata-me a mim, mata-se a si, morremos todos. Oiça o que lhe diz esta velha, que tem visto muita coisa. Deixe casar sua filha, que tapa as bocas do mundo. Olhe que ela bota-se a afogar, em sabendo que V. Ex.^a sabe da sua desgraça. Lembre-se que aquele anjinho de perfeição não se fez para o comerem os peixes. Em bom pano cai uma nódoa, e o casamento é a melhor barrela destas nódoas. Daqui a pouco, o fidalgo há-de ser tão amigo do seu genro e dos seus netinhos que inda me há-de dizer: “Ó Pôncia, tu fostes um anjo que me aparecestes!”. Sr. Heitor, lembre-se que está cos pés na cova, e que sua filha não lhe fecha os olhos, se V. Ex.^a a não deixa casar».

CARLOS PAULO MARTÍNEZ PEREIRO

autor reflectida no texto²¹ – deve ter proporcionado na altura uma versão da comédia bastante omissa, na qual a estratégia actoral, mais enganosa do que construtiva, naturalmente levaria a reduzir ao mínimo a importância da comicidade verbal no espectáculo – sem dúvida tão relevante²² – e a desenvolver ao máximo os elementos da comicidade objectiva e as possibilidades comunicativas do movimento e do gesto.

Além disto, o mal-entendido na translação cénica – compreensível na altura²³, mas não justificável a partir das chaves que fornece o próprio texto dramático – tem os seus alicerces naqueles que, em nossa opinião, são os dois maiores acertos de *O Morgado de Fafe em Lisboa* e, por extensão, também de *O Morgado de Fafe Amoroso*:

— O massacre de uns valores hipócritas sem lhes opor com clareza outros contra-valores alternativos, de tal maneira que, na montagem da personagem principal, o racional disseca e diverte-se com o convencional na ausência de um idealismo

²¹ Estratégia que é patente para o leitor (espectador) quando, para além do «arsenal bem fornecido de bombas fraseológicas» da logorreia ultra-romântica e, em especial, da «ironia verbal», percebe através de pistas de sentido a «ironia dramática» que Camilo utiliza como princípio estrutural a que submete as personagens.

²² E aliada em não poucas ocasiões aos mal-entendidos de base linguística. Sirva como exemplo o jogo, com intuítos humorísticos, provocado pela confusão entre o horário do *jantar* lisboeta e da *ceia* norrenha que se estabelece no diálogo que se segue (*O Morgado de Fafe em Lisboa*, Acto Segundo, Cena III):

O BARÃO – Pois não! Em minha casa usa-se muito. Está V. S.^a convidado para jantar hoje conosco. Há-de ter o seu manjar favorito.

O MORGADO – A que horas se janta cá em casa?

O BARÃO – À hora regular.

O MORGADO – À uma hora? É do que eu gosto. Cá em Lisboa é costume jantar-se à hora em que eu ceio na minha terra, das cinco *près* seis.

O BARÃO – Pois essa é justamente a nossa hora; mas em atenção ao sr. Morgado jantar-se-á mais cedo.

O MORGADO – Não, senhor, tudo se arranja; eu vou jantar à minha hora, e venho *ceiar* às seis com o senhor.

²³ Porque também a caracterização das personagens nas duas comédias morgadianas é leve, dado que se pressupõe o conhecimento de uma relativa psicologia dos tipos e personagens apresentados, já perfilados por tradição e convenção.

que substitua o de base romântica satirizado na sua vacuidade. O Morgado e Pôncia não nos são apresentados como as ‘personagens positivas’ das peças ou como os representantes de uma inexistente pureza provinciana, que Camilo sim reflecte, entre a «cidade-perversão» e o «campo-bondade», no romance *O Bem e o Mal* (1863) ou no narrador – não por acaso chamado – Silvestre Silva de *Coração, Cabeça e Estômago* (1862), seguindo de modo maniqueu a conhecida máxima horaciana «Scriptorum chorus omnis amat nemus et fugit urbem»²⁴.

Porque é sem a menor dúvida com intenção, e não por acidente, que enquanto as personagens ‘românticas’ aparecem diminuídas através do exagero hiperbólico – presente, aliás, nos modelos literários parodiados –, a imagem do morgado e da criada é distorcida especialmente por meio do abrandamento da litotes.

É assim que, por exemplo, se ‘explica’ a pouco visível mudança na cena da atitude amorosa do Morgado a respeito de D. Leocádia (e não só), no segundo acto da comédia inaugural, e, já na segunda peça, o entrecruzamento dos pares ‘naturais’ Morgado / D. Hermenegilda, e João / D. Vicência, ao se transformarem nos dois casamentos felizes finais do Morgado com D. Vicência e de João com D. Hermenegilda. Mudanças que, na sua relativa falta de justificação e maior ou menor brusquidão, se revelam inconsistentes teatralmente, mas funcionais como caracterização em contraponto negativo das diversas figuras implicadas.

De facto, o casal ‘ideal’ – que é «deste mundo o menos possível» – manifesta especularmente as paradoxais definições, distorcidas e corrosivas, do que, afinal, são a mulher e o homem ‘românticos’:

²⁴ Cfr.: Horácio, *Epist.*, II.ii.77.

CARLOS PAULO MARTÍNEZ PEREIRO

JOÃO – (*Riso sarcástico, postura solene*). Aqui está o que são as mulheres românticas! As mulheres que acham poesia na cabrinha branca! As mulheres que remedam a Esmeralda de Victor Hugo! As mulheres que, alta noite, sobem aos terraços a descartar trovas à lua. As mulheres que erram na face da terra buscando coração de anjo que as compreenda! As mulheres românticas são isto! Depois de chorarem oito dias e oito noites, com saudades de um serafim que o céu lhes nega, acertam de encontrar o Morgado de Fafe e apaixonam-se dele! Nisto se resolveu o amor da cabra, o amor da lua, e o amor do anjo! Oh! Miséria, vilipêndio e exemplo atroz a futuros amadores de mulheres românticas!

(*O Morgado de Fafe Amoroso*, Terceiro Acto, Cena III).

D. VICÊNCIA – (*Irónica*). Aqui está o que são os homens românticos! Os folhetinistas ideais de Guimarães! As almas excruciantes que se humilham aos arcanjos! Estes poetas, quando encontram a Hermenegilda da Amarante, apaixonam-se dela, e mandam o seu estilo e as suas sátiras aos estúpidos de presente aos tolos! Oh! Miséria, vilipêndio e exemplo atroz a futuras namoradas de homens românticos!

(*O Morgado de Fafe Amoroso*, Terceiro Acto, Cena IX).

— Por outro lado, a perfeita incorporação gradual dos estratagemas cómicos no horizonte da saborosa crítica que procuram as acções dramáticas, assim como a sua magnífica disposição em situações, palavras e atitudes diversificadas entre as diferentes personagens, promove um sentido cómico-satírico ambíguo de teor quase molieresco.

Com efeito, Camilo nestas peças parece apropriar-se – talvez não propositadamente e por uma singular ‘coincidência’ – do espírito contraditório da carpintaria textual das grandes comédias de Molière como se, apesar das suas conhecidas anotações iconoclastas a respeito de alguma das obras do genial actor-autor francês, assumisse por extenso as palavras do Eduardo do seu drama (e comédia) *Patologia do Casamento*:

Tornemos à posição do benemérito Tartufo. Ó meu querido Molière, onde quer que estás [sic] recebe os meus agradecimentos pelo excelente molde que me cá deixaste!²⁵.

Os Morgados de Fafe aparecem-nos, através destes dois princípios nevrálgicos e para além da contestação dos modos e da moda do estereotipado teatro romântico²⁶, como comédias sustentadas num constante e céptico confronto entre a matéria do riso, que, perante o absurdo do ridículo, dá liberdade, e a derivada matéria da verdade, que, perante a vacuidade da ideologia, produz amargura. Como escreveu Voltaire a D'Alambert, também nós com Camilo, «marchons en ricanant par le chemin de la verité».

5

No teatro, através duma fábula de carácter satírico, pretendo (será isso?) dar uma lição. E falho a lição (possivelmente uma lição falha-se sempre).

(Augusto Abelaira: «Posfácio à segunda edição» da comédia *A Palavra é de Ouro*)

Sans doute; ce que vous dites là est parfaitement vrai, et parfaitement faux, comme tout au monde.

(Alfred de Musset: *Lorenzaccio*)

Quando na cena segunda João Leite apresenta «um dos mais distintos e abastados cavalheiros da nossa província, o senhor

²⁵ Cito, modernizando a ortografia, pela 4ª edição das *Cenas Contemporâneas. Obras de Camillo Castello Branco*, LXV (Parceria António Maria Pereira-Livraria Editora, Lisboa, 1907, p. 235).

²⁶ Porque, como aponta Luís Francisco Rebelo num muito interessante estudo («*O Condenado e a dramaturgia camiliana*», in *Colóquio. Letras*, nº 119, Lisboa, Janeiro-Março de 1991, p. 107), «nas comédias, e muito em especial nos dois Morgados de Fafe, é a própria ideologia romântica, os valores sentimentais que a suportam, a logorria em que se exprime, os mitos que segrega, que são desmitificados e desocultadas as ficções que encobrem».

CARLOS PAULO MARTÍNEZ PEREIRO

António dos Amarais Tinoco Albergaria e Valadares, morgado de Fafe», com ele – que diz de si próprio: «A minha mania é dizer o que sinto, e rir do que me alegra cá no interior» – entra na lisboeta «sala cerimoniosa» do Barão de Caçurães «a rústica franqueza da ignorância», motor de uma vertente reflexiva e crítica, que também promove uma visão amarga da falibilidade da sociedade que emerge da «comédia humana».

É assim que do confronto entre a «civilização de Fafe» – regida pelo senso comum terra-a-terra – e a artificiosidade do salão lisboeta – regida por um idealismo romântico no alto dos céus – sai o absurdo satírico nesta farsa que o prefigura.

O choque entre os dois mundos surge imediatamente através das personagens que os encarnam emblematicamente: D. Leocádia e António Soares de telhas acima, e o Morgado de telhas abaixo – onde poderíamos incluir também a baronesa, refractária às novidades, com a sua perspectiva comezinha e reaccionária a respeito do idealismo da filha²⁷, e o barão com a sua reiterada razão prática. Assim, D. Leocádia ao entrar o Morgado pergunta-se «que singularidade de homem é aquilo?», enquanto este ao entrar Soares exclama rindo «que ratão!».

Daí avante desata-se uma comicidade destruidora e corrosiva que demole e arrasa os estereótipos retóricos e ideológicos românticos, através do confronto entre o «palavreado» de além-mundo (expressando um falso e vazio ideal ‘platónico’) e a linguagem de aquém-mundo (expressando uma realidade ‘tomista’). Porque, afinal, nesta peça – e na sua continuação na Foz, a que também se pode e deve aplicar – «já não se trata do coração», como diz o juiz de direito, «trata-se da barriga», como conclui o Morgado «em português castiço».

²⁷ Como explicita a baronesa com estas palavras: «Esse palavreado não é teu, Leocádia. Tens a cabeça cheia de versos; mas aí vem teu pai responder à tua bacharelíce. Se te não mandassem ensinar gramática francesa e geografia, havias de ter outras ideias a respeito do mundo. A culpa teve-a teu pai... Eu bem lhe disse que te mandasse aprender a ler somente o necessário para te encomendares a Deus. Ele quis por força fazer de ti literata, e o resultado é isto que se vê... Agora ele que responda aos teus discursos... Ele aí vem» (*O Morgado de Fafe em Lisboa*, Segundo Acto, Cena II).

Mais uma vez a questão torna-se pertinente – apesar de, por vezes, resultar fácil não confundir os limites entre *Coração, Cabeça e Estômago* na obra camiliana –: quem sabe exactamente onde acaba o ventre e começa a «alma» para o autor do *Amor de Perdição*?

Será talvez, como afirmou Blaise Pascal, que «cette duplicité de l’homme est si visible qu’il y en a qui ont pensé que nous avions deux âmes?»

Será, com certeza.

A contradição, a ‘fórmula instável’ retoma o seu protagonismo mais uma vez quando compreendemos que o nosso «noveleiro»²⁸ e insuperável polemista impiedosamente destrói com estas duas farsas, em chave paródica e em moldes satíricos, o repertório temático e formal a que na altura – e no passado e no futuro – permanece fiel noutras peças dramáticas e noutros textos diversos. Contudo, nem a convenção, nem a impostura literária, nem a hipocrisia social poderão alguma vez ultrapassar a nossos olhos a amarga energia que as feriu de morte através de um riso carnal e ambíguo.

A NOSSA EDIÇÃO

A nossa edição²⁹ das duas obras morgadianas toma como base o texto das últimas publicadas em vida de Camilo pela lisboeta Livraria de A. M. Pereira, em 1865 – a segunda edição de *O Morgado de Fafe em Lisboa* e a primeira de *O Morgado de Fafe Amoroso* –, que seguimos fielmente salvo em questões de pormenor

²⁸ Denominação depreciativa com que os burgueses portugueses do «mundo patarata», tão flagelado pelo autor de *A Brasileira de Prazins*, se referiam aos novelistas de oitocentos.

²⁹ Não gostaríamos de acabar esta introdução sem manifestar o nosso agradecimento à «Casa Museu de Camilo» de São Miguel de Ceide e ao «Centro de Estudos Camilianos» da Fundação Cupertino de Miranda de Vilanova de Famalicão, pela sua amabilidade, disposição e prontidão em colocar ao nosso dispor – estamos a falar do fim da década de 80 do passado século – as diversas edições de cada uma das duas magníficas comédias do Morgado de Fafe que a seguir se reproduzem.

CARLOS PAULO MARTÍNEZ PEREIRO

(devidas a gralhas, inadvertências ou erros), em que, após confronto, seguimos a leitura mais correcta, respectivamente, da primeira de 1861 e da terceira edição (póstuma) de 1908³⁰.

A fixação textual limitou-se a uma modernização ortográfica³¹ que procurou respeitar sempre aqueles elementos linguísticos intencionalmente significativos e caracterizadores – ainda que de maneira assistemática e irregular – do discurso das personagens como o Morgado, Pôncia ou D. Hermenegilda, contrastivamente ‘rústicas’ a respeito das ‘cidadinas’ de Lisboa ou da Foz. É assim que, muitas vezes em alternância com as da língua padrão, mais formalizada, conservámos as ocasionais marcas linguísticas de carácter informal, regional e popular – quer sintácticas, quer lexicais (*berbazum, ceiar, cincoenta, couçoeira, cousa, doudo, endoudeceu, faniquito, guelra, incazinar, incavacou, ingresia, inguiço, intende, inxurvedo, manfarrico, noute, pode, sor, su, tapona, todo-nada, etc.*), quer gráfico-fonéticas (*d’amor, pra, prò, prà, pràli, pràqui, pràmigo, pràmor, etc.*)³². Além disso, também mantemos as palavras e expressões – já por via de regra em itálico nas edições de que partimos –, desfiguradas ou não, que por aproximação ou divergência de significantes e significados

³⁰ Editada, também em Lisboa, pela ‘Livraria Editora’ Parceria António Maria Pereira: *Obras de Camillo Castello Branco. Edição Popular, LXXVIII. Theatro III.*

³¹ A respeito da modernização ortográfica, ao contrário de por exemplo os casos de *litterata > literata* ou *Teophilo > Teófilo*, só num caso mantemos as necessárias seis letras da grafia arcaica e latinizante *Phebus* por razões contextuais facilmente perceptíveis neste diálogo (*O Morgado de Fafe Amoroso*, Primeiro Acto, Cena XII):

D. VICÊNCIA – Lembra-se da Esmeralda de Victor Hugo?

JOÃO – Que também tinha uma cabrinha branca...

D. VICÊNCIA – A Dejhali.

JOÃO – Que já compunha seis letras do alfabeto para formar o nome do ditoso amante da cigana.

D. VICÊNCIA – Era *Phebus*...

JOÃO – Sim, *Phebus*... Se a Dejhali de V. Ex.^a chegasse a compor um nome de quatro letras...

D. VICÊNCIA – (*Sorrindo*). João?

JOÃO – Sim: é um nome muito prosaico, não é?

D. VICÊNCIA – A poesia está no coração; não é nos nomes.

³² E, como é óbvio, também decidimos manter o linguajar bárbaro – que vai para além de qualquer ‘por-tunhol’ – do “Tocador” (*O Morgado de Fafe Amoroso*, Segundo Acto, Cena II).

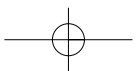
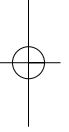
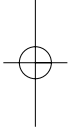
têm intuitos cómicos (*Bonifrates, bruto, convícios, deixa-ali, epizotia, espichos, espinafre, geologias, heroína, ideotas, lusios, termómetros, ver-bim gracia, vício, etc.*)³³.

CARLOS PAULO MARTÍNEZ PEREIRO

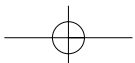
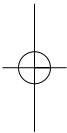
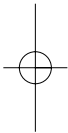


³³ Como único exemplo de jogos facilmente perceptíveis, podemos referir o conteúdo irónico que emerge da 'confusão' de palavras e significados, por parte do *naturel* Morgado, do *épisode* do livro de Rousseau com a «rural» *epizotia*.

Para além destas e de outras ocorrências mais evidentes, partindo da confusão de Pôncia entre 'celhas' e 'pestanas', no jogo humorístico entre a alcaioa e D. Vicência, achámos que o equívoco também gera um mal-entendido pela homofonia entre *selhas* ('balde ou vaso de madeira afunilado') e a variante *celhas*, de 'sobrancelhas' – uma e a outra grafadas *sêlhas* na edição de que partimos (*O Morgado de Fafe Amoroso*, Primeiro Acto, Cena VIII).



**O MORGADO DE FAFE
EM LISBOA**
(COMÉDIA EM DOIS ACTOS)



cadernos da esco- la dramática galega

N.º 93 - MAIO, 1991

Sta. Teresa, 18-baixo

Administración: XOÁN M. LÓPEZ EIRIS

Coordenador: MANUEL LOURENZO

Director: FRANCISCO PILLADO MAYOR

O MORGADO DE FAFE EM LISBOA

(COMÉDIA EM DOIS ACTOS)

Camilo Castelo Branco



Edição e Estudo

de

Carlos Paulo Martínez Pereiro

Frontispício da primeira edição galega (1991) de *O Morgado de Fafe em Lisboa*, com desenhos de Barradas.

CAMILO CASTELO BRANCO

PERSONAGENS

O BARÃO DE CAÇURRÃES

A BARONESA DO MESMO TÍTULO

D. LEOCÁDIA, filha do Barão

O MORGADO DE FAFE, ANTÓNIO DOS AMARAIS TINOCO

LUÍS PESSANHA

FRANCISCO DE PROENÇA

JOÃO LEITE

ANTÓNIO SOARES

UM JUIZ

UM ESCRIVÃO

DAMAS, denominadas 1ª, 2ª e 3ª

ACTO I

Sala ricamente guarnecida. Algumas mesas ocupadas por pessoas que jogam.

CENA I

O BARÃO e A BARONESA DE CAÇURRÃES, D.
LEOCÁDIA, AS TRÊS DAMAS, LUÍS PESSANHA
e FRANCISCO DE PROENÇA

(Ao correr do pano ouvem-se as últimas notas do allegro de uma ária que D. Leocádia canta acompanhando-se ao piano).

VOZES – *(Dos que jogam e dos que estão na frente da cena).* Muito bem! Excelentemente! Deliciosamente, minha senhora!

PESSANHA – *(A D. Leocádia, que sai do piano).* Cantou angelicamente, prima Leocádia.

PROENÇA – E o anjo que cantava só podia ser dignamente acompanhado pelo anjo que tocava.

D. LEOCÁDIA – Já ouviram cantar os anjos?

PESSANHA – Em sonhos, já. Ouvem-se os anjos em sonhos, quando adormecemos com a alma cheia da voz melodiosa da mulher amada.

A BARONESA – *(À parte).* Que palavreado!

PESSANHA – Vossas excelências, se nunca ouviram em sonhos as harmonias dos anjos, é que ainda não amaram daquele amor que nos repassa a alma das músicas de Anfião e Orfeu.

CAMILO CASTELO BRANCO

D. LEOCÁDIA – (*Irónica*). Sublime, magnífico, primo!

1ª DAMA – Os meus anjos cantam muito desafinados.

2ª DAMA – Os meus constipam-se nos gelos da alma.

A BARONESA – Isso parece-me esquisito, menina... Torna a dizer, Cassilda.

PROENÇA – Foi uma bela ideia, a de sua sobrinha, senhora baronesa... (*À 3ª dama*). E os anjos de V. Ex.ª?

3ª DAMA – Os meus foram todos escriturados para cantarem no coração da prima Leocádia.

D. LEOCÁDIA – Ai! Estás enganada, Carolina... Eu já não creio em anjos... Estou céptica, estranhamente céptica.

PESSANHA – Céptica, prima!? Que blasfémia! Isso é desagradecer o raio de graça com que a Providência lhe alumia o que para outras almas se esconde em trevas.

A BARONESA – Ó primo Pessanha, não esteja a fazer vaidosas estas meninas.

PESSANHA – A vaidade, prima baronesa, é um adorno das almas distintas, quando se não vangloria em deslumbrar a vaidade alheia.

A BARONESA – Assim será; mas eu não gosto de ouvir expressões inconvenientes... Que é estar aí a falar em anjos que se constipam, em anjos escriturados?! Forte irreverência!

D. LEOCÁDIA – Não se fala dos anjos do céu, minha mãe, é dos anjos dos poetas que descem muitas vezes do céu para o inferno deste mundo.

AS TRÊS DAMAS – (*Rindo e falando simultaneamente*).

1ª – É verdade, prima Leócadia.

2ª – Os anjos dos poetas são assim.

3ª – Disseste divinamente, menina.

A BARONESA – Credo! Que falaria as meninas fazem!

PESSANHA – É novidade, prima... Deixe-as deprimir os poetas, que o incenso não as enjoa.

A BARONESA – Olhe, primo, contra os poetas acho eu que tudo o que se diz é pouco, porque os poetas de agora já nem sequer servem para entreter senhoras numa sala. No meu tempo, quando eu era muito menina, sim, aqui há quinze anos, pouco mais ou menos, os poetas eram uma gente divertida, que alegrava a boa sociedade, glosando motes em décimas e sonetos que todo o mundo entendia. No meu tempo, havia em Braga quatro cónegos, poetas de mão-cheia. Que poetas aqueles!... Ai! Que saudade!... Os de agora são todos assim pelo gosto de António Soares, que diz uns versos que não fazem chorar nem rir. E o que mais me espanta e aborrece é estas meninas a dizerem: *Muito bem! Sublime! Bravo!* Como se percebessem os versos melhor do que eu, e...

PESSANHA – E que o autor... Talvez queira dizer, prima.

A BARONESA – E os que ele recita ao piano!? Que modas! Acompanhar os versos com polcas!

D. LEOCÁDIA – (*Impaciente*). Oh mãe! Olhe que não vá ele entrar e ouvir! Eu acho os versos de António Soares lindíssimos, inspirados, ardentes de paixão...

PESSANHA – (*A meia voz*). Bravo! Que entusiasmo!... (*Alto*). Deve saber, prima baronesa, que a linguagem do coração tem seu progresso, como a linguagem das ciências. Numa época sentimental como a nossa, o vocabulário do poeta deve ser deste mundo o menos possível.

CAMILO CASTELO BRANCO

A BARONESA – Olhe, primo Luís Pessanha, eu, como falo a linguagem deste mundo, não entendi bem o que me disse, sou franca.

PROENÇA – Modéstia, modéstia, senhora baronesa...

A BARONESA – O que eu quero é que a minha Leocádia seja mais temperada no falar, e que estas meninas se pareçam com sua mãe, que Deus haja, que era uma senhora acabada a todos os respeitos.

AS TRÊS DAMAS – (*Simultaneamente*).

1ª – Está cruel, a tia baronesa!

2ª – Não desculpa nada! A gente há-de ser muda!

3ª – Quer por força que sejamos velhas no alvorecer da vida.

A BARONESA – Vejam, vejam, que mau costume as meninas têm de chilrearem todas ao mesmo tempo! Hei-de ralar, quando o merecerem, porque as amo. Sua mãe, se fosse viva, havia de dizer-lhes o mesmo.

O BARÃO – (*Da mesa onde joga*). Ó Felizarda, o chá demora-se. São sete horas e meia.

A BARONESA – Esperávamos o João Leite e o amigo que ele quer apresentar; mas eu dou as ordens. (*Sai*).

PESSANHA – (*Despeitado*). Estou maravilhado, prima Leocádia!

D. LEOCÁDIA – De quê, primo?

PESSANHA – (*Irónico*). Dos inspirados, lindíssimos e ardentes versos de António Soares.

D. LEOCÁDIA – Pois não são!? Triste coisa! Porque António Soares não é rico, até o talento lhe querem desdenhar!

CENA II

OS MESMOS, JOÃO LEITE, A BARONESA
e O MORGADO DE FAFE

A BARONESA – (*Sai de uma porta lateral, quando os recém-vindos assomam à porta do fundo*). Aqui está o senhor João Leite.

D. LEOCÁDIA – Que singularidade de homem é aquilo?

LEITE – (*Conduzindo o Morgado ao barão, que se levanta*). Sr. barão, eu tenho a honra de apresentar a V. Ex.^a o meu particular amigo e um dos mais distintos e abastados cavalheiros da nossa província, o senhor António dos Amarais Tinoco Albergaria e Valadares, Morgado de Fafe.

O BARÃO – Muito folgo de receber nesta casa o sr. Morgado, e estimarei que a frequente com a familiaridade que torna precisas e agradáveis as relações. Quando chegou da nossa bela província?

O MORGADO – Cheguei há três dias pela estrada a vapor, e acho que é bem enghada aquela ideia. (*Os dois ficam gesticulando*).

LEITE – (*Às damas a meia voz*). O meu amigo é um puro provinciano, minhas senhoras. V. Ex.^{as} terão de sufocar algumas vezes o riso, porque o Morgado tem a rústica franqueza da ignorância, e entra pela primeira vez numa sala cerimoniosa. (*Recua*).

O BARÃO – Senhor Morgado, aqui lhe apresento minha mulher.

O MORGADO – Passasse muito bem.

O BARÃO – (*Recuando*). Minha filha...

O MORGADO – Passasse muito bem. É galantinha, benza-a Deus.

CAMILO CASTELO BRANCO

O BARÃO – Estas três meninas, todas irmãs, minhas sobrinhas, filhas do meu primo, o conselheiro Alberto de Meneses, que se acha naquela mesa. (*Cumprimentam-se; o Morgado tem seguido acanhadamente o barão, de sorte que se acha fora do grupo das damas quando entra António Soares*).

O MORGADO – Passassem muito bem. São bonitas criaturas. (*Riem-se à socapa. D. Leocádia e a baronesa conversam. O grupo da direita avança o mais que pode*).

O BARÃO – O sr. Francisco de Proença. Meu primo Luís Pessanha (*Entra António Soares*) e o senhor António Soares, que vem entrando. (*Movimento de Leocádia*). Ao senhor António Soares tenho a honra de apresentar o senhor Morgado de Fafe.

CENA III

OS MESMOS e ANTÓNIO SOARES

(*António Soares com os bigodes aguçados pela cera, e a luneta pênsil, faz rir descompostamente o Morgado*).

O MORGADO – (*A Soares que o fita carrancudo*). O senhor há-de perdoar, mas não sei o que me parecia.

SOARES – O que pareço eu ao senhor?

O MORGADO – (*Rindo*). Que ratão!

SOARES – (*Aos circunstantes*). Este homem é parvo?

O BARÃO – (*À parte*). Parece-o.

LEITE – Senhor Morgado!...

SOARES – De que ri o senhor?! Acabemos com isto!

O MORGADO – É desse arranjo em que o senhor traz a fisonomia da sua pessoa. V. S.^a, se fizer assim (*Sacode a cabeça*), Deus nos livre, ficava a gente com os bigodes. Santo nome! Isso parecia coisa de aleijão. E as cangalhas aqui assim!... (*Mencionando o próprio nariz*). Que ratão!

SOARES – Quem trouxe aqui este mentecapto?! (*Os que jogam suspendem o jogo para observarem*).

LEITE – (*Entre eles*). Fui eu, e pedirei ao sr. António Soares que não se ofenda de um gracejo cuja intenção é inofensiva. (*Passa ao barão*).

O MORGADO – (*Com seriedade*). V. S.^a chamou-me mentecapto. Mentecapto, pelos modos, quer dizer tolo. Eu não vou à parede, esteja descansado. É ditado velho: «aonde se dão, aí se apanham». Mas o sr. há-de acreditar uma coisa que eu vou dizer: pareço tolo, mas não sou, não sou, acredite.

SOARES – Nesse caso é grosseiro (*Movimento geral*), e deveria ter pedido, a quem o apresentou, que o civilizasse primeiro. (*Às damas*). Peço perdão, minhas senhoras. (*Agitado*).

A BARONESA – (*Mostrando-se aflita*). Eu estou banzada e perplexa!

O MORGADO – (*Gravemente*). A minha mania é dizer o que sinto, e rir do que me alegra cá no interior. Palavra de honra que me regalei de o ver assim ao senhor, e ri-me pensando que o senhor gostava de que se risse a gente. Não cuidei que o senhor vinha assim amanhado de cara para a gente estar sério. Mas à vista disso, perdoará.

(Entram os criados com bandejas de chá e doce. Soares vai a uma bandeja tomar uma chávena e dá-a a D. Leocádia. Proença e Pessanha fazem o mesmo às outras senhoras.

CAMILO CASTELO BRANCO

O Morgado vai tirar uma chávena da bandeja ao criado da direita).

O BARÃO – (*No meio deles*). Está dada a satisfação; vamos ao chá. (*Sobe*).

LEITE – (*À baronesa*). Eu sinto amargamente este desgosto, senhora baronesa.

A BARONESA – Foi bem feito. Não gosto deste peralvilho. Não se aflija por isso.

D. LEOCÁDIA – (*A Soares que lhe oferece a chávena*). Incomodam-te as chocarrices de um idiota?!... Vamos fazê-lo nosso bobo... Hás-de rir muito à custa dele.

SOARES – Escreveste o requerimento?

D. LEOCÁDIA – Já está na mão do escudeiro para ser-te entregue. (*Sentam-se as damas*).

O BARÃO – Senhor Morgado, sirva-se de doce.

O MORGADO – (*Servindo-se*). Venha de lá isso. (*Tira uma mão-cheia de biscoitos que vai sopeteando na chávena, posta comodamente sobre os joelhos*). Vm.^{cc} que quer? (*Ao criado que está junto dele com a bandeja do açucareiro*).

CRIADO – Se precisa açúcar...

O MORGADO – Bote mais uma colher dele. (*Gargalhada de Soares e riso mal reprimido das damas*). Olá! O senhor já se ri! Ainda bem! Estava daí a *inguiçar*-me com os *lusios* por detrás das vidraças que me não prestava o chá... Olhe lá se eu me zango porque o sr. se ri de mim! Venha de lá outra, se me faz favor. (*Toma segunda chávena de chá*).

LEITE – (*À parte*). Estou vexadíssimo! (*Sobe e desce*).

O BARÃO – (*Galhofeiro*). Nada de cerimónia, sr. Morgado.

O MORGADO – Cerimónia! Ora essa! Então o sr. barão ainda não sabe com quem está falando! (*O criado vem oferecer-lhe doce à direita*). Eu lhe vou contar uma passagem da minha vida. (*Ao criado que serve o doce*). Chegue cá o sólido. O melhor é pôr o tabuleiro em cima desta tripeça. (*O barão sobe para conter o riso. O Morgado puxa para junto de si o banquinho do piano*).

A BARONESA – (*Às damas que retêm dificilmente o riso*). *Scio! Scio!*

O MORGADO – Deixe rir às moças. Eu quando vou a alguma casa não é para fazer chorar ninguém.

PESSANHA – Vamos à passagem da sua vida, senhor Morgado.

O MORGADO – (*Com a boca cheia*). Lá vou já. Este doce não está mal amanhado. A como se vende o arrátel disto cá em Lisboa, ó sr. Leite?

LEITE – (*Com enfado*). Não sei, nem a ocasião é agora oportuna para semelhantes averiguações. Trataremos depois disso.

O MORGADO – Quando o caminho de ferro chegar a Fafe, hei-de mandar ir destas cavacas enquanto estão frescas. Ó sr. João Leite, o senhor, que eu fiz deputado, e mais os meus caseiros e foreiros, porque não arranja um caminho de ferro para Fafe?! V. Ex.^{as} (*Às damas*) podiam aqui comer em Lisboa batatas muito boas, e baratíssimas. A como pagam os senhores cá na capital o milho e os feijões? (*Leocádia ergue-se*).

1^a DAMA – Conte-nos a passagem, senhor Morgado... Estamos ansiosas.

O MORGADO – Estão? (*Erguendo-se*). Ora eu vou contar. Há-de haver dez anos que eu fui ao Porto para contratar o meu casamento com o pai de uma menina, que, não desfazendo em ninguém que me ouve, tinha um palmo de cara que se podia ver; tocava realejo, e dançava o *solio inglês*, e a *gaivo-*

CAMILO CASTELO BRANCO

ta, que eram poucos os olhos da cara *prà* verem. Deu-me no goito a moça, e resolvi casar-me. É verdade que lá no Porto diziam que o pai fazia em casa o dinheiro que lhe era preciso para os seus gastos; mas isso que tinha?! Fazer dinheiro é um modo de vida que não me consta que desfizesse casamento em parte nenhuma... Pelo contrário, meu mano frade diz que tem feito muito.

AS TRÊS DAMAS – (*Ao mesmo tempo*).

1ª – Pois casou?

2ª – Ah! Casou?!

3ª – Ditosa esposa! Oh! Quanto a invejo!

O MORGADO – Falam todas à pancada! Ora, diga lá cada uma por sua vez o que tem na ideia.

3ª DAMA – Eu disse que invejava a sorte da sua esposa.

A BARONESA – (*Descendo*). Menina! (*Com severidade*). Seja comedida no seu entusiasmo, e não interrompa.

O MORGADO – Liberdade de imprensa, minha rica senhora. Deixe-a falar. Eu não casei com a tal menina, minha senhora.

AS TRÊS DAMAS – (*Falando simultaneamente*).

2ª – Ah! Não!

3ª – Traiu-o, talvez; que injustiça!

1ª – É que mau gosto!

O MORGADO – Não há que ver; são como as rãs; em falando uma falam todas.

SOARES – (*À parte, a D. Leocádia*). É muito grosseiro!

O BARÃO – Deixem falar o senhor Morgado, meninas.

O MORGADO – Chamava-se Maria, a menina; mas ela gostava que lhe chamassem Márcia, porque Márcia é poético; e lá à casa do pai dela ia um poeta jantar que lhe chamava Márcia. Estava marcado o dia do casamento, quando fui jantar à casa de meu sogro. A noiva ficou à minha esquerda, e estava vermelha como uma ginja. Era a inocência, pelos modos; mas eu cuidei que seria indisposição de dentro, e perguntei-lhe se estava entoirida com o jantar. Disse-me que não tinha provado nada; e eu, cuidando que era fraqueza o seu mal, botei-lhe ao prato uma perna de peru. E que há-de ela fazer? Ergue-se assarapantada e foge. O que é, o que não é, que será, erguem-se todos; uns vão, outros vêm, tudo se mexe menos eu, que fiquei comendo o peito do peru, bocado porque sou doido. Tratei de saber o que tivera a moça. Vi o poeta e perguntei-lhe: «O senhor sabe dizer-me o que teve a sr^a D. Márcia?». Que há-de dizer-me o homem? «A menina retirou-se porque V. S.^a a envergonhou com a perna do peru». – «Homem, essa!» – disse-lhe eu. «Aposto que o senhor poeta, lá nos seus versos, lhe disse que uma menina inocente devia envergonhar-se da perna de um peru?!». No dia seguinte, meus caros senhores, escrevi uma carta ao pai de Márcia, dizendo-lhe que em minha casa se comia muita soma de peru, e que eu não estava para ir atrás de minha mulher todas as vezes que viesse à mesa um peru com pernas. Enquanto a mim, a moça fugiu envergonhada de ver que eu comia à portuguesa, ao passo que o poeta e outros que lá estavam, com os guardanapos postos à laia de babeiros, diziam uma coisa, que eles chamavam *espichos*, do tamanho da légua da Póvoa, e lavavam os dedos numa tigela de água, que eu ia bebendo, por não saber que é moda agora fazer da mesa lavatório. Isto veio ao caso de dizer que não sou homem de cerimónias. Como em casa dos amigos enquanto tenho vontade, e quem vai à minha casa há-de comer até lhe tocar com o dedo. As meninas querem disto? (*Puxa de um cartucho de rebuçados, que quer repartir aos punhados*). São de avenca legítimos; trouxe-os do Porto.

CAMILO CASTELO BRANCO

Sirvam-se. (*As damas, sufocando o riso, saem de corrida da sala*).

A BARONESA – São crianças, senhor Morgado, não faça caso.

O MORGADO – Agora faço! Não faço, não senhora. Coma V. Ex.^a, se quiser.

A BARONESA – (*Tomando um reбуçado*). Agradecida. Eu vou repreendê-las.

O MORGADO – Deixe-se disso que perde o tempo. Isto de senhoras só se castigam bem com as disciplinas do deus Cupido. (*A baronesa sai rindo*). Até a sua velha se ri, senhor barão. É uma santa mulher, acho eu.

SOARES – É um tipo!

PESSANHA – (*Irónico*). É um homem único, sr. Morgado! Invejo-lhe o espírito e a felicidade!

O MORGADO – Quer reбуçados?

O BARÃO – Joga, sr. Morgado?

O MORGADO – À bisca de nove e o trinta e um.

O BARÃO – *Voltarete* ou *boston*, não quer?

O MORGADO – Hei-de aprender isso, amanhã falaremos.

O BARÃO – Pois conversem, que as meninas vêm já. (*Sobe à mesa do fundo com Soares e vão sentar-se ao jogo. Proença retira para o interior*).

CENA IV

O MORGADO, JOÃO LEITE e OS QUE ESTÃO JOGANDO

LEITE – Senhor Morgado, tem dito coisas que não parecem suas.

O MORGADO – Pois aí tem! O senhor cuidava naturalmente que eu vinha à capital aprender a falar às senhoras!... Nós, lá em Fafe, estamos civilizados.

LEITE – Pois em nome da civilização de Fafe, é que eu peço a V. S.^a que modere a sua língua.

O MORGADO – Pelo que vejo, quem vem a Lisboa há-de moderar a língua! Acho que o diz bem, e que o faz melhor, sr. Leite. É por isso que o senhor, desde que entrou nas cortes não disse palavra. Há-de ser por isso. O meu amigo sr. Leite, quando falava aos *convícios* populares, lá na nossa terra, falava pelos cotovelos. Mas isto cá, pelos modos, muda muito de figura. Pois dou-lhe a minha palavra de honra, que, se eu fosse deputado, havia de falar quando fosse preciso, e mais não estudei gramática nem matemática. Um bom deputado tem sempre que dizer. Eu tanto pedi ao senhor que arranjasse cá com o governo a passar-me a estrada à porta, mas o senhor não fez caso, nem respondeu à carta do boticário que lhe pedia um hábito de Cristo... Palpita-me que V. S.^a não torna cá...

LEITE- – Falaremos a esse respeito oportunamente: o que eu agora encarecidamente lhe peço é que não fale tanto, nem dê azo a que se riam de V. S.^a. As suas excelentes qualidades, regidas pela prudência e comedimento, habilitam-no a dar-se na sociedade uma posição digna do seu nascimento e riqueza. Em Lisboa pesam-se as palavras, e o provinciano, que se não coíbe, é sempre alvo do escárnio.

CAMILO CASTELO BRANCO

O MORGADO – Com que então em Lisboa pesam-se palavras! É por isso que o senhor ainda não deu meia oitava delas nas câmaras... (*Rindo e abraçando-o*). Isto é chalaça, meu janota... Não se assuste. Enquanto eu for vivo, há-de o senhor ser sempre deputado; mas não se esqueça daqueles *termómetros* de estrada em que lhe falei... O senhor o que tem?! Está a cismar, com um semblante tão assombrado! Isso, enquanto a mim, é paixão de alma por alguma das feiticeiras cá da casa... Diga a verdade...

CENA V

OS MESMOS e FRANCISCO DE PROENÇA

PROENÇA – (*A Soares, que está junto dele*). Aceita estas cartas, Soares; eu volto já. (*Ergue-se e vem para junto de Leite. O Morgado vai folhear um livro que está sobre a jardineira*). Ainda não tive ocasião de perguntar-te o que passaste ontem com Leocádia.

LEITE – Nada.

PROENÇA – Não lhe falaste?

LEITE – Não pude. Sou um idiota ao pé desta mulher. Não me atrevo a dizer-lhe palavra que não seja uma puerilidade ou uma inconveniência.

PROENÇA – A coisa mais parecida com um tolo é um homem de talento apaixonado.

LEITE – É uma paixão de criança esta minha... Leocádia compreendeu-me, e aumenta caprichosamente o meu embaraço com o olhar interrogador que me lança...

O MORGADO – Ó sr. Leite! (*Levanta-se*). Este autor chamado *Ro us se au x* de que trata? É da moléstia do gado vacum?

LEITE – (*Abstraido*). Não, não é.

O MORGADO – É porque está aqui *episode*, e pensei que isto queria dizer *epizotia*.

PROENÇA – (*Rindo*). É impagável este homem! Cuido que o mandaste buscar à província para te distrair.

LEITE – Refinou na sandice, desde que chegou a Lisboa. Tem-me vexado aqui hoje, e o ridículo dele pode reflectir em mim aos olhos de Leocádia.

PROENÇA – Não é isso natural; pode ser até que Leocádia te agradeça este debique... Vamos ânimo! Sai desta posição equívoca; declara-te.

O MORGADO – É segredo?

LEITE – Não, senhor.

PROENÇA – Se não queres dizer-lho, escreve-lhe. Posso asseverar-te que tens a estima da baronesa, e a do barão hás-de conquistá-la por intermédio da filha.

LEITE – E poderei disputá-la ao primo e ao Soares?

PROENÇA – Não há rival invencível. A mulher que tem mais de um adorador, mostra que não lhe agrada nenhum. Se se deixa incensar por dois, é porque espera o incenso de um terceiro.

LEITE – Leocádia é uma mulher excêntrica.

PROENÇA – Por isso mesmo.

LEITE – Todas as vezes que eu encaminho a conversação de modo que a declaração ocorra naturalmente, ela adivinha-me, e

CAMILO CASTELO BRANCO

interrompe com alguma frase desdenhosa, que me deixa...
Que me deixa...

O MORGADO – Atrapalhado?... Eu logo vi que o senhor estava
namorado da filha do dono da casa. Já vê que não sou tolo...

PROENÇA – (*Risonho*). É verdade, sr. Morgado. O nosso amigo está
apaixonado pela sr.^a D. Leocádia, mas não lho diz. Que
remédio daria V. S.^a a isto?

O MORGADO – O remédio é dizer-lho; pois então?

PROENÇA – Vês, Leite. Aqui tens uma opinião ilustrada que corro-
bora a minha.

O MORGADO – Pois cá em Lisboa é moda a gente não dizer a uma
moça que a ama, quando sente no interior o fogo da sim-
patia?

PROENÇA – O amor sublime tem estas esquisitices, meu caro senhor.
E V. S.^a nunca se sentiu acanhado ao pé da mulher querida?

O MORGADO – Eu não, senhor. Digo-lhe tudo o que me vem à
ideia, e, se me ficam a talho de fouce, beijo-lhe a mão, e caio
de joelhos, como se faz na comédia; é o meu sistema. O sr.
Leite sabe o que eu tenho feito lá por Fafe; ele aí está que o
diga... O senhor conhece a Teresinha do Aidro, e a Joana do
Reguengo de Baixo...

LEITE – (*Sorrindo*). Muito agradecido à sua bondade...

O MORGADO – O ratão já se ri. Já está com melhor ar... Pois diga à
menina que lhe quer bem, e o mais deixe-o por minha
conta... Quer o senhor uma coisa? Digo-lho eu.

LEITE – (*Rindo*). Muito agradecido à sua bondade.

O MORGADO – Isto é sério... Os amigos conhecem-se nas ocasiões.

CENA VI

OS MESMOS, A BARONESA, D. LEOCÁDIA,
AS TRÊS DAMAS e PESSANHA

A BARONESA – Desculpe-nos a demora, sr. Morgado. A estes cavalheiros não farei igual pedido, porque são amigos íntimos e tolerantes.

O MORGADO – Estiveram a *ceiar*, naturalmente... Eu vou logo fazer o mesmo.

A BARONESA – Não, senhor, é porque uma das meninas teve um ligeiro insulto nervoso.

O MORGADO – Insulto nervoso acho que é o mesmo que *faniquito*... Ela tem razão... Aposto que foi esta! (*Indica Leocádia*). Eu bem sei que ela há-de viver amofinada...

D. LEOCÁDIA – Eu?! Porquê?

O MORGADO – Eu bem sei, magana... Nós falaremos. O amor é como as toupeiras, que se não dão bem com a luz do dia... Veja se me *intende*...

D. LEOCÁDIA – Eu? Não? Que sabe? Diga...

O MORGADO – Sei o que a menina sabe, mas finge que não sabe, porque sabe que... Sim, a menina bem sabe que... (*Leite puxa-lhe pela aba da casaca*). O senhor rompe-me!

AS TRÊS DAMAS – (*Ao mesmo tempo*).

1^a – Diga, diga o que é.

2^a – A Leocadiazinha não sabe nada.

3^a – Diga, diga, sr. Morgado!

CAMILO CASTELO BRANCO

O MORGADO – Isso há-de ser só a ela...

D. LEOCÁDIA – A mim só! Ai que graça! Quer propor-me casamento...

A BARONESA – (*Severa*). Menina! Que palavra é essa! Nem por graça consinto que uma menina profira semelhante expressão! Estão estragados os costumes antigos.

O MORGADO – Agora estão! Faz ela muito bem em querer casar, e o noivo é como se quer... (*Leite não cessa de puxar-lhe as abas da casaca*). O senhor quer que eu fique de jaqueta, pelo que vejo... Que graça tem isso de me estar a romper!?

LEITE – (*Baixo*). Cale-se.

O MORGADO – E está morto que eu fale...

D. LEOCÁDIA – Então que quer dizer-me, sr. Morgado? Sou toda ouvidos.

O MORGADO – Com licença destes senhores, faz favor de chegar aqui... (*Querendo afastar-se do grupo*).

A BARONESA – Perdoe V. S.^a, mas eu não consinto que minha filha oiça segredos que sua mãe não possa ouvir.

O MORGADO – O casamento é com ela, não é com a senhora. (*Soares tem-se, desde o princípio da cena, aproximado do grupo*).

AS DUAS DAMAS –

1^a – Parabéns, Leocádia!

2^a – Viva o sr. Morgado de Fafe!

SOARES – (*À parte*). Que torpe farsa é esta!

O MORGADO – Alto lá! Não é comigo o arranjo.

D. LEOCÁDIA – Ai! Não? Que pena!

A BARONESA – Ó menina, tu estás desenvolta! Olha que eu imponho-te o silêncio das indiscretas!

D. LEOCÁDIA – Ora deixe-me rir, mamã! Que tem que eu chore a perda de uma ilusão?! Hei-de assistir calada, sem soltar um gemido, ao funeral da minha mais cara ambição? (*A baronesa, com arremesso, passa ao grupo das três damas, que sobem*).

O MORGADO – Fale, fale, menina, que eu também já lhe disse a ele que falasse.

D. LEOCÁDIA – A ele?! Quem?

LEITE – (*Enxugando o suor*). Que vexame!

O MORGADO – Olha a fazer-se tolinha! Ora vamos... Não seja ingrata a quem tanto lhe quer... (*Tomando-lhe a mão*). Tenha-lhe amor, qual outra Inês de Castro.

D. LEOCÁDIA – Amor! A quem?

O MORGADO – (*Levando-a ao pé de Leite*). Venha cá... Dê-lhe a mão que ele é bom moço, e tem uma boa casa... Seus pais hão-de dar o seu consentimento...

LEITE – (*Atribulado*). Este homem enlouqueceu... Minha senhora, peça-lhe acredite... Que eu... De modo nenhum...

O MORGADO – Deixe-o falar, que ele está cego de paixão pela menina... Aquilo é vergonha... Ali está aquele (*Indicando Proença*) que sabe tudo.

SOARES – (*Com veemência trágica*). A farsa acaba aqui, senhores! Eu aceito o encargo honroso de desforçar uma senhora e uma família de bem, ridicularizada por um truão. Quero que se me diga se este homem é um doido, para ser entregue aos

CAMILO CASTELO BRANCO

cuidados da polícia, ou se tem bastante senso comum para aceitar a responsabilidade da zombaria com que enxovalha uma família respeitável.

O MORGADO – (*Serenamente*). Este homem é comediante?

SOARES – (*Ao Morgado*). Responda-me: encarregaram-no deste papel ou o senhor é um mentecapto sem imputação?

O MORGADO – Você parece-me tolo, homem! A perguntar-me se eu sou doido! Aposto que se lhe perguntarem a ele se é doido, diz que não!...

O BARÃO – O sr. Soares não tome tanto a sério o que não passa de brincadeira de uma noite. Este senhor tem um génio folgazão, e desconhece um pouco as conveniências; mas nenhuma pessoa desta família se dá por ultrajada, e o zelo do sr. Soares é exagerado, conquanto digno do nosso reconhecimento.

SOARES – Aceito a correcção; mas consintam V. Ex.^{as} que eu me desafronte do insulto que me diz respeito. Eu sou ofendido na parte mais nobre da minha alma. Este homem é um inepto que serve apenas de instrumento; a mão, porém, que o impele, há-de erguer uma luva.

O MORGADO – O homem é um trapalhão... Mistura luvas com instrumentos... Que diabo quer ele?

A BARONESA – Meninas, saiam da sala. Isto vai-se tornando bastante imoral. Retirem-se. (*Saem*). Eu também me retiro consternada, estimando que este desagradável incidente termine de modo que a candura de minha filha não fique poluída. Sr. Leite, com minha filha não se brinca, veja se me entende... Boas noites. (*Sai*).

CENA VII

O MORGADO, O BARÃO, SOARES, LEITE,
PROENÇA e PESSANHA

O MORGADO – Boas noites; até amanhã se Deus quiser.

SOARES – O sr. barão sabe que eu amo sua filha.

O BARÃO – Sei que ma pedi para sua mulher. Respondi que não;
é o que sei, e não sei mais nada.

SOARES – Pois bem; a sr.^a D. Leocádia sabe o resto.

PESSANHA – O resto!

O MORGADO – É verdade... O resto! Isso tem que se lhe diga, acho eu.

SOARES – E o sr. Leite não é estranho às minhas intenções a respeito da sr.^a D. Leocádia, porque eu lhas comuniquei para o poupar à triste figura que tem feito.

O BARÃO – E o sr. Soares não é estranho às intenções de meu primo Luís Pessanha a respeito de minha filha; e a favor dele é que a minha vontade está decidida.

SOARES – Mas a vontade de V. Ex.^a pode ser uma violência, e eu hei-de defender a oprimida, enquanto puder, contra a tirania de quem quer que seja.

O BARÃO – O sr. Soares enlouqueceu. As suas iras estão a provocar o riso... Modere-se, e não me obrigue a lembrar-lhe que estou em minha casa.

SOARES – Eu vou sair, mas é preciso que nos entendamos. Fui aqui ultrajado nesta sala, e não sairei daqui sem saber a quem hei-de pedir amanhã uma satisfação. (*O barão encolhe os ombros e desce, para subir o Morgado*).

CAMILO CASTELO BRANCO

PESSANHA – (*Galhofeiro*). Quererá o sr. Soares bater-se comigo?

SOARES – Com o senhor e com quantos forem.

O MORGADO – (*Dando um passo para Soares*). O senhor é um bazófio! Cá por mim não embarra, porque... Cuidadinho...

O BARÃO – (*Entre os dois*). Tenha a bondade de acomodar-se, senhor Morgado...

O MORGADO – (*Rindo*). Eu estou acomodado, sr. barão... Não se assuste... (*A Soares*). Pegue lá um rebuçado, e cale-se. (*O barão sobe para falar a Luís Pessanha*).

SOARES – O senhor é um parvo!

O MORGADO – Este menino precisa de criação, por mais que me digam. Eu não se me dava... Sim... Eu não se me dava de... A falta de homens... (*Faz em si o trejeito de puxar-lhe uma orelha*).

SOARES – Sr. Leite, amanhã ouvirá de dois amigos meus o que é intempestivo dizer-lhe aqui.

LEITE – Conquanto eu rejeite a responsabilidade das inconveniências proferidas pelo sr. Morgado, com grave desgosto meu, não poderei receber senão agradavelmente os amigos do sr. António Soares. Querendo eu, porém, que sua senhoria tenha causa justa para desafiar-me, dir-lhe-ei na presença destes cavalheiros, que, aspirando eu ao coração de uma senhora, cujo nome respeito muito para proferi-lo, e sabendo que V. S.^a concorria comigo nas mesmas aspirações, nunca lhe daria a consideração de julgá-lo meu rival.

O MORGADO – Falou bem.

SOARES – Esse novo insulto...

O BARÃO – Acabem com isto, senhores; vão discutir na rua a gravidade dos insultos. Não consinto que o nome de minha filha esteja aqui servindo de mote para alterações. (*Sobe*).

O MORGADO – Apoiado! Apoiado! Também sabe o que diz.

SOARES – Eu queria dizer ao sr. Leite que, em resposta ao seu novo insulto, fora desta casa assentar-lhe-ia na cara a mão sem luva.

LEITE – (*Saindo*). Sr. Barão, meus senhores, boa noite. (*Soares faz menção de sair*).

O BARÃO – Os senhores não sairão juntos.

SOARES – Estou que o sr. Leite aceitará a proposta, que é de suma prudência.

LEITE – (*Risonho*). Far-lhe-ei eu medo, sr. Soares?

O MORGADO – Medo! A quem? A isto! (*Chega ao pé de Soares*). O senhor vá-se embora; vá com Deus... Mude-se quanto antes, que eu já não o enxergo bem...

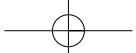
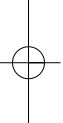
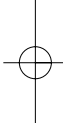
SOARES – Não me toque, miserável lorpa, que me suja.

O MORGADO – (*Esfregando as mãos*). Está-lhe o corpo a pedir folia... Não há remédio...

SOARES – Hei-de sová-lo na rua; se não encontrar adversário mais digno...

O MORGADO – Na rua?... Vamos lá... (*Toma-o debaixo do braço*). Vá quieto, menino, olhe que me pica com os bigodes... (*Rodeiam-no todos. Cai o pano*).

FIM DO PRIMEIRO ACTO



ACTO II

Outra sala em casa do barão de Caçurrães.

CENA I

D. LEOCÁDIA (*Fazendo menção de ler*) e AS TRÊS DAMAS

1ª DAMA – É muito linda poesia!

2ª DAMA – Que frescura de frase!

3ª DAMA – Que sabor tão oriental!

D. LEOCÁDIA – E que paixão, não é assim?

AS TRÊS DAMAS – Decerto! Apaixonadíssima! Inspirada!

D. LEOCÁDIA – Soares é um génio. É um milagre do espírito! A alma, bafejada pelo hálito vulcânico daquele seio, sente-se grande e atrevida, não acham?

AS TRÊS DAMAS – (*Acotovelando-se*). Decerto.

3ª DAMA – Ó menina, lê-nos as duas coplas últimas, que são tão harmoniosas e sentimentais?

D. LEOCÁDIA – Pois sim. Leio. (*Lê*).

*Quando entre nuvens cintila,
Como em olho de sibila...*

2ª DAMA – *Como em olho de sibila...* É lindo!

3ª DAMA – Arrebata!

1ª DAMA – *Como em olho...* Que vaporoso de frase!... Continua, menina.

CAMILO CASTELO BRANCO

D. LEOCÁDIA – (*Lendo*).

*Quando entre nuvens cintila,
Como em olho de sibila,
A fulminante pupila
Do meu casto serafim,
Mago eflúvio, odor celeste,
De minh'alma onde desceste,
Vai ao céu donde vieste
Entre nuvens de cetim.*

(*Declama*). Tão lindo! Não é?

1ª DAMA – Se é!

2ª DAMA – Endoidece-se de admiração!

3ª DAMA – Eu morria de amores por um homem que me escrevesse isso.

D. LEOCÁDIA – Esta não lhe é inferior. (*Lê*).

*Electrizam-se-me os seios,
Seios d'alma, em devaneios,
Respondendo aos teus anseios,
Flor, inveja dos jardins!
No teu lábio o coral ri-se,
Todo amor, todo meiguice,
Todo céu, todo denguice,
Todo rir de querubins.*

1ª DAMA – Tenho-te inveja, priminha! Assim, compreende-se que uma mulher sacrifique ao talento riquezas, glórias vãs da terra, a vontade dos pais, o futuro, tudo!

D. LEOCÁDIA – E sacrifico, eu, mulher para quem as outras olham com o desdém da estupidez, devoradas de invejas. Hei-de

desmentir, com a minha abnegação, os que dizem que a mulher do século troca a liberdade de sua alma pelas carruagens, *toilettes* deslumbrantes, pelo orgulho efêmero dos salões, por uma noite de sair rainha de casa da modista para as magnificências de um baile. As primas sabem que diante de mim se correm as cortinas de três futuros. O primo Luís Pessanha é um rapaz rico. Invejam-mo na melhor sociedade rivais de primeira ordem. Todos os regalos da opulência me esperam neste casamento. Sei que sou amada por ele até ao delírio. O meu casamento seria uma fortuna para duas famílias, e a desesperação das minhas rivais. Não importa. Rejeito o primo Pessanha, porque não há naquela alma o fogo, o êxtase, o amor doido e vertiginoso de António Soares. Aparece-me João Leite, que não ousa inda na minha presença balbuciar a declaração do seu amor; mas eu tenho a profunda convicção de que ele, no momento em que um meu sorriso complacente o anime, irá pedir-me a meu pai. João Leite, além de rico, é deputado, e será brevemente ministro. Não importa. Entre mim e João Leite está uma imagem poética, ideal e desprendida das mesquinhas glórias da terra. Vejo Soares, amante como Tasso, e arroubado como Camões, apontando-me para o céu da poesia em que as nossas almas se devem ver à luz da bem-aventurança do amor.

1ª DAMA – Estás arrebatada, menina!

2ª DAMA – Perdida!

3ª DAMA – Para que a interrompem! Era um gosto ouvi-la!

D. LEOCÁDIA – Expandi-me! Sinto-me melhor! Precisava que me ouvissem este protesto contra o materialismo do século. Queria que me escutassem muita gente, e que o rubor do pejo subisse às faces das mulheres para quem o talento, o estro e o poeta não passa de um adorno do *Jardim das Damas*, ou do *Almanaque de Lembranças*, queria que...

CAMILO CASTELO BRANCO

CENA II

AS MESMAS e A BARONESA

A BARONESA – Menina, teu pai vem aqui falar-te sobre negócios de grande peso. Vê como te portas.

D. LEOCÁDIA – A mamã poderá dizer-me o que são negócios de peso?

A BARONESA – É um negócio sério; está dito tudo.

D. LEOCÁDIA – Negócios comigo, não sei quais sejam; salvo se querem outra vez afligir-me com casamentos impossíveis. Se é para isso...

A BARONESA – E se for para isso, indiscreta?

D. LEOCÁDIA – Sustentarei a dignidade de mulher e a liberdade do coração.

A BARONESA – Esqueces que falas com tua mãe, Leocádia?

D. LEOCÁDIA – Não, minha senhora, não esqueço que falo a minha mãe; lembro-lhe apenas que posso aceitar o seu desprezo e a morte, mas não o suicídio lento. Mulheres como eu, morrem e vingam-se.

A BARONESA – Esse palavreado não é teu, Leocádia. Tens a cabeça cheia de versos; mas aí vem teu pai responder à tua bacharelíce. Se te não mandassem ensinar gramática francesa e geografia, havias de ter outras ideias a respeito do mundo. A culpa teve-a teu pai... Eu bem lhe disse que te mandasse aprender a ler somente o necessário para te encomendares a Deus. Ele quis por força fazer de ti uma literata, e o resultado é isto que se vê... Agora ele que responda aos teus discursos... Ele aí vem.

CENA III

AS MESMAS, O BARÃO e O MORGADO

- O BARÃO – (*Fora*). Faz favor de entrar, Morgado. A toda a hora é bem-vindo. (*Na cena*). Aqui está o nosso bravo, que sabe ensinar crianças e dar o seu a seu dono.
- O MORGADO – Isso são favores, senhor barão. Ora viva a senhora baronesa e mais a bela sociedade. Está melhorzinha do seu flato, a menina?
- D. LEOCÁDIA – Agradecida, estou melhor, e V. S.^a como está?
- O MORGADO – Assim, assim. Não me dou bem com as comidas de Lisboa. Lá na minha hospedaria põem-me na mesa umas iguarias à francesa que não têm senão casca e molho. A gente come daquelas fritangadas, e fica com vontade de comer e o estômago derrancado. Nós cá, os portugueses, sabemos comer muito melhor que os estrangeiros. Os franceses, por exemplo, não sabem o que é arroz de pato. As senhoras já comeram arroz de pato?
- O BARÃO – Pois não! Em minha casa usa-se muito. Está V. S.^a convidado para jantar hoje connosco. Há-de ter o seu manjar favorito.
- O MORGADO – A que horas se janta cá em casa?
- O BARÃO – À hora regular.
- O MORGADO – À uma hora? É do que eu gosto. Cá em Lisboa é costume jantar-se à hora em que eu ceio na minha terra, das cinco *pràs seis*.
- O BARÃO – Pois essa é justamente a nossa hora; mas em atenção ao sr. Morgado jantar-se-á mais cedo.

CAMILO CASTELO BRANCO

O MORGADO – Não, senhor, tudo se arranja; eu vou jantar à minha hora, e venho *ceiar* às seis com o senhor.

O BARÃO – Que tem feito nestes três dias, que não apareceu?

O MORGADO – Ora, que hei-de eu ter feito? Vamos a descansar o corpo. (*Senta-se*). Sente-se, sr. barão. Isto quem andou não tem para andar. Já cá estão os meus quarenta e três feitos.

A BARONESA – Ninguém o há-de dizer! Está muito bem conservado; parece um rapaz!

O MORGADO – Eu sei-me tratar, senhora baronesa. Nunca tive senão duas doenças graves: dores reumáticas nas canelas, e a espinhela caída. De resto, aqui não entra nada. Quantos anos tem a senhora?

A BARONESA – Eu?... Tenho... Não me recordo... Devo ter... Pouco mais ou menos...

O MORGADO – Há-de ter os seus *cincoenta*, para cima, que não para baixo.

A BARONESA – (*Vexada*). Não tanto... Não tanto, sr. Morgado...

O MORGADO – Não? Pois olhe que está bastante avelhada, mas gordinha... Acho que não come à francesa... Faz muito bem.

O BARÃO – Vamos a saber o que tem feito o sr. Morgado?

O MORGADO – Eu lhe digo: o tal sujeito dos bigodes desafiou ao João Leite, já sabia?

O BARÃO – Não sabia. Pois efectivamente houve duelo?

O MORGADO – E havia muita mostarda, se não fosse eu.

O BARÃO – Conte-nos isso.

O MORGADO – O tal *espinafre* do Soares...

D. LEOCÁDIA – (*Erguendo-se irada*). Senhor!

O BARÃO – Isso que é, Leocádia?

D. LEOCÁDIA – Acho indecoroso que estejam dando epítetos ridículos a um cavalheiro que já frequentou esta casa.

O BARÃO – Não lhe concedo reflexões. Retire-se desta sala.

A BARONESA – Modera-te, modera-te, Manuel Francisco. Senta-te, Leocádia, e escuta em silêncio; mas bom será que o sr. Morgado não ofenda as pessoas de que fala. A civilidade é a mãe das intimidades agradáveis.

D. LEOCÁDIA – Se a mãe me concede licença, retiro-me.

O BARÃO – Agora há-de ficar. Quero que assista ao ridículo das suas afeições indignas de si e de mim.

O MORGADO – Leva rumor! Isto não vai a ralhar. A senhora disse agora que a civilidade era a mãe dos agrados.

A BARONESA – Das intimidades agradáveis... Não corrompa.

O MORGADO – Pois eu corrompo?! Nunca corrompi ninguém. A senhora não sabe os meus costumes. Eu acho que o tal Soares é um *espinafre*. *Espinafre*, lá na minha terra, chamam-se uns valdevinos sem casa nem beira, que trazem as mãos no ar com bula do Papa, e que vêm a este mundo como vêm as ortigas e o arroz dos telhados, que não prestam *pra* nada. Ora aí está o que eu queria dizer na minha de *espinafre*.

O BARÃO – Disse muito bem... Não dê satisfações; faz favor de continuar.

O MORGADO – Lá vou; mas aquela menina *incavacou* por eu dizer *espinafre*!

O BARÃO – Não faça caso, Morgado. Minha filha está passando por uma época de loucura, que hoje mesmo há-de fazer crise... Queira dizer.

CAMILO CASTELO BRANCO

O MORGADO – Ela está a chorar; não digo mais nada.

D. LEOCÁDIA – É de indignação que eu choro! Não esperava que meu pai quisesse forçar-me ao ridículo desta cena.

AS TRÊS DAMAS – (*Levantando-se e falando alternadamente*).

1ª – Não te aflijas.

2ª – Não faças caso.

3ª – Deixa falar.

1ª – Que triste coisa!

2ª – Sê forte.

3ª – Não chores, priminha!

O MORGADO – (*À parte*). Que *ingresia!*

A BARONESA – Vamos, meninas. Vem, Leocádia, tens razão.

CENA IV

O BARÃO e O MORGADO

O MORGADO – Tenho pena dela, coitada! Enquanto a mim, a moça tem paixão de alma pelo tal troca-tintas! Deu-lhe *pràli* a pancada...

O BARÃO – É uma cegueira; mas espero que hoje se lhe abram os olhos.

O MORGADO – Isso não é mau; e se não é segredo, diga lá como há-de ser isso de lhe abrir os olhos.

- O BARÃO – Conto com a sua discrição, Morgado, e não duvido dizer-lhe o que há, porque já sei quanto V. S.^a fez em obséquio ao meu nome, embaraçando que o desafio tivesse algum resultado funesto.
- O MORGADO – Ah! Então o senhor já sabia, e estava a fazer-se tolo...
- O BARÃO – Sabia; mas queria que minha filha se envergonhasse de ser a heroína da história.
- O MORGADO – (*Espantado*). De ser quê?! Faz favor de dizer outra vez essa palavra.
- O BARÃO – A heroína da história que o Morgado ia contar.
- O MORGADO – A heroína! Pois sua filha é heroína! Oh! Isso é má coisa!
- O BARÃO – Talvez que o sr. Morgado não ligue à palavra a justa ideia. *Heroína* quer dizer no nosso caso *motivo* dos sucessos vergonhosos que se deram.
- O MORGADO – Ah! Agora percebo. É porque meu mano frade, quando diz muito mal de uma nossa parenta que tem muito maus costumes, chama-lhe *heroína*... *É uma heroína!*, diz ele. Agora já sei o que quer dizer *heroína*; *verbim gracia*, se eu quiser dizer que não venho cá jantar por motivo de não estar bem do estômago, posso dizer: por *heroína* do estômago. O senhor ri-se? Ninguém nasce ensinado, meu amigo. Eu alguma coisa hei-de vir aprender a Lisboa.
- O BARÃO – Vinha eu dizendo, que conheço e reconheço os favores que V. S.^a me fez, obstando ao desafio. Sei que o Morgado se apresentou no Campo Grande, à hora em que deviam bater-se Soares e João Leite. Sei que os quis quietar com boas razões, e que chegou a ameaçá-los...
- O MORGADO – De dar tanto num como noutra pancada de criar bicho, isso é verdade; e se não se acomodam, os tais ferrun-

CAMILO CASTELO BRANCO

chos com que se queriam furar um ao outro, haviam de ir em cata deles com as canas dos braços.

O BARÃO – Sei que depois o infame Soares, para convencer o auditorio de que tinha direitos de preferênciã ao coração de Leocádia, apresentou um maço de cartas, e teve o despejo de ler uma em que minha perdida filha o autorizava a tirar-ma judicialmente. Sei mais, que o Morgado lhe quis arrancar as cartas, o que decerto faria se as testemunhas do duelo se não opusessem vigorosamente a isso...

O MORGADO – Estava eu para bater em todos; mas neste comenos chegou um rancho de mulheres, que vinham em passeio de burrinhos, e acabou-se a pendência.

O BARÃO – Tudo sei. Agora saiba o meu amigo que fui avisado de que vem hoje aqui o juiz buscar minha filha para depósito, a requerimento dela para casar com António Soares.

O MORGADO – Que me diz?! Quer o meu amigo que eu a leve para o Minho?

O BARÃO – Mil vezes grato ao seu novo obséquio; há remédio menos violento e mais salutar. O meu amigo verá como vêm a terra todos os castelos que o pobre visionário levantou na sua fantasia, e terá ocasião de ver como são as paixões destes peralvilhos, que vêm as mulheres através da riqueza dos pais.

O MORGADO – Acho que é bem feito; mas se vir que a moça não tem juízo, eu vou levá-la a minha casa, e entrego-a ao mano frade, que é um santo varão. Lá há-de ser tratada como uma princesa. Tenho a casa petrechada à moderna, e agora quando for hei-de levar um piano e outros instrumentos, para quando eu casar, ter a mulher com que se entretenha.

O BARÃO – Pois tenciona casar brevemente, Morgado?!

O MORGADO – Não sei quando isso será; isto de mulheres é preciso escolhê-las com vagar, i-las estudando e examinando à medida que vão aparecendo. Não há remédio senão casar tarde ou cedo, porque não quero que o vínculo de meus avôs passe para parentes. Tenho uma casa de lavoura, que rende quinze mil cruzados limpos e secos, e quero deixá-la ao meu sangue.

O BARÃO – (*À parte*). Que ideia!

O MORGADO – Eu, não se me dava de casar, à proporção, com uma menina de boa gente, e que tivesse um palmo de cara simpático, porque, a falar a verdade, uma mulher bonita é coisa boa, sr. barão. Eu já li na novela de um grande matemático que o homem sem mulher é como o peixe fora de água, é o meu mano frade é da mesma opinião.

O BARÃO – Assim o entendo também eu. A vida de casados é o único estado em que, neste mundo, se encontra a sólida e verdadeira felicidade. Anda muito acertadamente, casando, meu amigo, e a senhora que o merecer, há-de ser forçosamente feliz. Oxalá que a fortuna me depare a minha filha marido tão digno como V. S.^a.

O MORGADO – Isso são favores, senhor barão. A sua filha é criatura galante, e quando Deus me castigar, seja com ela assim. Mas se quer que lhe diga, acho-a viva de mais. Meu irmão frade diz que as mulheres *ideotas* não provam bem...

O BARÃO – Mas minha filha não é idiota.

O MORGADO – Quero dizer... *Ideota*, que tem lá umas ideias desarranjadas...

O BARÃO – Mas isso é uma grande injustiça que o Morgado faz a Leocádia. Minha filha é uma menina esmeradamente educada. Tem talento e leitura; mas os dons do espírito não prejudicam as boas qualidades do coração. Se a vaidade de pai

CAMILO CASTELO BRANCO

me não engana, ousou profetizar ao homem que esposar a minha Leocádia uma vida venturosa.

O MORGADO – *Hum...* Não me cheira, há-de perdoar. A sua filha tem pancada, e tem mau génio. Não a viu ainda agora assanhada como uma cobra?

O BARÃO – Mas não viu com que docilidade ela obedeceu e chorou arrependida do seu ímpeto de mau génio? Creia que minha filha tem uma boa alma, e os cuidados de esposa hão-de torná-la branda, afectuosa, e boa para todos.

O MORGADO – Não acho isso muito bom para um marido, sr. barão. Se eu fosse o marido, queria que ela fosse boa só para mim. Eu cá penso assim.

CENA V

OS MESMOS e UM CRIADO

CRIADO – O senhor Pessanha pergunta se V. Ex.^a pode falar-lhe.

O BARÃO – Que entre. Precisa anunciar-se?

CRIADO – Quer falar com V. Ex.^a particularmente, por isso me mandou saber se era ocasião de o receber.

O BARÃO – Condu-lo à sala do meio. (*O criado sai*). Se V. S.^a me dá licença, vou falar ao meu primo. Creio que será assunto de muito desgosto para mim. Demora-se V. S.^a alguns momentos? Eu vou mandar alguém com quem converse.

O MORGADO – Eu vou ver, à minha vontade, a memória do Terreiro do Paço, e volto depois.

O BARÃO – Irá na minha carruagem, que vou logo ao Ministério da Fazenda. Não o deixo sair. (*Toca a campainha*).

O MORGADO – Então vá lá arranjar a sua vida.

O BARÃO – (*Ao criado*). Diga às senhoras que venham fazer companhia ao senhor Morgado. Até já. (*Sai*).

CENA VI

O MORGADO. (*Só*).

O MORGADO – (*Passeando*). Diz o meu mano frade que não há peito humano em que o deus Cupido não faça estragos, mais hoje ou mais amanhã. Desde que o barão me disse que eu podia ser marido da filha, começo a sentir cá no interior uma coisa assim a modo de formigueiro. Eu não topei ainda criatura que tanto me enchesse as medidas. É boa duma vez!

CENA VII

D. LEOCÁDIA, AS TRÊS DAMAS e O MORGADO

D. LEOCÁDIA – (*Entrando enfadada e irónica*). Aqui estamos para o entretermos, sr. Morgado de Fafe.

O MORGADO – Então, está melhorzinha?

D. LEOCÁDIA – Estou boa.

CAMILO CASTELO BRANCO

O MORGADO – É o que se quer. (*Longo silêncio. As damas bocejam, cada uma por sua vez, e igualmente o Morgado, fazendo uma cruz na boca.*)

D. LEOCÁDIA – Então que nos conta, sr. Morgado? Gosta de Lisboa?

O MORGADO – Gosto muito; basta ser a terra da menina.

1ª DAMA – Como sabe dizer coisas bonitas!

2ª DAMA – Já amou, sr. Morgado?

O MORGADO – Se já amei?! A quem?

3ª DAMA – Se já se apaixonou?

O MORGADO – A menina porque diz isso? Conhece-me pelos olhos?

D. LEOCÁDIA – É desejo de saber se o seu coração está virgem.

O MORGADO – Já estive, mas agora não está.

2ª DAMA – Quer dizer que ama agora?

O MORGADO – Pode ser que sim. Ninguém está livre de pagar o tributo da mocidade.

1ª DAMA – Querem ver que se apaixonou em Lisboa!

D. LEOCÁDIA – Conte-nos isso.

3ª DAMA – Está sentimental, não acham?

D. LEOCÁDIA – Há não sei quê de poética melancolia neste todo. Está na fase poética do amor. Eu adivinho que é uma das minhas primas a ditosa Julieta deste Romeu. Não é, sr. Morgado?

O MORGADO – Não é o quê?

D. LEOCÁDIA – Não é uma das minhas primas a sua paixão?

O MORGADO – Qualquer delas é bem bonita, mas... Como o outro que diz... São gostos.

D. LEOCÁDIA – É uma delas, aposto!

O MORGADO – Não atinou. Diz meu mano frade que onde está a lua cessam as estrelas.

3ª DAMA – (*Rindo com as outras*). A lua és tu, Leocádia!

D. LEOCÁDIA – Eu sou a lua, sr. Morgado?

O MORGADO – Não desfazendo em ninguém...

D. LEOCÁDIA – (*Rindo*). Por conseguinte, a ditosa sou eu?

O MORGADO – Isso veremos... O amor é cego, e há coisas que parece que vêm tiradas da baralha...

1ª DAMA – Tens um condão fatal, prima!

2ª DAMA – És uma Labarrère. Não há urso que te resista.

3ª DAMA – Triunfos sobre triunfos! Faltava-te este, Leocádia!

D. LEOCÁDIA – Estou vaidosa de inspirar-lhe um sentimento novo. Diga-me, com que pude eu prendê-lo?

O MORGADO – (*Tomando-lhe a mão, que leva aos lábios*). Com esta mãozinha.

D. LEOCÁDIA – (*Retirando a mão. Levantam-se todos*). Ah! Poluiu-me.

CAMILO CASTELO BRANCO

CENA VIII

AS MESMAS, O BARÃO e PESSANHA

PESSANHA – Minhas senhoras... Como passou, prima Leocádia? O sr. Morgado... Rijo e intrépido, como um português dos bons tempos, não é assim? Olhe que tem já em Lisboa reputação de rico e valente. Não lhe falta nada para se fazer querido das damas, e respeitado dos homens.

O MORGADO – Enquanto a rico, tenho com que viver; a respeito da valentia, sou homem para o meu homem, e para dois, sendo necessário.

PESSANHA – (*Irónico*). Estranho a seriedade com que se digna falar-me. Dar-se-á caso que eu incorra inocente no desagrado de V. S.^a? Não me condene, sem me ouvir.

O BARÃO – O sr. Morgado não pode ter motivo algum de queixa do primo Pessanha. Está triste, ao que parece; mas, enquanto a mim, são saudades da sua terra. Adivinhei?

O MORGADO – Não me sinto bom cá por dentro. Eu vou dar um passeio, e volto logo.

O BARÃO – Já sei o que precisa. Ó meninas, vão *lanchar* com o sr. Morgado, e Leocádia fica por alguns momentos connosco. Vá, Morgado. Tem excelente fiambre, apetitosas sardinhas de Nantes, excelente *Porto* e *Bordéus*. Vão, meninas.

O MORGADO – E a sr.^a D. Leocádia não vem?

O BARÃO – Vai lá ter; preciso dela aqui.

O MORGADO – (*Afastando-se com o barão para um lado*). Com licença destes senhores, dê-me aqui uma palavra. Que há de novo?

- O BARÃO – Logo falaremos, Morgado... Espero que tudo se consiga à medida dos meus desejos.
- O MORGADO – A menina casa com aquele sujeito?
- O BARÃO – Pude resolvê-lo a isso.
- O MORGADO – O senhor faz uma asneira quadrada.
- O BARÃO – Porquê?
- O MORGADO – (*Querendo retirar-se, e o barão retendo-o*). Não lhe digo mais nada.
- O BARÃO – Diga, não me deixe ficar perplexo.
- O MORGADO – E o que lhe digo: faz uma asneira em casar sua filha com ele.
- O BARÃO – Mas porquê? Explique-se se é meu amigo.
- O MORGADO – Quanto vale a casa daquele janota?
- O BARÃO – Poderá valer cem mil cruzados.
- O MORGADO – Pois a minha casa vale perto de quatrocentos mil cruzados em propriedades; e eu daqui a oito dias, se Deus quiser, sou visconde de Fafe... Não lhe digo mais nada. (*Saindo*). Vamos ao presunto, meninas. (*O barão fica meditativo*).

CAMILO CASTELO BRANCO

CENA IX

D. LEOCÁDIA, O BARÃO e LUÍS PESSANHA

PESSANHA – Que lhe diria o alarve, que o deixou tão abstracto, primo barão?

O BARÃO – Uma coisa singular... Pediu-me a mão de Leocádia. (*Pessanha e Leocádia riem-se*).

PESSANHA – E o primo *poude* ouvi-lo sem responder-lhe com uma risada?!

O BARÃO – Eu não gosto de ofender ninguém...

PESSANHA – Mas o seu ar pensativo denota o embaraço de quem ouviu a proposta como coisa séria!...

O BARÃO – Séria... Não direi... Mas foi uma surpresa, e... Tudo que é surpresa, faz-me... Faz-me uma certa confusão...
 O Leocádia, que te disse o Morgado enquanto eu estive com teu primo?

D. LEOCÁDIA – Fez-me uma declaração muito tola.

PESSANHA – E a prima *poude* ouvi-lo com a seriedade de seu pai?

D. LEOCÁDIA – Ouvi-o a rir-me, e senti que a cena fosse tão depressa interrompida.

PESSANHA – Primo, acorde desse letargo! Quer casar sua filha com o Morgado de Fafe?

O BARÃO – Eu não disse tal...

D. LEOCÁDIA – Acho chiste à pergunta do primo Pessanha. Pelo que vejo, o casar eu com o Morgado de Fafe é um acto em que a minha vontade não entra por coisa nenhuma...

PESSANHA – Como sei que é filha obediente...

D. LEOCÁDIA – Mas injúria meu pai, julgando-o capaz de me impor despoticamente um semelhante marido!... Nem falemos nisso, que me enjoa.

PESSANHA – Prima Leocádia, tem reconhecido que eu a amo e prezo com todas as veras da minha alma?

D. LEOCÁDIA – Não duvido, primo Pessanha.

PESSANHA – Há uma hora estavam mortas as esperanças de identificá-la à minha existência; mas a fatalidade é inexorável. Não posso esquecê-la. Não posso culpá-la, senão para perdoar-lhe logo.

D. LEOCÁDIA – A indulgência é a primeira virtude das almas generosas. Fez um acto de caridade, perdooando-me.

PESSANHA – Não sei quando a prima é irónica ou ingénua.

O BARÃO – Não há ironia alguma. Leocádia, eu dei a teu primo a minha palavra de cavalheiro de que serás sua mulher. O teu coração confirma a palavra de honra de teu pai?

CENA X

OS MESMOS, O MORGADO e AS DUAS DAMAS

(As damas seguem o Morgado, dando grandes risadas).

O MORGADO – *(Indo direito ao barão)*. São as moças mais patuscas que eu tenho visto! Têm o sangue na *guelra* o diacho das travessas! Tomaram-me à sua conta, e não me largam! E o caso

CAMILO CASTELO BRANCO

é que eu gosto de todas, como se fossem minhas parentas. Hão-de ir passar um verão a minha casa a Fafe, e mais o tio. Não convido a sr.^a D. Leocádia, porque sei que vai tomar estado, e oxalá que seja feliz.

1^a DAMA – (*A Leocádia*). Não sabes quem está na sala do piano com a tua mamã? O João Leite.

O BARÃO – Pois ele está cá? Não sabia!

O MORGADO – Vem despedir-se... Pobre rapaz!

O BARÃO – Despedir-se! Pois as cortes ainda há pouco se abriram, e ele retira já!?

O MORGADO – É verdade... O homem tem o coração ao pé da boca, e levou uma amoladela mestra! Ontem fui dar com ele a chorar como uma criança; e tinha uma tosse de esgana que o há-de levar à sepultura no *vício* da mocidade. De há três dias para cá pesa menos arroba e meia. O amor quando pega de veras, é pior que a própria morte!

CENA XI

OS MESMOS, A BARONESA, JOÃO LEITE e O MORGADO

O BARÃO – Seja bem aparecido, sr. João Leite! (*A baronesa limpa as lágrimas. João Leite cumprimenta de um triste relance de olhos*). Que tristonho semblante é esse?

O MORGADO – (*Contemplando J. Leite*). Está na espinha!

LEITE – Venho cumprir três missões, e cumpro-as de luto. A primeira agradecer a hospitaleira intimidade com que fui acolhido por V. Ex.^a e sua estimável família. Segunda, pedir

com lágrimas nos olhos, que me seja perdoada a parte que me toca no desgosto que esta família recebeu. Finalmente, retirando-me para a minha província, venho pedir a V. Ex.^{as} que me honrem com a sua estima, e assim me convençam de que não fica sendo nesta casa lembrança de um amigo ausente, uma lembrança que desperta um desgosto.

A BARONESA – Pelo contrário, sr. João Leite, o seu nome fica impresso em nossas almas; e eu sinto que os meus rogos não consigam mudar o propósito da partida.

O BARÃO – Que motivos, porém, o levam tão triste de Lisboa? Um homem tem obrigação natural e moral de ser superior aos infortúnios, e muito mais àqueles que o não são, vistos três meses depois. Seja forte, sr. Leite. Vença as contrariedades, não lhes fugindo. Olhe que a desgraça foge muitas vezes à intrepidez de quem avança para ela.

O MORGADO – Apoiado! O meu mano frade também diz isso.

LEITE – Saber morrer é a suprema das coragens, sr. barão, e saber calar a dor sem responsabilizar alguém por ela, é a suprema das virtudes.

PESSANHA – (*À parte*). É ridículo este galã de farsa!

D. LEOCÁDIA – (*Comovida*). É uma nobre e poética alma, sr. Leite. Aperte a mão duma amiga, que lhe recebe o seu último adeus com a simpatia da admiração, e a saudade dos corações que aspiram a um mundo melhor que este.

O MORGADO – (*Limpendo as lágrimas ao pé da baronesa que também chora*). Nós, os velhos, não servimos para isto, sr.^a baronesa. Somos dois corações sensíveis. (*A baronesa retira-se com um gesto desprezador*).

LEITE – Vejo que inspiro sentimentos de piedade; mas não vim a solicitá-los. Poderia ser desprezível aos olhos dos outros; mas aos meus próprios... Não o seria jamais. Eu não peço a

CAMILO CASTELO BRANCO

ninguém admiração, nem simpatia, nem saudade, que não seja a da simples e sincera afeição que se deve a quem nos respeita e preza.

O MORGADO – (*Chorando*). Acabe lá com isso por quem é, homem!
Eu nunca chorei tanto na minha vida.

O BARÃO – Todos sofremos...

A BARONESA – A consternação é geral!

LEITE – Não abusarei por isso da sensibilidade de pessoas que me são tão caras. Minhas senhoras, sejam felizes. Sr.^a baronesa, sr. barão, sr. Pessanha... (*Vai a sair*).

O MORGADO – Espere aí que eu também vou... Onde está o meu chapéu?

CENA XII

OS MESMOS e UM CRIADO

CRIADO – Está ali o sr. juiz de direito e outro homem, que querem falar a V. Ex.^a.

O BARÃO – Que entrem nesta sala. (*O criado sai*). Meus amigos, demorem-se alguns instantes, para serem testemunhas dum espectáculo doloroso.

O MORGADO – (*À parte*). Lá vai a rapariga com a breca!

O BARÃO – Vão lamentar um pai que cria uma filha com extremos de ternura, para, no inverno da vida, ver essa filha protestar perante a lei contra a vontade santa do pai que quis salvá-la dum abismo.

A BARONESA – Leocádia, não te comoves?

O BARÃO – Estou desligado da minha palavra de honra, primo Pessanha, desde o momento em que essa filha amaldiçoada alienou os sentimentos de brio.

CENA XIII

OS MESMOS, O JUIZ e O ESCRIVÃO

O JUIZ – Qual de V. Ex.^{as} é o barão de Caçurrães?

O BARÃO – Sou eu, senhor.

O JUIZ – (*Examinando o requerimento*). E a Ex.^{ma} sr.^a D. Leocádia Ernestina de Magalhães? (*Silêncio de instantes*).

O MORGADO – É aquela que está acolá.

O JUIZ – (*Ao escrivão*). Leia o requerimento.

O ESCRIVÃO – (*Lendo*). «Diz D. Leocádia Ernestina de Magalhães, filha de...»

O BARÃO – Não diga o resto, sei o conteúdo, ela sabe-o também.

O JUIZ – (*A Leocádia*). Persiste na ideia de ser depositada judicialmente, para do depósito haver dispensa de consentimento paternal para o fim de contrair matrimónio com o sr. (*Lendo o requerimento*) António Soares de Carvalho?

D. LEOCÁDIA – Sim, senhor.

O BARÃO – Sr. juiz, eu dou, a requerimento, consentimento para se casar com quem quiser.

CAMILO CASTELO BRANCO

O JUIZ – Em tal caso cessa desde já a interferência da lei neste negócio.

O BARÃO – Quando o sr. António Soares procurar o resultado da diligência, pode V. S.^a dizer-lhe que venha quando queira buscar a que há-de ser sua mulher.

O ESCRIVÃO – O sr. Soares estava agora na loja fronteira do palácio de V. Ex.^a.

O BARÃO – Sim, tanto melhor. (*Toca a campainha*).

O MORGADO – (*Ao ouvido do barão*). Eu vou lá arrancar-lhe as orelhas...

O BARÃO – Tenha prudência. (*Ao criado*). Na loja fronteira está o sr. António Soares, vá dizer-lhe que é aqui esperado.

O JUIZ – Eu congratulo-me pelo tão feliz como inesperado desfecho deste caso, cujas consequências são sempre desagradáveis. A moralidade pública e a felicidade doméstica lucram sempre com resoluções desta espécie.

O MORGADO – O sr. juiz, ainda que eu seja confiado, faz favor de me dizer, se um homem que não tem modo de vida, pode meter a justiça pela porta dentro dum pai, e tirar-lhe a filha, para depois fazerem ambos cruces na boca?

O JUIZ – Dada tal hipótese, ao pai incumbe estorvar o casamento com razões, que devem fazer peso na balança da justiça.

CENA XIV

OS MESMOS e ANTÓNIO SOARES

O BARÃO – Entre sem acanhamento nem vergonha, sr. Soares.

O MORGADO – Isso faz ele...

O BARÃO – Leocádia Ernestina de Magalhães requer dispensa de consentimento paterno para casar com António Soares de Carvalho. É um requerimento ocioso. Dá-se amplo consentimento. Saibam, porém, os noivos que não têm a haver desta casa um ceítel. Os meus haveres hei-de realizá-los em moeda dentro de quarenta e oito horas, e depois irei com minha mulher para o estrangeiro, onde me não chegue a notícia do arrependimento de dois desgraçados. Casem-se, embora, mas não apelem para a minha compaixão, quando a penúria lhes bater à porta. A miséria há-de castigá-los, mas eu quero, e hei-de ignorá-la, porque me não deleito na vingança. Disse. (*Senta-se. Silêncio longo*).

A BARONESA – Leocádia, minha infeliz filha, teu pai quer salvar-te... Ainda é tempo....

O BARÃO – Sr. Soares! A sua paixão por minha filha não lhe inspira uma resolução nobre e admirável na desgraça? Aceite Leocádia pobre. Engrandeça pela indignência o seu amor.

O MORGADO – Bem se fia ele nisso!

O JUIZ – Aqui já se não trata do coração... Trata-se... Trata-se....

O MORGADO – Da barriga.

O JUIZ – (*Rindo com o escrivão*). Disse bem; é isso em português castiço.

CAMILO CASTELO BRANCO

O MORGADO – Mas V. S.^a talvez não saiba que aquele senhor é poeta... E...

O JUIZ – Já sei; mas também é verdade que a mais nobre e santa expressão da poesia, a condolência dos males alheios, e o remediá-los à custa mesmo de sacrifícios próprios, é realizar a mais augusta poesia do Evangelho.

O MORGADO – O homem parece um missionário!

O JUIZ – E, portanto, sr. Soares, se me permite que eu seja o intérprete dos seus generosos sentimentos, asseguro ao sr. barão de Caçurrães, que por parte de V. S.^a há desistência deste mal agourado consórcio.

SOARES – Eu seria capaz de mendigar por portas para sustentar minha mulher, mas não a julgo bastante forte para sustentar o infortúnio.

D. LEOCÁDIA – Isso é uma injustiça que faz à minha coragem. Eu aceitaria contente a pobreza de meu esposo; mas não posso consentir que ele seja desgraçado por minha causa.

SOARES – Aceito a desgraça como um heroísmo do amor; mas não posso arrastar na minha queda a mulher que eu queria erguer sobre um trono.

D. LEOCÁDIA – Desprezo as pompas do mundo e a vã ostentação dos espíritos fracos: ser-me-ia porém eternamente angustioso ver privado por minha causa desses bens o homem que hei-de amar até ao último suspiro.

O MORGADO – (*À parte*). Estão bonitos. (*Levantam-se todos*).

O JUIZ – Das amantíssimas expressões que se trocaram, inferimos todos, que ambos se amam extremamente, mas que nenhum dos dois aceita a responsabilidade de fazer desgraçado o outro. São duas inocentes almas que nunca tinham pensado nisto. O raio da razão veio muito a tempo felizmente.

Congratulo-me de novo com os excelentíssimos pais da sr.^a D. Leocádia, dou por cumprida a minha missão de juiz, e, despedindo-me, peço licença para dizer também a minha missão de amigo. O sr. Soares tem na minha sege um lugar à sua disposição. Meus senhores...

O BARÃO – Os donos desta casa oferecem-se ao amigo que lhe foi deparado por um desgosto. Há males que trazem bens, sr. juiz... (*O juiz corteja e sai com o escrivão e Soares*).

CENA XV

LUÍS PESSANHA, O BARÃO, A BARONESA, JOÃO LEITE,
O MORGADO, D. LEOCÁDIA e AS TRÊS DAMAS

PESSANHA – (*Tomando o chapéu*). Duas palavras somente, primo barão. Desquito-o da sua palavra de honra. Retiro-me vexado de lha ter pedido como fiança daquela senhora. Quando sua filha tiver um marido que a *distanceie* daqui, continuarei a ser o amigo frequentador desta casa. (*O Morgado à esquerda observando*).

O BARÃO – Primo Pessanha, o facto de minha filha ter desmerecido no seu conceito não deve afugentá-lo desta casa. Ouso até dizer-lhe que a honra de minha casa não sai dela com V. Ex.^a. Para minha filha há-de haver sempre um marido que possa estender a mão a V. Ex.^a.

PESSANHA – Eu é que não sei se poderei aceitar-lha. Para uma mulher há diferentes degradações na escala humana.

D. LEOCÁDIA – Há uma terrível... Podia havê-la para mim... Dessa estou eu salva, porque nunca serei sua, sr. Pessanha.

CAMILO CASTELO BRANCO

PESSANHA – (*Irónico*). Conta com os seus adoradores, minha senhora? Tem dois na sua presença: um pediu-a a seu pai; e o outro confessou na presença de todos nós uma paixão que o há-de matar. Escolha. (*Arreda-se para a esquerda*).

D. LEOCÁDIA – Eu não escolho; rejeito-os a todos.

LEITE – (*Avançando*). Era escusado escolher, minha senhora. Em minha alma há uma parte ferida de morte; mas há uma outra, a da honra, invulnerável. Não vim pedi-la para minha mulher; vim despedir-me. Cumpri, e se ainda aqui estou, foi porque o sr. barão pediu o meu testemunho num espectáculo de que levo uma impressão que me há-de curar.

O BARÃO – Teve uma ridícula ideia, sr. Leite, rejeitando minha filha que ninguém lhe ofereceu. Saibam o sr. Pessanha e o sr. Leite que a mão de Leocádia pertence ao meu prezado e honrado amigo, o sr. Morgado de Fafe.

O MORGADO – Eu vou-me embora também, sr. barão. Estes dois senhores deram as suas razões, eu dou as mesmas razões, e mais uma, e é que não quero casar, por quatro razões. Primeira, porque meu irmão frade diz: «Antes que cases, olha o que fazes»; segunda porque...

O BARÃO – Basta. Saiam todos de minha casa...

O MORGADO – A segunda porque acho que está no seu direito.

O BARÃO – Torno-lhe a dizer, senhor, que...

O MORGADO – A terceira... Porque... Está no seu direito, e como não quer ouvir, sem mais...

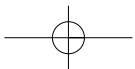
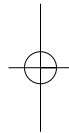
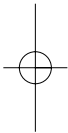
O BARÃO – É de mais. Já, já fora. (*Saem todos*).

A BARONESA – (*Caindo desfalecida numa cadeira. As damas a rodeiam*). Oh! Meu Deus, um insulto destes!.... Na minha idade...

O MORGADO – (*Tornando a entrar*). Oh! O meu chapéu. Queiram perdoar, porque me tinha esquecido o chapéu. (*Pega no chapéu, faz uma reverência e sai a um sinal do barão. Cai o pano*).

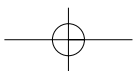
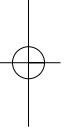
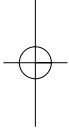
FIM





O MORGADO DE FAFE AMOROSO

(COMÉDIA EM TRÊS ACTOS)



O MORGADO DE FAFE AMOROSO



O Morgado de Fafe Amoroso. Teatro Experimental do Porto (1958). Encenação de António Pedro. Cenografia de Baptista Fernandes.

CAMILO CASTELO BRANCO

PERSONAGENS

MORGADO DE FAFE

JOÃO ÁLVARES

BERNARDO DA GAMA

PÔNCIA DO ROSÁRIO

HEITOR FALCÃO

D. HERMENEGILDA FALCÃO

D. VICÊNCIA

QUATRO SUJEITOS

UM CRIADO DE HOTEL

ROMEIROS E ROMEIRAS

UM TOCADOR DE REALEJO

A cena passa-se na Foz do Porto em 1862.

ACTO I

Vista de sala com seis portas laterais e janelas.

CENA I

JOÃO ÁLVARES e PÔNCIA

(João Álvares anda, pé ante pé, espreitando à fechadura das portas laterais. Traja robe-de-chambre, e lenço branco atado à cabeça).

PÔNCIA – *(Entrando por uma das portas da direita)*. Credo!... O sr. João anda assim vestido à fresca! Isso é feito! Olha que preparo!... Valha-o Deus! Suou três camisas, e pranta-se aí com o cadáver ao ar!...

JOÃO – Diz bem, tia Pôncia. Isto já não é senão um cadáver, lançado à margem, e exposto aos corvos e abutres das paixões carnívoras.

PÔNCIA – Que está aí a alanzoar o sr. João? Vá-se vestir, ande! Agasalhe-me esse peito, que eu vou dizer ao estalajadeiro que lhe dê de almoçar. É preciso comer!... Leve o demo das paixões que o puseram na espinha!

JOÃO – Comer, tia Pôncia! O que é comer sobre a face da terra, quando a vida vegetal paralisou! O meu alimento é o absinto das lágrimas! Sou o Ugolino da fome do espírito, o Tântalo, o Prometeu devorado pelo incessante abutre!

PÔNCIA – Que *bruto* está aí a dizer! A apostar que lhe fizeram alguma os brutos cá da Foz! Eu sempre tive zanga a esta gente! Pois o estalajadeiro! Isso então é um roubar sem dó nem consciência!

JOÃO – Não me fale nas misérias da vida. Ouça o que eu lhe digo...

CAMILO CASTELO BRANCO

PÔN CIA – (*Lançando-lhe aos ombros um xaile de baeta amarela*). Pois, sim; mas agasalhe-se... Ora, diga lá. Bacoreja-me que temos patavinice de namoricos... Queira Deus que não esteja por aí alguma como a Felizarda do outro ano que lhe pôs o sal na moleira...

JOÃO – Tia Pôn cia! Há uma mulher que não pertence a este mundo.

PÔN CIA – Coitadinha! Foi por ela que tocaram ontem os sinos a defuntos? Então, rezemos-lhe por alma.

JOÃO – Não me corte o discurso! Esta mulher vive.

PÔN CIA – Ah! Sim! Ainda bem; ainda bem!

JOÃO – E vossemecê a dar-lhe! Ouça, e fale quando dever responder. Esta mulher veio ontem à noite de Guimarães, com o morgado de Fafe, e deve estar num destes quartos.

PÔN CIA – Será ela a dona da cabra branca, que me não deixou dormir?!

JOÃO – É a mesma; é a dona da cabra branca. Que imensa poesia tem aquele amor à cabra! Se vossemecê a visse, como eu a vi, a contemplar as estrelas do céu...

PÔN CIA – (*Benzendo-se*). A cabra?! Credo!

JOÃO – A dona, mulher, a dona é que, à uma hora da noite, andava no terraço contemplando o céu.

PÔN CIA – À uma hora da noite uma menina no terraço a ver o sete-estrela! Isso é bruxedo! Cruzes, canhoto! Terá ela fadário?

JOÃO – Fadário tem vossemecê de toleima! Vive comigo há tantos anos, e parece que está cada vez mais tapada, tia Pôn cia!

PÔN CIA – Tapada, eu! Eu tapada porque lhe digo as verdades, sr. João! Não lhe disse eu que a Felizarda era uma trapalhona que lhe dava volta ao miolo? Quando o sr. Joãozinho anda-

va atrás da filha do letrado, não lhe disse eu que a rapariga, às duas por três, se lhe aparecesse brasileiro, era como se nunca nos víssemos, passe por cá muito bem?! E agora queria que eu lhe dissesse mundos e fundos de uma tola que anda pelo mundo com uma cabra atrás dela, e vai à uma hora da noite pôr-se assim de boca aberta a olhar para os planetas? (*Faz o gesto indicado nas palavras*). Deixe-me benzer, e Deus me tenha da sua mão, e mais ao sr. Joãozinho, que o vi nascer, e desde que anda por cá desencabrestado arranja sempre *inguiço* que o tolhe. Sabe que mais, sr. João? Coma, e beba, e tome os seus banhos que é ao que veio; o mais, leve o diabo, Deus me perdoe, as mulheres, e, quando houver de casar, arranje filha de lavrador, que saiba amansar a vida, e não olhe para estas fuinhas de cidade, que parecem mesmo o pecado!... Uma raparigaça de uma vez é a fidalga de Amarante. Aquilo sim! Que cor de saúde, que braços, que ilhargas! E, depois, disse-me a criada que lá em casa matam dez cevados cada ano! Porque não há-de o menino perder o seu tempo com uma moça assim!... Dez cevados por ano! E é fidalga demais a mais!

JOÃO – Cale-se, que me embrutece! Eu posso lá amar uma mulher que almoça presunto assado, e é estúpida como a *couçoeira* de uma porta?! O meu coração tem aspirações delicadas... Eu quero a mulher-espírito, a mulher-poesia, a mulher-génio, a mulher-sonho...

PÔNCIA – (*Tirando do debrum do colete uma figa de azeviche*). Ó sr. Joãozinho, quer sim quer não, faça-me o favor de pendurar ao pescoço esta figa de azeviche! O menino tem coisa ruim no corpo!

VOZ – (*De fora*). Ó João!

JOÃO – Entra Bernardo.

PÔNCIA – Aí vem o extravagante!... Olhe se vem almoçar, menino, e não esteja a ouvir os conselhos do estroina. (*Sai*).

CAMILO CASTELO BRANCO

CENA II

JOÃO ÁLVARES e BERNARDO DA GAMA

JOÃO – E então? Vens de Leça, está claro. Perdeste?

BERNARDO – Como sempre, com mais alguma coisa nova para ter que contar. Perdi o dinheiro que levava, o cavalo que me levou, o relógio que vendi, e a cadeia que ainda não tinha pago. Isto é bonito! Sabes tu que, ali no castelo do Queijo, deram-me venetas de atirar às ondas com esta vida diabólica?

JOÃO – Isso era uma tolice!

BERNARDO – Com que frieza tu recibes um homem aflito!... Quem me dera ser o que tu és, João!

JOÃO – E que achas tu que eu sou?

BERNARDO – És um rapaz de juízo. Tens um cavalo velho e magro, uma casinhola em Cabeceiras de Basto que te rende doze carros de milho, e quinze pipas de vinho verde, e vives feliz!

JOÃO – Não tanto como te persuades, porque tenho aqui dentro (*Com a mão no peito*) uma coisa que me incomoda.

BERNARDO – O coração?!

JOÃO – Sim: este músculo que é o maior aleijão que o Criador podia dar ao homem. Se soubesses o que por cá vai desde ontem!... Mas tu não estás para ouvir o primeiro capítulo do meu último romance... Falemos de ti. Casa-te rico.

BERNARDO – Algumas vezes me tem lembrado essa asneira salvadora, mas sou tão infeliz que receio tornar-me ridículo se a tentar.

JOÃO – O susto é que é ridículo...

CENA III
OS MESMOS e PÔNCIA

PÔNCIA – Está o almoço no quarto a arrefecer: venha daí, menino.
(*Sai*).

JOÃO – (*A Bernardo*). Anda almoçar comigo, e cá falamos. Tu já viste a D. Hermenegilda?

BERNARDO – Já.

JOÃO – Vamos falar largamente de D. Hermenegilda. É a mulher que te convém. (*Saem*).

CENA IV

O MORGADO DE FAFE, D. VICÊNCIA PIMENTEL (*Com a cabra*), D. HERMENEGILDA FALCÃO e HEITOR FALCÃO

HEITOR FALCÃO – (*Como se viessem conversando de fora*). Grande alegria me deu a sua vinda, primo morgado!... Esta senhora é que eu não conhecia. (*As duas senhoras estão afagando a cabrinha*).

MORGADO – (*Ao ouvido de Heitor*). Tem grande pancada na mola!

HEITOR – (*O mesmo*). Também me quer parecer.

MORGADO – (*Alto*). O primo Heitor Falcão havia de conhecer o doutor Pimentel da casa das Lagariças?

HEITOR – Ouvi falar desse doutor.

CAMILO CASTELO BRANCO

MORGADO – Pois a sr.^a D. Vicência é viúva do tal doutor, e veio de Guimarães na minha honrosa companhia.

D. VICÊNCIA – (*À parte a D. Hermenegilda*). Na honrosa companhia dele!... O homem é parvo!...

D. HERMENEGILDA – (*Com ar estúpido*). Quem? O primo morgado de Fafe?

D. VICÊNCIA – (*À parte*). Ela é tão parva como ele!... Com que gente eu estou relacionada!... (*Vai fazer festa à cabra*).

MORGADO – (*À parte a Heitor*). O demónio da cabra deu-nos um trabalho! Imagine o primo aquela bruta dentro da diligência a dar marradas nos joelhos da gente!...

HEITOR – Então a mulher é doida! Pois ela vinha a dar cabeçadas?!... Seria com sono...

MORGADO – Eu falo da cabra, não é da viúva.

HEITOR – Ah! Já percebo! Pois ela pudera! A cabra na diligência!

D. VICÊNCIA – (*A um criado que avista no corredor*). Ó homem! Dê-me de almoçar à Dejhali: sopinhas de leite, ouviu? Leve com modo a Dejhali. (*O criado leva a cabra*).

HEITOR – O quê? Como diz ela à cabra?

MORGADO – Acho que *deixa-ali*. Eu pergunto-lhe. A sr.^a D. Vicência, como é que a sr.^a diz à cabrita?

D. VICÊNCIA – Dejhali.

MORGADO – (*A Heitor*). Vê? *Deixa-ali*.

D. VICÊNCIA – *Deixa-ali*, não, *De-jha-li*. Ainda que eu lhes queira explicar o nome, os senhores decerto não leram a *Notre Dame* de Victor Hugo. (*Os dois encaram-se com ar de estúpida zombaria*).

MORGADO – (*A meia voz*). Ainda a quer mais atolambada?

HEITOR – (*O mesmo*). É daquela casta!

D. VICÊNCIA – (*A D. Hermenegilda*). A menina sabe francês?

D. HERMENEGILDA – (*Com o seu permanente ar de lorpa*). Eu!... Eu sei cá isso!

D. VICÊNCIA – (*A Heitor*). Porque não manda ensinar francês a sua filha?

HEITOR – (*Rindo boçalmente*). De que serve isso? Meus avós morreram muito velhos sem saber francês. Que leve o diabo os franceses! Quando estiveram em Amarante, no tempo do Silveira, arrasaram-me a casa. E a senhora sabe falar francês?

D. VICÊNCIA – Sei, e falava sempre francês com meu marido.

MORGADO – (*A Heitor, espantado*). Não se admire que lá em Lisboa, onde eu estive há quatro anos, as famílias falavam em francês como se estivessem em França. Eu ia lá a casa de um barão, que me quis impingir a filha, e tanto ela como a mãe, às duas por três, começavam a taramelar em francês. E olhe que eu ainda andei a estudar um bocado da tal língua; mas a falar-lhe a verdade, nem *pra* trás nem *pra* diante. Ó sr.^a D. Vicência, fale lá um *todo-nada* de francês para o primo Heitor ouvir. É língua levada da breca! Ora vá lá, diga alguma coisa...

D. VICÊNCIA – (*Rindo*). Que hei-de eu dizer?... *Vous êtes un sot, et votre cousin est un sot pareil, n'est-ce pas vrai?*

HEITOR – É verdade: tem dianho o tal palavriado! Com efeito!

MORGADO – Eu não lhe disse, primo? Ora diga lá isso em português? (*A D. Vicência*)

D. VICÊNCIA – (*Que continua a rir*). Eu disse que V. Ex.^a e seu primo são dois cavalheiros estimáveis.

CAMILO CASTELO BRANCO

MORGADO – (*Com desconfiança*). Isso são favores.

HEITOR – (*À parte ao morgado*). Olhe que ela está a mangar de nós.

MORGADO – Também me parece.

D. VICÊNCIA – (*A D. Hermenegilda*). Então a menina não estudou nada?

D. HERMENEGILDA – Eu sei ler nos livros.

D. VICÊNCIA – Ah! A menina tem livros?

D. HERMENEGILDA – Tenho alguns.

D. VICÊNCIA – Romances da *Biblioteca Económica*, talvez...

HEITOR – Não, senhora, ela não tem disso. A minha filha não lê romances. É peste que me não entra em casa. Lá na Amarante as cabras não têm nomes estrangeiros.

MORGADO – Chamam-se cabras.

HEITOR – Sem tirar nem pôr: é como diz.

D. VICÊNCIA – (*Sorrindo*). Mas os romances não servem somente para dar nomes às cabras.

HEITOR – Então de que servem? De estragar a mocidade. Minha amiga, mulher que lê novelas, diz lá o doutor da Portela de Baixo, que não dá boa saída.

MORGADO – Isso é assim. Em Lisboa, quando eu lá estive há quatro anos, andava tudo corrompido por causa das novelas, segundo ouvi dizer. As gazetas, primo Heitor, davam todos os dias a notícia de fugirem as filhas aos pais, e os maridos às consortes, por causa das novelas. A polícia não tinha mãos a medir atrás dos que andavam a estragar o género feminino com as novelas!

HEITOR – Que horror, primo!

D. VICÊNCIA – (*Rindo*). E o género masculino também estava assim derrancado?

MORGADO – (*À parte*). Está sempre a rir-se o manfarrico da mulher!

HEITOR – (*O mesmo*). O que eu não sei é como você a aturou de Guimarães até ao Porto.

CENA V

OS MESMOS e PÔN CIA

PÔN CIA – Deus lhe dê bons-dias.

MORGADO – (*Alegre*). Olha a Pôn cia! Já sabia que está cá teu amo. Como vai ele?

PÔN CIA – Anda encatarrado; mas, se Deus quiser, não há-de ser nada; e V. S.^a como lhe vai?

MORGADO – Rijo como aço. Esta boa velha é a governanta do meu amigo João Álvares de Freixedo, do concelho vizinho lá do meu. Aquilo é que é um romântico, como lá dizem em Lisboa! Ele agora tem mais juízo, Pôn cia?

PÔN CIA – Deus louvado, tem que farte para se governar.

MORGADO – Aquilo com senhoras é um doido da primeira ordem. Se ele visse uma senhora que eu cá sei... (*Relanceia os olhos a D. Vicência*). Ficava logo sem saber de que freguesia era. Onde está ele?

PÔN CIA – Está lá no seu quarto.

MORGADO – Deixa-me ir vê-lo.

HEITOR – Nós vamos almoçar também. Anda daí, Hermenegilda.

CAMILO CASTELO BRANCO

CENA VI

OS MESMOS e UM CRIADO

CRIADO – Está o almoço no quarto do sr. Heitor. O sr. morgado de Fafe quer o almoço no seu quarto? (*Heitor sai com a filha*).

MORGADO – Leve-mo para o quarto do sr. João Álvares (*Sai*).

CRIADO – (*A D. Vicência*). E V. Ex.^a onde quer o almoço?

D. VICÊNCIA – Aqui mesmo. A cabrinha comeu?

CRIADO – Sim, minha senhora.

D. VICÊNCIA – Traga-ma.

CENA VII

D. VICÊNCIA e PÔNICA

PÔNICA – V. Ex.^a, ainda que eu seja confiada, é que é a dona da cabrinha?

D. VICÊNCIA – Sou.

PÔNICA – Por muitos anos e bons. Pois, minha senhora, eu sou atreita a umas enxaquecas aqui (*Pondo a mão na nuca*), salvo tal lugar, e passo noites inteiras sem pôr olho. Esta noite estive eu que já não sabia onde tinha a cabeça, e quando às quatro horas da manhã ia a cair assim, assim, assim, numa madorna, eis que pega a estropiar por cima de mim, no tecto, uma coisa que me não deixou mais fechar as *celhas*.

D. VICÊNCIA – Fechar as *selhas*! Que algaravia! Que são *selhas*?

PÔN CIA – As *celhas* dos olhos; pois isto como se chama?
(*Arregaçando as pestanas*).

D. VICÊNCIA – (*Rindo*). Ah! Isso são *celhas*?

PÔN CIA – Seja lá o que V. Ex.^a quiser: o caso não é *pra* rir.

(*O criado vem entrando com o tabuleiro do almoço, e a cabra puxada por um cordão de seda*).

PÔN CIA – Aqui está o tal bicho que me não deixou pôr olho!

D. VICÊNCIA – Dejhali, vem cá, Dejhali... *Viens ici, est-ce que tu as déjeuné ton lait? Ma chérie Dejhali; donne-moi ton joli museau...* Ó mulherzinha, vossemecê não gosta da minha Dejhali?

PÔN CIA – Ela dá leite?

D. VICÊNCIA – Que pergunta? Pois a minha cabrinha há-de dar leite?

PÔN CIA – Então isso de que serve? A senhora anda com esse bruintinho atrás de si pelo mundo?

D. VICÊNCIA – (*Está almoçando*). Ando, sim; e que tem? É a minha amiga única.

PÔN CIA – A cabra!? Ora essa! Não me faltava ver mais nada! Pois a senhora não acha uma pessoa cristã e baptizada que seja sua amiga?...

D. VICÊNCIA – Não quero amizades da minha espécie. Os irracionais são os entes mais agradecidos que fez o Criador. Toma, Dejhali! (*Dá-lhe um bolo*).

PÔN CIA – Louvado seja o Senhor! A dar docinhos à cabra!... Pois, minha senhora, eu tenho a pedir-lhe um favor a respeito cá da sua amiga.

CAMILO CASTELO BRANCO

D. VICÊNCIA – Que quer a mulherzinha?

PÔN CIA – Eu não sou mulherzinha: sou Pôn cia, para a servir. O que eu quero é pedir-lhe o favor de não dormir com a cabra no mesmo quarto. A senhora mora por cima de mim, e eu moro por baixo da senhora e da cabrinha. Ora o *berbazum* da bruta esteve toda a noite a coçar-se, e não me deixou fechar olho...

D. VICÊNCIA – Já sei essa história; mas não sei que lhe faça. Diga ao dono do hotel que me mude a mim, ou mude a vossemecê: a minha cabrinha não sai de ao pé de mim.

PÔN CIA – Mas eu pensava que as estalagens na Foz não eram curral de gado. Pelos modos, quem for amigo único dum porco ou duma vitela pode meter no quarto os seus bichos!...

D. VICÊNCIA – (*Erguendo-se para sair*). Sabe que mais, mulherzinha? Eu não estou para a aturar.

PÔN CIA – Olhe, minha senhora...

D. VICÊNCIA – (*Voltando o rosto*). Que é?

PÔN CIA – (*Com um dedo na testa*). Deus lhe dê miolo. Ninguém é pobre senão de juízo.

D. VICÊNCIA – Estúpida! (*Sai*).

PÔN CIA – Valha-te a breca!... E meu amo a dar cavaco por esta lambisgóia! Ora a gente, cá por este mundo, sempre topa com cada pantomineira!

CENA VIII

JOÃO ÁLVARES, BERNARDO DA GAMA e PÔNCIA

JOÃO – Que é isso, Pôncia? Vossemecê está com cara de zanga! Que lhe aconteceu!

PÔNCIA – Não sei o que aconteceu, sr. João... O que sei é que, se a cabra não sair lá de cima, eu já aqui não fico esta noite... Bote lá as suas contas como quiser... (*Sai*).

JOÃO – Tem um génio endiabrado; mas é a criatura mais necessária à minha vida... (*Mudando de tom*). Mas dizia-te eu, meu caro Bernardo, que a experiência ainda te não amadureceu quanto é necessário para viver neste mundo. Ridículo só conheço um homem neste planeta: é o que não tem dinheiro. As tentativas que se fazem para alcançar o dinheiro são sempre sérias, heróicas e épicas. Se fizeres a corte a uma rapariga rica, riem de ti os zombeteiros candidatos à rapariga rica; mas esse riso só pode ser-te penoso, se a mulher te não indemnizar com o sorriso dela. Conheço enormíssimos alarves que tentaram, e prosperaram. Quando um homem diz de si para si «hei-de casar rico, apesar de todos os contratempos», casa rico. O primeiro passo a dar é convencer-se um homem de que a vergonha é uma excrescência que nos molesta, e deve ser amputada da consciência, como quem corta um calo. O segundo, é procurar a mulher através de todas as torpezas, como o mineiro procura o oiro através do saibro e do lodo. O terceiro, é levar com a porta na cara, e ficar com a cara voltada para outra porta. O quarto, é teimar. O quinto, é teimar. O sexto...

BERNARDO – É teimar. Tenho entendido. Mãos à empresa. Cobrei espírito novo. Dentro de um ano hei-de estar casado com mulher rica, bonita, inteligente, virtuosa...

JOÃO – Alto lá! Isso é muita coisa. Assim também o Bocage a queria para um assunto duma décima, e disseram-lhe que não!

CAMILO CASTELO BRANCO

Observa tu que nem para dez versos há isso tudo junto! Rica? De acordo: isso é possível. Inteligente? Isso não tira nem dá. Há opiniões a esse respeito; mas eu não tenho nenhuma; porém, sempre te direi que não é bom que a esposa conheça que entre homem e mulher há igualdade de direitos. Formosa? Pieguice e contra-senso! Mulher formosa é sempre a mesma coisa, e aos olhos do marido perde pouco a pouco o prestígio da beleza. Mulher feia, com a continuação da convivência, vai perdendo a fealdade, e chega a parecer galante. As mulheres feias têm inspirado ardentíssimas paixões. Dizem que elas têm uma compensação de graças que vão lavrando raízes no coração. Eu não sei se é no coração, se no fígado: o que posso asseverar-te é que tenho visto mulheres formosas apagarem muitos incêndios, e as feias ateam-nos. Dido, Helena e Cleópatra dizem que foram lindas mulheres por terem apaixonado Eneias, Páris e António. O que decerto se não sabe é se eram feias. Enquanto a virtuosa, meu caro Bernardo, a esse respeito tinha eu muito que dizer; mas os discursos são o espantinho da acção. A mulher que te convém é Hermenegilda, a filha de Heitor Falcão.

BERNARDO – Pois achas que está no caso?

JOÃO – Muito no caso.

BERNARDO – Mas não ouviste ainda agora dizer o morgado de Fafe que gostava dela?!

JOÃO – Tu não tens vergonha de reccar a concorrência com o morgado de Fafe?! Aquilo é homem que possa assustar nenhum rival?!

BERNARDO – Homem! Tu pareces-me menos conhecedor do coração humano do que supões!

JOÃO – Cala-te aí, tolo... Ele aí vem com ela! Repara-me bem naquele corpo!... Olha...

CENA IX

OS MESMOS, HERMENEGILDA, HEITOR *e o* MORGADO

MORGADO – Vamos esmoer o almoço por essas praias fora. Estes arees do mar não deixam parar a comida no bucho! (*Vai a uma janela lateral*). Olhem vocês como é grande o mar!... (*Recua contemplativo*). Oh! Ninguém entende o que isto é!... Como se faria o mar? Porque será que o mar cresce e minga? Quantas pescadas haverá no mar? A gente sempre a comer peixe, e nunca se acaba!... Expliquem lá isto!... Lá vai a passar um vapor... Sempre os homens têm ideias! Pelos modos, o que faz girar as rodas é o fumo do carvão. Uma coisa assim! Olha, olha, como ele vai depressa!... Aquilo é que é!... Ó sr.^a D. Hermenegilda, gosta de ver o mar? (*Mavioso*).

D. HERMENEGILDA – (*Lorpa*). É muito grande; tenho medo às ondas. Afoga-se lá muita gente?

MORGADO – Quando acontece, afoga; mas agora diz que se inventou uma engenhoca, que não deixa ir a gente ao fundo.

JOÃO – É o colete de salvação.

MORGADO – (*Fazendo trejeito de quem enche o colete de salvação*). É sopra-se-lhe *pra* dentro?

JOÃO – Certamente.

D. HERMENEGILDA – Ah! Sopra-se-lhe?! Mas eu, quando tomo banhos no rio, não posso soprar debaixo de água.

MORGADO – Pois o sopro é cá fora, menina.

JOÃO – (*À parte a Bernardo*). Olha que diálogo aquele! Vê tu que duas alimárias.

CAMILO CASTELO BRANCO

BERNARDO – (*O Mesmo*). É impossível que a natureza os não una!...
Perdi as esperanças...

MORGADO – (*A Hermenegilda*). A priminha não leva luvas? Cá repararam nisso.

D. HERMENEGILDA – Eu tenho umas, que comprei cá no ano passado: lavei-as, quando estava para vir, e a pele encolheu; encarquilhou-se toda.

HEITOR – Compram-se outras, Hermenegilda; vamos lá à tenda comprá-las.

MORGADO – (*Indicando o chapéu de Hermenegilda*). Ó primo Heitor, olhe que estas barretinas já se não usavam em Lisboa quando eu lá estive há quatro anos. A filha do barão de Caçurrães tinha uma muito mais pequena, assim com umas orelhas aqui (*Indicando*) e uma *cousa* assim a modo de bambinela aqui por trás.

HEITOR – Ora! Deixe-se disso! Uma barretina quer-se assim grande para tirar o sol da cara.

MORGADO – Não, senhora. A priminha há-de comprar outra cartola à moda de Lisboa. Quer? A minha menina quer outra barretina?

D. HERMENEGILDA – Eu... Como o outro que diz... Não se me dava. Já a D. Vicência hoje me disse que o meu chapéu dava fazenda para quatro... Se eu pudesse fazer dois, mandava-se arranjar. O que eu queria era um balão, meu paizinho.

BERNARDO – (*À parte*). Como a inocência é estúpida!

MORGADO – Tem razão; precisa de balão... Eu não desgosto do balão, a falar a verdade. Há-de arranjar-se tudo, priminha. Vamos já tratar disso. Fica por aqui, amigo João?

JOÃO – Fico, sr. Morgado.

MORGADO – Então, veja lá... Cuidado com a mulher da cabrinha... Você é um velhaco daquela casta!... Ah! *Su ratão!*... Eu sempre vou ver se ela quer passear. (*Vai a uma das portas laterais*). Acho que é aqui. (*Batendo à porta*). Ó sr^a D. Vicência! D. Vicência?

VOZ DE HOMEM – (*Dentro*). Vá bater ao diabo que o leve.

MORGADO – Enganei-me. Há-de ser aqui. (*Bate com muita força*). D. Vicência, D. Vicência, a senhora quer vir dar uma passeata?

CENA X

OS MESMOS e UM SUJEITO

(*Abre-se de repente a porta, e assoma um sujeito embrulhado num cobertor, e barrete de dormir*).

O SUJEITO – Que alarve é este que anda a incomodar quem dorme?

MORGADO – Fui eu que me enganei... Perdoará... Procuo a sr.^a D. Vicência.

O SUJEITO – Eu não sou D. Vicência.

MORGADO – Bem vejo; por isso pode-se deitar V. S.^a, mas olhe que são dez horas e meia.

O SUJEITO – Quem lhe pergunta ao estúpido personagem as horas que são?

MORGADO – Veja lá com quem fala, ó menino! Olhe que eu sou António dos Amarais Tinoco Valadares, morgado de Fafe.

CAMILO CASTELO BRANCO

O SUJEITO – Que me importa a mim isso? E eu sou Bonifácio da Silva.

MORGADO – Pois, sr. *Bonifrates* da Silva, recolha-se, que eu já não estou bom. Ponha cobro na língua, e deite-se, que eu às duas por três, se me fazem cócegas, costume... Sim, isto é um modo de falar... (*Faz o trejeito de quem volta um homem de pernas ao ar*). Se o senhor quer saber quem eu sou, vá perguntá-lo a Lisboa.

O SUJEITO – O senhor ameaça-me?! (*Sai fora do limiar da porta*).

MORGADO – O senhor não tem vergonha de aparecer assim embrulhado num cobertor diante daquela menina? Tapa os olhos, prima! (*D. Hermenegilda tapa o rosto com a mão*).

O SUJEITO – Acordar-me, e insultar-me, é demais.

MORGADO – Podia ser mais... Vá-se *prà* sua cama, na graça de Deus, vá, vá, que eu já não regulo bem do toitiço... (*Leva-o com bons modos entre as mãos até o meter ao quarto*). Se aqui não está esta inocente... (*Indicando Hermenegilda*). E eu não receasse que o cobertor lhe caísse, pespegava-o como uma obreia acolá no tecto. Onde diabo está metida a senhora da cabra?

JOÃO – Creio que o seu quarto é aquele, sr. morgado.

MORGADO – Este? (*Bate*). D. Vicência.

VOZ DE D. VICÊNCIA – Que quer?

MORGADO – Ela cá está. (*Alto*). Quer vir dar uma passeata? (*Voz dentro, que não se entende*). Fale alto, que não se ouve nada na plateia.

D. VICÊNCIA – (*Dentro*). Não posso sair por ora, que está a cabrinha a dormir.

MORGADO – (*Para fora*). Está a cabrinha a dormir!... Isto só com um tirapé!... (*Alto*). A senhora está maluca?

D. VICÊNCIA – Não me incomode, que me acorda Dejhali.

MORGADO – Vamos embora. Ó amigo João, uma doida assim à perna é que eu lhe queria! (*Sai com Hermenegilda e Heitor*).

CENA XI

JOÃO e BERNARDO

JOÃO – Vejo que estás pasmado da estupidez de Hermenegilda! Eu também, palavra de honra! Já me não atrevo a aconselhar-te que a ames.

BERNARDO – Estás enganado. Gosto de ver assim a estupidez no seu estado de perfeição primitiva. Andava eu morto por encontrar a mulher como ela foi no tempo em que se comiam bolotas e medronhos. Pensas que arrefeci na empresa? Não tenhas medo. É uma mulher deliciosa para um homem que quer casar-se rico e desligar-se das obrigações que se contraem matrimonialmente com uma mulher que tem alma. Tomaram muitos encontrar a inocência dela! Aquilo é tudo matéria estreme como a dá a madre natureza.

JOÃO – Bem! Gosto de te ver nessas ideias. É preciso já, já escrever à pequena.

BERNARDO – É um grande embaraço! Não sei como se escreve a uma mulher assim.

CAMILO CASTELO BRANCO

JOÃO – Escreve-se-lhe uma carta muito tola. Queres tu que eu entre no teu coração, e que fale por ti?

BERNARDO – Valeu! Nota lá a carta. Aqui está tinteiro e papel.

JOÃO – Enquanto eu escrevo o rascunho, vai tu na trilha de Hermenegilda, e faz que ela te veja. Segue o meu conselho, que estás falando com o mais profundo conhecedor do coração humano.

BERNARDO – Obedeço-te cegamente. (*Sai*).

CENA XII

JOÃO, e depois D. VICÊNCIA

(*João Álvares escreve alguns segundos*).

D. VICÊNCIA – (*Dentro*). Ó criado! Leve-me a minha cabrinha a retouçar na ervagem dessa alameda. Venha buscá-la.

JOÃO – (*Suspendendo a escrita*). A retouçar-se na ervagem dessa alameda – Que estilo! (*Ergue-se*). Esta mulher é um génio!

(*Atravessa um criado a cena: recebe a cabra à porta da alcova de sua dona, e sai*).

D. VICÊNCIA – (*Fora*). Leve-a com muito jeitinho, ouviu? (*Reparando em João Álvares*). É o sr. João Álvares?

JOÃO – Um criado de V. Ex.^a Como se dá o feliz acaso de lhe ser conhecido o meu nome obscuro, minha senhora?

D. VICÊNCIA – Obscuro!? Lucidíssimo! Pois V. S.^a não tem escrito folhetins no *Brás Tisana*, e nos periódicos de Guimarães?

JOÃO – Uns pobres folhetins, minha senhora, que só têm o merecimento de terem atraído olhares de V. Ex.^a

D. VICÊNCIA – Não só olhares, mas também o espírito; não só o espírito, mas também o coração, o coração, entende-se, que compreendeu o seu.

JOÃO – Ó minha senhora! Eu adivinhei em V. Ex.^a uma alma distinta, quando às duas horas da manhã a vi no terraço.

D. VICÊNCIA – Ah! Viu?

JOÃO – V. Ex.^a contemplava as estrelas do céu; e eu, ao clarão destas estrelas, estava vendo o anjo da terra.

D. VICÊNCIA – (*Risonha*). Vejo que tinha o estro afogueado quando eu entrei... Estava poetizando?

JOÃO – Sim, minha senhora. Escrevia as impressões desta noite.

D. VICÊNCIA – Permite que eu veja?

JOÃO – Oh! Perdão, minha senhora! As paixões têm o seu pudor. O homem apaixonado é um doente febril.

D. VICÊNCIA – Gostou da minha cabrinha?

JOÃO – É uma écloga, um idílio, a cabrinha de V. Ex.^a

D. VICÊNCIA – Lembra-se da Esmeralda de Victor Hugo?

JOÃO – Que também tinha uma cabrinha branca...

D. VICÊNCIA – A Dejhali.

JOÃO – Que já compunha seis letras do alfabeto para formar o nome do ditoso amante da cigana.

CAMILO CASTELO BRANCO

D. VICÊNCIA – Era *Phebus*...

JOÃO – Sim, *Phebus*... Se a Dejhali de V. Ex.^a chegasse a compor um nome de quatro letras...

D. VICÊNCIA – (*Sorrindo*). João?

JOÃO – Sim: é um nome muito prosaico, não é?

D. VICÊNCIA – A poesia está no coração; não é nos nomes.

CENA XIII

OS MESMOS e PÔNICA

PÔNICA – (*Vem arrefecendo com a colher uma tigela de caldo, que fumega*). Trago aqui um caldo de galinha, sr. João. (*Baixo, vendo D. Vicência*). Cá está a azarotada!

JOÃO – Leve o caldo, Pônica; não quero caldo agora.

PÔNICA – Há-de comer o caldo, quer queira quer não. Vamos a isto. A senhora há-de dar licença que o sr. Joãozinho coma.

D. VICÊNCIA – Eu privo-o?

PÔNICA – Vá; bote *pra* baixo, que é de franga. O menino não come, e eu depois é que o aturo quando não pode com uma gata pelo...

JOÃO – *Scio!* Veja lá como fala.

PÔNICA – Eu falo como sei. Olhe lá se quer que eu mude de língua?

JOÃO – Leve o caldo, já lho disse, sr.^a Pônica.

PÔN CIA – (*Irónica*). Ó minha senhora, faz favor de pedir ao sr. João que coma o caldo de franga?

JOÃO – (*Erguendo-se irritado*). Pôn cia! Veja lá!...

PÔN CIA – Sabe que mais? Tenha tino nessa cabeça! O que me falta é vê-lo comprar também um cabritinho! (*Sai*).

CENA XIV

D. VICÊN CIA e JOÃO

D. VICÊN CIA – (*Rindo às gargalhadas*). Tem raiva à minha cabra a sua criada! Não cuidei que esta mulher era da sua *ménage-rie*. Já hoje me aplicou a receita do juízo também.

JOÃO – A V. Ex.^a!?

D. VICÊN CIA – A mim, pois porque não! A velhinha tem a mais estúpida das liberalidades...

JOÃO – Vou despedi-la do meu serviço!...

D. VICÊN CIA – (*Rindo*). Deixe-se disso, que eu não lhe agradeço o sacrifício. Vá tomar o seu caldinho, vá, que lhe peço eu. Vou vestir-me para sair. Estimei muito conhecê-lo pessoalmente. Saiba que tem em mim uma admiradora do seu estilo. (*Corteja e recolhe-se ao quarto*).

JOÃO – Ó minha senhora!...

CAMILO CASTELO BRANCO

CENA XV

JOÃO e PÔNCIA (*Que entra logo pela porta
fronteira com o caldo*).

PÔNCIA – Ora ainda bem que se foi o *berbazum* da mulher. Vamos ao caldo, que está frio.

JOÃO – A sr.^a Pôncia atreveu-se a muito!...

PÔNCIA – Quer ralhar à velhinha que o viu nascer? Pois ralhe, ralhe; mas tome o caldinho para ter mais forças *pra* ralhar. Sua mãe, quando o cá deixou, entregou-mo a mim; já agora hei-de morrer a dizer-lhe as verdades. (*Limpa os olhos*).

JOÃO – (*Comovido*). Tem razão, minha Pôncia; perdoe, e dê cá um abraço. Eu sou um *doudo*. (*Toma o caldo*).

PÔNCIA – (*Alegre*). O caldinho tem hortelã e umas folhas de salsa. Está gostoso?

JOÃO – Está muito bom, muito gostoso.

PÔNCIA – (*Fiando na roca, que traz à cintura*). Como ela veio logo aqui pespegar-se! A doutora de não sei que diga! O menino não pode ver uma mulher! Coisa assim! Fica logo atarantado! Ora o sr. João que não há-de tomar inclinação a uma lavradeira, que tenha arranjo de casa, e que trate do menino, quando eu morrer! Que graça tem esta serigaita com a cabra atrás dela?

JOÃO – (*Mansamente*). Fale baixo, tia Pôncia; eu não tenho nada com a mulher. Estava a desfrutá-la. Leve a tigela, que eu tenho que escrever aqui uma carta.

PÔNCIA – Tenha juizinho, sim? (*Vai a sair*).

JOÃO – Pois sim... Deixe-me escrever.

PÔNCIA – (*Voltando à cena*). Olhe que à noite há-de pôr as papas de linhaça na boca do *estâmag*o...

JOÃO – Pois sim; vá com Deus. (*Sai Pôncia*).

CENA XVI

JOÃO, e depois BERNARDO

JOÃO – (*Lendo as últimas linhas do rascunho*). Nos meus sonhos, tenho visto muitas vezes uma visão vestida de nuvens coradas de luz, calçada de estrelas, coroada com o arco-íris, sentada na lua... (*Prossegue a escrita*).

BERNARDO – Aqui estou! Que é da carta?

JOÃO – (*Sem levantar mão da escrita*). Estou com ela.

BERNARDO – A mulher olhou-me de certa maneira.

JOÃO – (*Escrevendo sempre*). Sim?

BERNARDO – Apareci-lhe em todas as lojas em que ela entrou.

JOÃO – E então?

BERNARDO – Fiz-me do rancho, e cheguei a dizer-lhe que qualquer chapéu ficava bem à sua formosura.

JOÃO – Bravo! E ela que tolice respondeu?

BERNARDO – Fez-se vermelha.

JOÃO – Pois agora vai ficar amarela. Está pronta a carta.

CAMILO CASTELO BRANCO

BERNARDO – (*Esfregando as mãos*). Vamos a isso. Lê lá.

JOÃO – (*À frente, lendo com muita ênfase*).

«Com o coração em viva brasa, lanço mão da pena trémula para expor à vossa compaixão o triste sudário da minha alma.

Os vossos olhos são frechas do implacável Cupido, que não perdoa a reis nem a vassallos, que abranda o coração da pantera de Java, e enternece as melodias do rouxinol.

Ingrata seríeis, ó Hermenegilda amada, se mostrásseis indiferentes à dor os olhos que tamanha dor causaram. Não! É impossível que nesse peito de alabastro, ninho dos prazeres, se aninhe a víbora da ingratidão.

No vosso angélico sorriso, ó cara pomba, pousou a minha felicidade, que, há muito, busco por toda a parte, como andorinha que perdeu o trilho aéreo da sua pátria, e ficou erma e só na região das neves».

BERNARDO – (*Interrompendo*). Ela não entende isso!

JOÃO – É justamente o que nos convém. Se ela entendesse fazia da carta dois papelotes, e mandava-te à fava. Escuta lá. (*Lê*).

«Eu sou como o viajante nos desertos da Mesopotâmia, ardente de sede, pedindo a cada miragem uma gota de água, e bebendo candeias acesas nos raios do sol oriental».

BERNARDO – Isso parece-me asneira! *Bebendo candeias acesas!* Viu-se já maior disparate.

JOÃO – Tu queres que ela te perceba, ou não?

BERNARDO – Quero que perceba: é boa a pergunta!

JOÃO – Pois se tu lhe disseres que bebias no deserto línguas de fogo, em lugar de candeias acesas, entender-te-á melhor? Candeias sabe ela perfeitamente o que são; e línguas, em quanto a mim, só conhece a de porco, e de vaca. Se me

começas a contrariar, recolho a inspiração, e deixo-te nas trevas. (*Lê*).

«Nos meus sonhos, tenho visto muitas vezes uma visão vestida de nuvens coradas de luz, calçada de estrelas, coroada com o arco-íris, sentada na lua, com o sol engastado no peito, e o globo terráqueo a seus pés. Éreis vós, Hermenegilda! Apenas vos vi, reconheci-vos como o molosso reconhece o dono, a rola o ninho, a lebre a cama, a truta a colheita! Ver-vos e não amar-vos, seria morrer de ver-vos; e amar-vos sem ver-vos só eu pude; e que faria eu depois, ao ver-vos, senão amar-vos?»

BERNARDO – Acaba depressa com isto! *Ver-vos, não ver-vos, amar-vos, e ver-vos, e não amar-vos...* Que diabo de embrulhada é esta?

JOÃO – (*Declamando*). És um sandeu! Está explicado, o segredo da tua nulidade perante as mulheres. Tens trinta anos, e todas as tuas conquistas reduzem-se à filha dum chapeleiro de Braga. Podias ter um nome em Portugal, se ao teu património quase dissipado, e à tua excelente figura, quase em decadência, juntasses um pouco de estilo. Todo o conquistador deve ter um arsenal bem fornecido de bombas fraseológicas. A ideia não é que persuade uma mulher: é a palavra. O que tu chamas *embrulhada*, meu tolo, é o melhor que se pode dizer, quando não há nada que se diga.

BERNARDO – Supõe tu que ela me não entende!

JOÃO – Certo disso estou eu.

BERNARDO – O que se segue é não me responder.

JOÃO – É justamente o que te convém.

BERNARDO – Ora essa!... *Que me convém?*

CAMILO CASTELO BRANCO

JOÃO – Sim! Convém-te que não responda; porque, não respondendo, fala-te. Que lucras tu com a correspondência epistolar desta criatura?

BERNARDO – Pensas bem, João! És um grande homem! Ora anda lá... Diz mais alguma asneira. Estavas no *ver-vos e não ver-vos, amar-vos e não amar-vos...*

JOÃO – (*Lendo*). «César Foi! Viu! E venceu! Eu vim! Vi! E fui vencido!» (*Grande estrépito de chuva nas vidraças, e estrondo de trovoadã*).

CENA XVII

OS MESMOS, o MORGADO, HEITOR, D.
HERMENEGILDA, PÔNCIA e D. VICÊNCIA (*Depois*).

(*Os três primeiros vêm sacudindo os fatos molhados. Hermenegilda traz um balão enorme, e um pequeníssimo chapéu. Pôncia traz um coto de vela benta acesa*).

MORGADO – Que tal está a molhadela!...

D. HERMENEGILDA – A barretina escangalhou-se, ó paizinho!

HEITOR – Se trouxesses a outra, não te molhavas, rapariga; mas vocês não querem fazer o que eu digo!

MORGADO – Isso torna a endireitar-se. Sacuda o balão, prima, que se lhe não vá meter a humidade nos ossos. Assim... (*Ajuda a sacudir o balão*).

PÔNCIA – (*À parte, indicando o balão*). Olha que preparo aquele!...

D. VICÊNCIA – (*Muito aflita*). Não há ninguém que lhe acuda! Não há uma generosa alma que me salve a minha cabrinha!

JOÃO – (*Com veemência*). A sua cabrinha, minha senhora! Onde está a sua cabrinha?...

D. VICÊNCIA – Está à chuva, correndo espavorida na alameda...
Veja, veja... (*Leva-o à janela*).

JOÃO – Corro a salvá-la! Corro a salvá-la!

PÔNICA – (*Retendo-o pelas abas do chambre*). Não vai, que está doente, e molha-se...

JOÃO – Largue-me, tia Pônica!

D. VICÊNCIA – Salvem-me a Dejhali!

JOÃO – Corro a salvá-la!

PÔNICA – Não vai, que tem reumatismo! Eu depois é que o aturo...

D. VICÊNCIA – Oh!... Que infortúnio! Que infortúnio!

JOÃO – Corro a salvá-la! (*Deixa ficar o chambre nas mãos de Pônica, e sai acelerado*).

PÔNICA – (*Colérica e solene*). A senhora da cabra há-de dar cabo de meu amo! Eu a arrenego! O meu menino atrás das cabras com este temporal!

MORGADO – Ele parece que ganhou vento!

CENA XVIII

OS MESMOS e JOÃO (*Com a cabra nos braços*).

D. VICÊNCIA – (*Transportada*). Mil agradecimentos! O cavalheiro é um herói!...

CAMILO CASTELO BRANCO

JOÃO – A sua cabra está salva!

D. VICÊNCIA – Tão molhadinha! (*Começa a enxugar o felço da cabra com o robe-de-chambre que Pôncia lança aos ombros de João*).

PÔNCIA – (*Arrancando-lhe das mãos o chambre com fúria*). Olha o demónio da mulher!... A limpar a cabra com o casaco de meu amo!... Eu *tarrenego!*

FIM DO PRIMEIRO ACTO

ACTO II

A cena passa-se no terreiro do hotel. A casa tem algumas janelas de serventia, e figura-se de esquelha, de modo que se veja a lua prateando o mar. À direita do espectador, sobranceiro ao edificio, há um terraço de serventia. Presume-se que a estrada atravessa o palco na parte mais convizinha da plateia. É noite.

CENA I

BERNARDO e JOÃO (*Encapotados melodramaticamente*).

JOÃO – E como pudeste entregar-lhe a carta no corredor? Isso havia de ser difícil sem o Morgado ver, ou o pai.

BERNARDO – Não foi: ela ia sozinha, e eu, com o mais tímido acanhamento de respeitoso amante, pedi-lhe se me lia aquela carta. Ela ficou azabumbada um pouco; mas eu não lhe dei tempo a reflectir. Mas o resto, o admirável, o espantoso é que tu não sabes!

JOÃO – Deste-lhe um ósculo na mão?

BERNARDO – Não. Muito mais do que isso.

JOÃO – Foi na testa que lhe deste o ósculo.

BERNARDO – Que mania é essa de *ósculos*? Porque não dizes beijos como toda a gente?

JOÃO – Por causa da censura.

BERNARDO – Pois eu, respeitando a censura, não lhe dei ósculo nem beijo. Pedi-lhe que me falasse hoje às nove horas da sua janela para a rua. E ela, quando eu receava alguma má resposta...

CAMILO CASTELO BRANCO

JOÃO – Disse-te que...

BERNARDO – Que sim, se não adormecesse.

JOÃO – (*Rindo*). Mas é que ela a esa hora está a dormir como uma pedra.

BERNARDO – Estará?!

JOÃO – Homem! Eu conheço vinte e cinco espécies de mulheres; mas esta da tua Hermenegilda é nova para mim. Pode ser que esteja acordada, posto que, segundo boas informações que tenho de um conhecido desta família, sei que a flor de Amarante come o seu caldo verde às sete horas, deita-se às oito, e às nove é massa bruta. Ora agora, se o amor é capaz de a despertar com os seus agulhões, isso é que estamos para ver. Entretanto, já sabes quais são os costumes em casa de teu futuro sogro. Às oito horas hás-de estar no tálamo conjugal com tua esposa, tu com um barrete de troçal, e ela com uma túnica de linho cru, e ambos a ressonar o mais estupidamente que se pode.

BERNARDO – Estás enganado, João! Se eu casar com ela, pensas que me vou degredar na Amarante!? Isso sim!... Hei-de viajar à Europa. Que pode viver o pai? Dois anos ou três. Queres tu ir viajar connosco?

JOÃO – (*Sorrindo*). Oh! Pois não hei-de querer! Havemos de ir viajar à roda, por cima e por baixo do globo!

BERNARDO – Não se pode falar sério contigo!... Olha lá: seria eu imprudente em lhe pedir o *rendez-vous*?

JOÃO – És uma criança! És como todos os principiantes em amor. Cuidam vocês que é da tarifa devorarem em silêncio, antes de se revelarem, as melhores frases que têm para convencer! Grande contra-senso! Parecem-se com os caçadores novatos, que atiram à perdiz, quando ela vai muito longe do alcance

do chumbo. Fia-te em mim, Bernardo: a mulher, que principia a amar, tem oito dias de alienação. É aproveitar-lhos... Aí vem o parvo do Morgado com a serenata de ontem à noite.

BERNARDO – Não quero que me conheça. Escondamo-nos nesta travessa. (*Saem*).

CENA II

MORGADO, UM HOMEM DE REALEJO,
D. HERMENEGILDA, *depois, numa janela,*
e PÔNICA noutra.

MORGADO – (*Colocando o tocador em frente da janela de D. Hermenegilda*). Toca uma moda bonita. Não sabes a «Maria Cachucha»?

TOCADOR – *Cachucha? Mi saber Cachucha?*

MORGADO – Sim! (*Cantando*).

Maria Cachucha
Com quem dormes tu?

TOCADOR – *Não sabe Cachucha eu.*

MORGADO – E «A Cana-Verde»? Sabes? (*Canta*).

A cana verde no mar;
A cana verde na arca.

Sabes isto?

TOCADOR – *Cane? Nó; cane?*

CAMILO CASTELO BRANCO

MORGADO – Então que diabo sabes tu? Toca lá o que souberes.

(O homem toca qualquer coisa. Assoma na janela Hermenegilda, e Pôncia noutra janela).

MORGADO – *(Que passeia radioso na cena).* Gosta desta moda, priminha?

D. HERMENEGILDA – Ele não sabe tocar o...

MORGADO – *(Mandando parar o realejo para ouvir).* Que diz amor?

D. HERMENEGILDA – Ele não sabe tocar aquela moda: «Muito bem seja aparecido nesta função»?

MORGADO – Rapaz! Tu *saber* cantar esta coisa *(Canta): «Muito bem seja aparecido nesta função. Bate as palmas co seu peixinho, co seu peixinho, su peixão».*

TOCADOR – *Peixón? No saper modas do peixón.*

MORGADO – O bruto não sabe nada. Anda lá, vai tocando o que sabes.

(Continua o realejo).

MORGADO – *(Com os seus botões).* Eu sei como se levam as mulheres! Estes janotas de agora não sabem vencer o coração das damas. Eu, com dois dedos de realejo, tenho feito mais que outros com muita papelada e palavreado. Agora é tempo de lhe falar. *(Paga ao tocador).* Vai-te embora; e amanhã aparece à mesma hora.

PÔN CIA – *(Fechando a janela).* Com bem passe a noite, sr.^a D. Hermenegilda. *(Baixo).* Daqui a migalho venho aqui; preciso muito de lhe falar *pra* negócio de muita aquela. Não se deite, não?

D. HERMENEGILDA – Pois sim. Traga-me daqueles pastéis de ontem à noite, sim?

PÔNCIA – Já aqui os tenho. (*Alto*). Boas noites, sr. Morgado.

MORGADO – Adeus, Pôncia.

CENA III

MORGADO e [D.] HERMENEGILDA

MORGADO – Amada Hermenegilda! O meu coração é vosso. Dizei-me se o vosso coração é meu.

D. HERMENEGILDA – Isso veremos. A gente, como diz lá o ditado, enquanto anda por este mundo, ninguém sabe para o que nasceu.

MORGADO – Se me tendes afecto, igual ao que vos tem meu coração, para ser minha esposa viestes ao mundo, meu adorado bem.

D. HERMENEGILDA – Antes que cases, olha o que fazes.

MORGADO – Isso é como diz; mas a minha pomba não topa marido que lhe queira tanto como eu.

D. HERMENEGILDA – Pois sim; mas o primo tem já muita idade; e eu estou muito rapariga.

MORGADO – Não sou tão velho como a senhora cuida. Se eu quiser meninas novas, tenho-as no Porto às dúzias. A apostar que a prima gosta mais destes salta-pocinhas que andam de luneta e bigode, sem uma de x na algibeira?...

CAMILO CASTELO BRANCO

D. HERMENEGILDA – Não se esteja a *incazinar*, primo. Eu não disse que gostava doutro derraço.

MORGADO – Pois não disse, não; mas de mim, pelos modos, também não gosta lá grande coisa.

D. HERMENEGILDA – Está feito... Podia ser menos; de cá se vai a lá; o que o meu coração sente, eu cá o sei.

MORGADO – (*Alegre*). Ah! Então a priminha estava a dizer isso *pra* me ouvir? (*Ouve-se ao longe a música da estúrdia*).

D. HERMENEGILDA – Vem aí uma festa?

MORGADO – São lá os meus rapazes de Fafe, que chegaram hoje *prà* romaria do S. Bartolomeu, e que nos vêm tocar à porta.

D. HERMENEGILDA – Ai! Que regalinho! Eles trarão cantadeiras?

MORGADO – É daquela casta! (*Bradando*). É *pràqui*, rapaziada!

CENA IV

(A estúrdia, composta do seguinte instrumental: duas violas, rebeca, clarinete, bombo, e ferrinhos. Grupo de quinze ou mais pessoas. As mulheres trajam capotilhos encarnados, sobre as saias de chita clara. Na cabeça, lenços de cambraia, sobre outros escarlates, por baixo dos chapéus desabados; nos pés, chinelas de diferentes cores).

O GRUPO DOS ROMEIROS, MORGADO, e D.
HERMENEGILDA, e PÔNCIA, na janela.

VOZES – Viva o sr. Morgado, a mais sua noiva!

MORGADO – Viva Fafe, e a bela rapaziada! Isto é que é gente! (*Estão afinando os instrumentos*). Ó Pôncia! Fazes favor de dizer lá ao estalajadeiro que ponha lá no pátio um cântaro de vinho para a rapaziada?

PÔN CIA – Cá vou dizer. (*Sai e volta depois para a janela*).

(Rompe a música com descante. A primeira copla é cantada por homem, a segunda por mulher, e as outras o mesmo interpoladamente com curtos intervalos).

CANTOR

*E viva o senhor Morgado
E mai-la sua noiva querida,
Que é fidalga da Amarante
Por nome D. Hermenegilda.*

CANTORA

*D. Hermenegilda se chama
A fidalga d'Amarante,
Que tem no peito o sr. Morgado,
Que é o mais sensível amante.*

CANTOR

*O mais sensível amante,
Agora te vou responder,
Aquilo é homem como se quer,
Que nos vai dar de beber.*

CANTORA

*Que nos vai dar de beber,
Victo-sério regalar,
Viva a sr.^a D. Hermenegilda,
A mai-lo seu lindo par.*

CAMILO CASTELO BRANCO

MORGADO – Obrigado, rapazes, obrigado! Vão vocês beber até lhe chegarem com o dedo.

VOZES – Viva o fidalgo! E a fidalga; viva! Viva! (*Saem*).

MORGADO – Ó Manuel da Boiça! Deixa-me cá ficar a tua viola.

MANUEL DA BOIÇA – (*Rindo alvarmente*). Ora o fidalgo quer agora sacudir os dedos o seu *todo-nada!* (*Dá-lhe a viola e sai*).

MORGADO – Quero ver se ainda me lembram as cantigas da minha mocidade!

CENA V

O MORGADO, D. HERMENEGILDA e PÔNCIA

MORGADO – (*Depois de arpejar com ridículos esgares*). Ó prima, olhe lá se gosta disto. (*Canta*).

*Alteia, mimosa Alteia,
Me maltratas com rigor;
E eu por ti ardendo sempre
Em vivas chamas d'amor!*

PÔNCIA – (*Rindo*). Ora, com efeito!... O amor deu-lhe volta à cabeça, ó sr. Morgado!

MORGADO – Que dizes tu lá, serpente!

PÔNCIA – Serpente!... Olha o peludo a chamar-me a mim serpente! Tenha juízo! Não sei o que me parece um fidalgo da sua casta a cantar na rua! (*Fecha a janela com força*).

CENA VI

MORGADO e D. HERMENEGILDA

MORGADO – (*Arpejando outra vez*). Quer que eu cante a modinha outra vez?

D. HERMENEGILDA – Agora não, que vou comer o caldo. Está o pai-zinho à espera. Adeus até amanhã.

MORGADO – Pois então até amanhã, Hermenegilda amada! Sonhe comigo, ó priminha.

D. HERMENEGILDA – Com bem passe a *noute*, primo. (*Sai*).

CENA VII

MORGADO e BERNARDO *rebuçado cautelosamente, e parado na esquina fronteira.*

MORGADO – Que encapotado é este?... (*Avizinha-se*). Olé!... Que quer aqui?... Fale, ou despejo-lhe um bacamarte no bucho!

BERNARDO – (*Sem mostrar o rosto*). Pode passar que ninguém em-barra consigo. (*Ouvem-se nove horas*).

MORGADO – Aqui há coisa!... Já me não escapa... (*Sai e esconde-se, ficando visível à plateia*).

CAMILO CASTELO BRANCO

CENA VIII

BERNARDO e D. HERMENEGILDA

(Bernardo vai postar-se sob a janela de D. Hermenegilda, que a descerra cautelosamente).

BERNARDO – Sois vós?

D. HERMENEGILDA – Sou eu; mas estou a comer o caldo, e volto logo. *(Fecha a janela).*

BERNARDO – Está a comer o caldo!... Oh! Que monstro de inocência bruta!... *(Sai).*

CENA IX

MORGADO e depois HEITOR

MORGADO – *(Furioso).* É Bernardo! Agora é que eu dei nela! A mulher tem-me engrampado! Por isso ela disse que eu sou velho!... Ferve-me a cabeça!... Não sei se dê cabo dele!

HEITOR – *(À janela expectorando uma tosse de valentão).* Quem é que está aí?

MORGADO – Sou eu, primo Heitor.

HEITOR – Ah! Isso é outra coisa! Cuidei que a rapariga tinha estado a falar com algum petimetre. Trago cá as minhas desconfianças...

MORGADO – Tu que desconfias, ó primo?

HEITOR – Anda-me aqui aquele amigo do João Álvares...

MORGADO – Deste no vinte; é ele mesmo. Vi-o com estes.

HEITOR – Que viste tu?!

MORGADO – Depois falaremos. Tu vais-te já deitar?

HEITOR – Não; ainda vou procurar um homem lá de riba que me traz o dinheiro de uns bois, e não sabe onde eu moro.

MORGADO – Então vamos ambos.

HEITOR – Sobe, e bebes uma pinga do maduro. (*Recolhem-se*).

CENA X

JOÃO, D. VICÊNCIA e PÔNICA

(*Pônica mui recatada na janela, contemplando o terraço. Vem surgindo a lua*).

JOÃO – Anjo das noites formosas, confidente das estrelas, fada da minha vida, virás tu contar àquela lâmpada dos céus o mistério do teu amor? (*Aparece Vicência no terraço, preludiando numa viola francesa, em atitude de inspirada*). É ela! Como a natureza conspira toda a fazê-la mais linda!

D. VICÊNCIA – (*Cantando*).

*Meiga lua, que segredo
Sabes tu do meu amor?
Dás-me tu um anjo ledor
Dos que adoram teu fulgor?*

CAMILO CASTELO BRANCO

*Meiga lua,
Mãe do amor,
Desce um anjo
À minha dor.*

JOÃO – Seria uma barbaridade interrompê-la! Que magia, que paraíso terreal este!

PÔN CIA – (*A meia voz*). Que toleima! Que casa de orates!

D. Vicência – (*Cantando*).

(João faz apaixonados gestos enquanto ela canta).

*Neste mar, que te retrata,
quem me dera andar perdida!
Lá por entre ondas de prata
Voga a flor da minha vida.*

*Minha vida
É toda amores,
Toda sonhos,
Toda flores!*

JOÃO – (*Saindo da sombra*). Não posso mais!... (*Alto*). Ingrata será a meiga lua se vos não responder, ó inspirada cantora!

PÔN CIA – (*À parte*). Agora é que elas vão ser!

D. VICÊNCIA – Quem me fala?

JOÃO – É João Álvares, a alma excruciada de João Álvares, que vos ama, senhora, que vos adora, arcanjo, que se humilha perante a vossa soberania.

PÔN CIA – (*À parte*). Perdeu o siso o meu pobre menino! Nossa Senhora dos Remédios lhe acuda!

D. VICÊNCIA – Os meus amores não os tem a terra, senhor! Vago perdida como a ave que perdeu a memória das suas florestas. O seu coração dê-o às filhas das paixões mundanas, que eu, misérrima entre as mulheres, não espero encontrar alma que compreenda a minha!

PÔN CIA – (*À parte*). Deixa que eu te vou botar água na fervura! (*Alto*). Ó sr.^a D. Vicência, sr.^a D. Vicência!

D. VICÊNCIA – Quem é?

PÔN CIA – É a Pôn cia. Faz favor de me dizer se a cabra ainda fica esta noite no quarto?

D. VICÊNCIA – Que vil prosa a desta mulher!

JOÃO – Sr.^a Pôn cia, recolha-se!

PÔN CIA – Não se faça desentendida, ouviu? Olhe que eu, se me não tira a cabra de cima da cabeça, acaba-se esta noite o mundo!

D. VICÊNCIA – Sr. João Álvares, a bestialidade de sua serva reflecte em V. S.^a (*Sai*).

CENA XI

JOÃO e PÔN CIA

JOÃO – Vossemecê envergonha-me!

PÔN CIA – Venha deitar-se, que estão as papas prontas! Má mês *prà* mulher! Olha o demónio que havia de vir agora lá de cascos de rolha com a cabra e com a guitarra! Venha deitar-se, sr. João! Eu cá lhe vou arrefecer o caldo.

CAMILO CASTELO BRANCO

CENA XII

JOÃO, MORGADO e HEITOR

(Os últimos saem da porta do hotel. João vai a retirar-se).

MORGADO – Ele ali está o Bernardo.

HEITOR – *(Lançando-lhe a mão)*. Ó *su* amigo!

JOÃO – Que quer o senhor?

MORGADO – Ah! Este é o João Álvares. Enganei-me.

HEITOR – Perdoará. Cuidei que era o seu amigo Bernardo. Diga lá a esse borra-botas que eu sou homem de lhe tirar a colada pelas costas, ouviu?

JOÃO – Ouvi perfeitamente, que o senhor tem um excelente pulmão.

HEITOR – Diga-lhe lá que se tornar a bulir com minha filha, mando-lhe quebrar o espinhaço.

JOÃO – Com que então o meu amigo Bernardo buliu-lhe com a filha? Forte maroto!

HEITOR – Você está a mangar comigo?

JOÃO – Deus me defenda! Eu estou protestando contra o tratante que desinquieta meninas. O direito paternal é o mais sagrado dos direitos.

MORGADO – Apoiado!

JOÃO – V. Ex.^a tem carros de razão enquanto sustentar o decoro dos lares, e mantiver imaculada a prosápia ilustríssima de que borbolhou.

HEITOR – (*Ao Morgado*). Que diz ele?

MORGADO – (*Assentindo com gravidade*). É aquilo que ele diz.

JOÃO – Mas, a falar a verdade, eu não sei se V. Ex.^a tem razões assaz fortes para tamanha zanga. O sujeito que namora sua filha é filho segundo de uma ilustre casa de Celorico de Basto. Por *Gamas*, deve pertencer ao venerando tronco do que dobrou o cabo Tormentório, segundo consta de João de Barros, Lucena, Camões, e da *História Genealógica da Casa Real*. Por *Castros*, descende por bastardia de um irmão de Inês de Castro, que veio casar a Celorico, e houve quatro filhos de D. Mécia da Gama, um dos quais foi dom abade de frades bentos, outro foi prior-mor de Cristo, o terceiro morreu em Alcácer-Quibir, e o quarto morreu em cheiro de santidade, e está inteiro. Já vê V. Ex.^a que o amante de sua filha não é qualquer borra-botas, como sua senhoria lhe chamou, no auge da sua paternal iracúndia. O que o sr. Heitor deve indagar é se é honesto o intuito deste amor; e caso seja, apressar o enlace matrimonial.

MORGADO – Tudo aquilo é peta! E há-de perdoar, sr. João. O senhor esteve aí a improvisar. Qual filho de Inês de Castro! Ele é lá dessa família! Cuida que eu não sei que o avô dele foi almocreve! Meu pai deu-lhe muitas cargas de presuntos para Lisboa.

JOÃO – Hei-de desmenti-lo com as genealogias mais acreditadas, sr. Morgado!

MORGADO – Bem me importa cá a mim as suas *geologias*, ou que diabo é.

HEITOR – Está arrumado! Diga-lhe o meu recado, e acabou-se a pendência! Vamos ao homem dos bois que é tarde. (*Saem*).

CAMILO CASTELO BRANCO

CENA XIII

[JOÃO e PÔNCIA]

JOÃO – (*Só*). Vou avisar Bernardo, que não vão estes brutos deslombá-lo; mas onde o encontrarei eu? Talvez a jogar por conta do dote de Hermenegilda. (*Sai*).

PÔNCIA – (*À janela*). Então, sr. João, vem tomar o caldo?

JOÃO – Maldita sejas tu! (*Sai com arremesso*).

CENA XIV

PÔNCIA e D. HERMENEGILDA

PÔNCIA – (*Batendo com o cabo da vassoura na janela de D. Hermenegilda*). Ó menina, ó fidalguinha!

D. HERMENEGILDA – Estava aqui à espera de vossemecê.

PÔNCIA – (*Passando-lhe um lenço atado na ponta do cabo*). Tome lá uma dúzia dos pastéis de Santa Clara.

D. HERMENEGILDA – (*Comendo um*). Bem haja! Sabem que é um regalinho!

PÔNCIA – Pois coma, coma, minha querida menina. Olhe lá: sempre está na ideia de casar com seu primo morgado?

D. HERMENEGILDA – Agora estou! O *berzabum* é que anda atrás de mim, que tem coisa má!

PÔNCIA – Mal empregada senhora nas unhas daquele brutamontes! A menina, se quiser casar com rapazes novos e civilizados, não lhe hão-de faltar!

D. HERMENEGILDA – Pois isso é o que eu quero.

PÔN CIA – A sr.^a D. Hermenegilda gosta bem sei eu de quem...

D. HERMENEGILDA – Vá a ver se adivinhou.

PÔN CIA – (*Com tristeza*). Nem lho quero dizer!... Se soubesse que extravagante ele é!...

D. HERMENEGILDA – O Bernardo?

PÔN CIA – Sim, meu anjinho do céu; o Bernardo tem perdido quanto tem a jogar. Por mais que meu amo o tenha querido tirar do vício, não se emenda. Ai! O meu amo! Isso é que é um rapaz de mão cheia. Se houver de casar, minha fidalga, escolha um marido como o sr. Joãozinho. Andam todas as mulheres atrás dele, e ele, não tenha medo, não quer nenhuma, nem que lha pesem a oiro. Ainda ontem eu lhe disse: ó sr. Joãozinho, se V. S.^a encontrasse uma menina como a fidalga da Amarante! – Com essa casava eu – disse ele logo... Coma outro pastel, minha menina.

D. HERMENEGILDA – (*Comendo*). Eles são tão bons!

PÔN CIA – E a fidalga casava com o sr. Joãozinho, se acontecesse... Sim... Se, como diz lá o outro...

D. HERMENEGILDA – Eu não se me dava, se o paizinho deixasse...

PÔN CIA – Pois olhe, minha senhora, não se despeça de casar com ele... A gente, quando quer deveras, tudo se faz... Aí vem gente...

D. HERMENEGILDA – Então vou-me embora; não vá ser o paizinho.

PÔN CIA – Até amanhã... Pense muito no sr. Joãozinho, sim?

D. HERMENEGILDA – Faça-lhe visitas da minha parte. (*Saem das janelas*).

CAMILO CASTELO BRANCO

CENA XV

BERNARDO e D. HERMENEGILDA

(Quando Bernardo está atirando pedrinhas à vidraça de Hermenegilda, passa o Morgado escoando-se ao longo da parede do terraço, e fica espreitando).

BERNARDO – *(A Hermenegilda)*. É tal o prazer que me enche o coração, que não posso exprimir-vos quanto por vós sinto, desde o ditoso instante em que ver-vos e adorar-vos foi obra de um momento. O sentimento que meu terno peito nutre por vós, acaso ao vosso terá passado?

D. HERMENEGILDA – Eu passei bem, e o senhor?

BERNARDO – Como passará bem do corpo quem arde em vivas chamas de amor?

D. HERMENEGILDA – O senhor também sabe cantar a modinha das *vivas chamas de amor*?

BERNARDO – Nada, não sei.

D. HERMENEGILDA – O primo morgado de Fafe canta que é um regalinho ouvi-lo esta moda. *(Recita. Gesto de contentamento do Morgado)*.

*Alteia, mimosa Alteia,
Me maltratas com rigor;
E eu por ti ardendo sempre
Em vivas chamas d'amor!*

O senhor não sabia este soneto?

BERNARDO – Não falemos das cantigas do Morgado que é um bruto. *(Gesto de raiva do Morgado, que sai)*. O que me importa saber é se tendes um afecto igual ao meu.

D. HERMENEGILDA – Isso lá, é consoante. Meu paizinho o dirá.

BERNARDO – Pois vosso pai é que vos manda amar?

D. HERMENEGILDA – O que ele diz é o que se faz. Casamentos não me faltam. Têm-me pedido muitos morgados, e ele diz que não.

BERNARDO – Mas eu não pergunto se quereis casar comigo.

D. HERMENEGILDA – Que quer então o senhor?

BERNARDO – Quero casar convosco; mas primeiro devo experimentar o vosso coração. Quero ser amado antes de ser vosso marido. Que sentis por mim?

D. HERMENEGILDA – Sinto muito bem.

BERNARDO – A minha carta que impressão vos fez?

D. HERMENEGILDA – Fez-me muita. Está muito bonita. Parece mesmo que é coisa de livros de histórias. Tenho lá na Amarante um livro chamado os *Contos do Trancoso*, e outro chamado as *Aventuras de Teófilos* ou *Teófanos*, ou uma palavra assim, que trazem muitos palavreados como a vossa carta.

BERNARDO – (*Consigno*). Que prodígio de estupidez! (*Alto*). Vejo que me não amais!...

CENA XVI

OS MESMOS e o MORGADO *com o quer que seja debaixo do capote de quartos.*

BERNARDO – Vejo que me não amais! O vosso coração é do morgado de Fafe!

CAMILO CASTELO BRANCO

D. HERMENEGILDA – Pois não foste!...

BERNARDO – Faltava-me ser vencido por um rival tão bruto!

(O Morgado sai da esquina onde está encoberto. Arranca de sob o capote um varapau, e cinge-se com a parede em atitude de valentão de arraial, escarrando grosso, a espaços).

D. HERMENEGILDA – *(Assustada)*. Fuja que é o primo morgado de Fafe, fuja.

BERNARDO – *(Tirando um par de pistolas)*. Eu não sou homem que fuja! Quem é que está aí a grunhir?

MORGADO – Faça o acto de contrição, que você está aí, está na cova. Vai levar *tapona* de criar bicho! *(Bernardo engatilha)*. Ah! Você traz pistolas?! Então o caso muda de figura. *(Tira do bolso interior do capote um bacamarte)*.

D. HERMENEGILDA – *(Saindo da janela)*. Ai Jesus!

CENA XVII

OS MESMOS e JOÃO

JOÃO – Isto que vem a ser?

MORGADO – Um de nós há-de lavar o chão com os focinhos. Arrede-se lá, *sor* João, que eu quero matar o casaquinha!

JOÃO – Com que direito? O senhor quer matar um homem porque ele é amado duma mulher, infiel ao sr. Morgado? Por ventura tem aquele homem alguma obrigação de ser mais digno que a mulher que traiçoa o Morgado?

MORGADO – Homem! Você a modo que tem razão. Ela é que merecia um bom par de cachações. (*A Bernardo*). Vá com Deus, homem!

JOÃO – Seja sempre assim, discreto. A valentia imprudente é a fúria dum louco. (*Sai, com Bernardo*).

CENA XVIII

MORGADO, e depois D. VICÊNCIA no terraço.

MORGADO – Que hei-de eu agora fazer? Como hei-de eu vingar-me da traidora, que parecia mesmo uma lesma!

D. VICÊNCIA – (*No terraço*). Ainda bem que todos estes alarves dormem! Agora poderei, a sós com a natureza, expandir a minha alma (*Preludia no violão e canta fitando a lua*).

(*O Morgado encosta a clavina e o pau ao muro do terraço, e vai contemplar do centro*).

*Quando em ti meus olhos pasmo,
Doce rainha dos céus,
Sinto ardente entusiasmo
Do porvir rasgando os véus.*

*Vejo um anjo
Todo amor,
Que, a sorrir,
Me diz: «ó flor!»*

MORGADO – (*Batendo as palmas*). Muito bem, bravo, parece um rouxinol!

CAMILO CASTELO BRANCO

D. VICÊNCIA – Que gritaria! Quem faz tanta algazarra?

MORGADO – Sou eu, D. Vicência, sou eu, que dou cavaco pelo que é bom. Eu corto as orelhas se na ópera das comédias de S. Carlos na capital há quem cante como a senhora. Faz favor de tornar a cantar isso?

D. VICÊNCIA – Ora deixe-me, sr. Morgado! Vou recolher-me.

MORGADO – Ó minha senhora, faça favor! Eu não sei dizer melhor as *cousas*, senão dizia: por quem é, cante mais um migalho que me enche o coração de prazer.

D. VICÊNCIA – Por obediência canto. (*Repete*).

(O Morgado mostra-se vivamente entusiasmado. Tira do dedo um brilhante, e embrulha-o no sobrescrito de uma carta. Vê-se João embuçado na esquina fronteira).

MORGADO – Ó sr.^a D. Vicência! A senhora há-de perdoar o meu atrevimento. (*Atira-lhe o embrulho*).

D. VICÊNCIA – (*Apanhando*). Isto que é? Um anel com brilhante? (*João aparece na janela do primeiro andar, e Pôncia logo na do segundo*).

MORGADO – Custou-me quarenta libras e uns pozinhos. É uma memória destes ditosos instantes que a senhora me deu. Eu estava triste como a noite; tinha cá dentro o demónio a trabalhar comigo, e desde que ouvi a menina, foi como se estivesse a arder, e me atirassem uma caldeira de água fresca pela cabeça abaixo. Fiquei consolado!

D. VICÊNCIA – Mas eu não devo aceitar este anel por modo nenhum.

MORGADO – Oh! Senhora, não me faça uma desfeita... Faça de conta que o recebeu da mão de um noivo.

D. VICÊNCIA – De um noivo! Isso tem mais que se lhe diga.

MORGADO – Isto é um modo de falar... Eu bem sei que a senhora se não penteia para mim; mas *pràmigo* sirvo como os que servem.

D. VICÊNCIA – Guardarei o anel como lembrança de um sincero amigo...

MORGADO – Pois guarde, guarde, e o resto quem viver o verá.

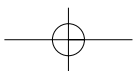
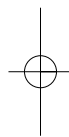
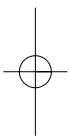
D. VICÊNCIA – O resto?!

MORGADO – Isto é um modo de falar... (*João e Pôncia soltam uma gargalhada*). Vocês que estão aí a rir?

PÔNICA – (*Debruçando-se para ver o terraço*). A mulher terá fadário de gata, que anda a miar pelos telhados? *Biche, biche, biche, farruca?*

(*Outra risada de João. O Morgado braceja furioso*).

FIM DO SEGUNDO ACTO



ACTO III

A decoração do primeiro acto.

CENA I

D. VICÊNCIA, *com a cabrinha.*

(Entra um criado, que lhe entrega uma carta, e sai).

D. VICÊNCIA – *(Abrindo a carta)*. É do procurador. *(Lendo)*. «Com o maior desgosto participo a V. Ex.^a que a sua demanda foi ontem decidida na Relação, e V. Ex.^a foi *(Grande sobressalto)* vítima da mais manifesta iniquidade. Deram como nulo o testamento de seu marido. A lei apenas concede a V. Ex.^a o usufruto dos bens livres, que, segundo creio, pouco valem!» *(Cai prostrada na cadeira)*. Estou pobre!... Estão vingados os meus inimigos! Venceu a estupidez! *(Enxuga as lágrimas e continua a leitura)*. «Se V. Ex.^a permite que eu lhe dê um conselho, ousou lembrar-lhe que o mais conveniente passo que tem a dar é entrar num convento, onde pode viver com pouco em modesta obscuridade!» *(Amachuca na mão a carta)*. Não! Convento, não! Nasci para a luz! *(Ergue-se de golpe)*. Quero a luz! Quero a liberdade! Hei-de achar um canto do mundo debaixo do sol!

CAMILO CASTELO BRANCO

CENA II

D. VICÊNCIA e o MORGADO

(O Morgado traz um cabrito preso com uma fita).

MORGADO – *(Muito meigo)*. O coração amante apanha as inclinações do coração amado. Deu-me também na veneta de ter um cabritinho, minha rica senhora. Olhe, como ele é bonito! E a cabrinha parece que está contente de o ver! O meu cabritinho também quer ter um nome. V. Ex.^a há-de ser a madrinha. Ora diga lá como se há-de chamar o meu bicho?

D. VICÊNCIA – *(Meditativa)*. Encontra-me aflita, sr. Morgado!

MORGADO – A cabra está doentinha? Não me parece!... Então que tem? Dar-se-á caso que estes pelintras de Cabeceiras de Basto lhe fizessem alguma? Eu estou aqui para os trazer pelas orelhas à sua presença.

D. VICÊNCIA – Não, senhor, ninguém me ofendeu. São negócios de família.

MORGADO – A senhora não esteja zangada lá pelo que disse a Pôncia. Aquilo é uma azémola que não pode ver que eu vos ame, e que vós me ameis, porque o amo dela amava a vós. Forte pateta! Meteu-se-lhe no toitiço que vós podíeis amar a ele! Pedaco de...

D. VICÊNCIA – Coitado! Parece-me um moço delicado o tal João Álvares!

MORGADO – Ora adeus! Aquilo é um pandilha! Tem botado a perder muita cachopa, e mulher de juízo nenhuma lhe dá trela. Depois, o que ele tem não vale oitocentos mil réis. Lá esperto é ele, segundo diz o meu irmão frade; mas isto de esperteza cá *prò* arranjo do almoço, jantar e ceia, acho que é

malhar em ferro frio. Olhe que eu mal sei escrever o meu nome! Mas não sou asno. Quem ama tem o olho muito fino. Já dei fé da senhora gostar dele, e a falar-lhe a verdade, senti cá por dentro Uns... Uns... Sim... Uns, assim a modo de calafrios na espinha. (*Com vemência*). Enfim, o que há-de dizer-se ao tarde, diga-se ao cedo... Eu tenho-lhe amor de raiz! (*Ajoelha aos pés de Vicência*).

D. VICÊNCIA – Sr. Morgado! Eu estou pasmada!... Queira erguer-se! (*Dá-lhe a mão, que ele beija, e aperta-lhe uma pulseira rica no braço*). Que é isto? Que faz?

MORGADO – Perdoai o meu atrevimento! É o coração que me obriga a estas asneiras! A paixão é cega. Chegou a minha hora de morrer de amor! Se não quereis amar-me, sede minha amiga, perdoai os meus atrevidos atrevimentos! O coração arrebenta-me *d'amor!* Oh! Céus! Não sei que digo.

D. VICÊNCIA – Tranquelize-se, sr. Morgado! Reconheço a nobreza de suas intenções, e não posso senão louvá-las. Acho-o digno da minha estima. O meu coração é grato.

MORGADO – (*Ajoelhando de novo*). Ó Vicência amada, sede minha esposa!...

CENA III

OS MESMOS e JOÃO

(*João contempla o grupo. O Morgado, ao vê-lo, ergue-se*).

JOÃO – (*Entre irónico e pasmado*). Dar-se-á caso que Júpiter se convertesse em boi para arrebatat a formosa Europa!

MORGADO – Você chama-me boi, ó *sor* João!?

CAMILO CASTELO BRANCO

JOÃO – Pergunte à sr.^a D. Vicência a explicação desta poética imagem. S. Ex.^a, como entendida em altas filosofias do amor, pode dizer-lhe quando é que fica bem a um deus do Olimpo metamorfosear-se em boi. (*Contempla o cabrito*). Temos cabritinho! Era justo que Paulo e Virgínia se fizessem pastores! (*Ri às gargalhadas*). Com efeito! O ridículo está tomando umas proporções assustadoras!

D. VICÊNCIA – Eu é que me não presto voluntariamente ao ridículo, senhor!

MORGADO – (*A D. Vicência*). Ele disse-lhe alguma?

D. VICÊNCIA – Devo-lhe contas das minhas acções, sr. João?

MORGADO – E eu também devo-lhe contas das minhas?

JOÃO – Devem contas à sociedade; porque a sociedade é o juízo inexorável dos ridículos de cada indivíduo da sociedade.

MORGADO – Homem, guarde lá o palavreado *pràs* gazetas, e não se faça menino bonito, ouviu? Esta senhora deve-lhe alguma *cousa*?

JOÃO – Esta senhora deve-me o que deve ao mundo: a explicação da sua irrisória inclinação!

MORGADO – Vossemecê quer polícia, sr. João?

JOÃO – Não me ameace, Morgado. Olhe que eu contra a força bruta do pulso tenho um *revolver*!

D. VICÊNCIA – Sempre desejo saber o que o senhor quer de mim!

JOÃO – (*Riso sarcástico, postura solene*). Aqui está o que são as mulleres românticas! As mulheres que acham poesia na cabrinha branca! As mulheres que remedam a Esmeralda de Victor Hugo! As mulheres que, alta noite, sobem aos terraços a descantar trovas à lua. As mulheres que erram na

face da terra buscando coração de anjo que as compreenda! As mulheres românticas são isto! Depois de chorarem oito dias e oito noites, com saudades de um serafim que o céu lhes nega, acertam de encontrar o Morgado de Fafe e apaixonam-se dele! Nisto se resolveu o amor da cabra, o amor da lua, e o amor do anjo! Oh! Miséria, vilipêndio e exemplo atroz a futuros amadores de mulheres românticas!

D. VICÊNCIA – Desprezo os seus sarcasmos da altura da minha dignidade!

MORGADO – Também eu! E cale-me o bico, que eu boto-me a perder! Você importa-lhe que a sr.^a D. Vicência seja minha esposa?

JOÃO – (*Trovejando*). Importa-me desmascarar hipócritas diante dum público respeitável!

MORGADO – Você não me grite, homem!

CENA IV

OS MESMOS e PÔN CIA

PÔN CIA – Que gritaria é esta? O sr. Joãozinho está tão amarelo! Que tem?

JOÃO – Deixe-me!

PÔN CIA – (*Ao Morgado*). Que foi isto! O senhor fez-lhe alguma! Desembuche, ande!

MORGADO – Não lhe fiz nada. Ele é que está aí a botar por aquela boca fora quanto lhe lembra. Não queria que eu estivesse a

CAMILO CASTELO BRANCO

conversar com a sr.^a D. Vicência. Você já viu um lorpa desta casta?

PÔNICA – Lorpa será ele! Olha o *inxuvedo* que vem cá chamar lorpa a um homem que tem estudos. (*A João*). E o menino que se lhe importa que ele converse com ela? Lé com lé, e cré com cré! Venha daí sr. João!

D. VICÊNCIA – Eu retiro-me! Não sirvo para estas cenas vergonhosas!

JOÃO – (*Irónico*). A senhora a falar em vergonha tem graça!... Espere! Que há-de ouvir-me! (*Coloca-se-lhe à frente, e ela recua para o Morgado, que lhe toma a vanguarda*).

MORGADO – Olhe que eu passo a vias de facto, ó *su* atrevido!

PÔNICA – (*Agarrada às abas do chambre de João*). Não se bote a perder, sr. Joãzinho! (*Puxa-o para o lado esquerdo da cena, enquanto Vicência faz o mesmo ao Morgado*).

MORGADO – (*Arremetendo-o*). Espatifo-o! Quero trincar-lhe os figados!

JOÃO – (*O Mesmo*). Quero ensinar um bruto! Deixe-me tosquiar este camelo!

As seguintes coplas são cantadas, e ajustadas à música do quarteto do 3º acto de «I due foscari». Cumpre que os actores arremedem os trejeitos furiosos dos cantores naquele quarteto.

MORGADO (*Só*).
Não te faças fino,
Que eu bem sei quem és,
Hei-de pespegar-te
Quatro pontapés.

JOÃO (*Só*).
És quadrado zote,
És bruto indecente,
Digno da Vicência,
Vergonha da gente.

D. VICÊNCIA (Só).
*Deixemos o parvo,
 Que não tem pataco;
 Vem, meu Antoninho,
 Não lhe dê cavaco.*

PÔNCIA (Só).
*Deixemos a tola
 Que fala cò'a lua;
 Venha, Joãozinho,
 Mande-os à tabua!*

MORGADO (Só).
*Ai! Que eu vou-te às ventas,
 Sem dó nem clemência,
 Se tu me namoras
 A minha Vicência.*

JOÃO (Só).
*A mim faz-me nojo
 Essa tal Vicência,
 Que te está vendendo
 A vil consciência.*

TODOS

*Que vão bugiar
 Não digas mais nada,
 Não demos cavaco
 A tal canalhada.*

(Repete).

CENA V

OS MESMOS e QUATRO SUJEITOS

*(Que saem dos quartos laterais embrulhados em cobertores
 com barretes de dormir. Entram a passo grave).*

UM SUJEITO – Que infernal bulha é esta! São dez horas da manhã.
 Estamos no primeiro sono. E há uns alarves que vêm gritar
 aqui sem respeito ao repouso dos seus vizinhos.

CAMILO CASTELO BRANCO

MORGADO – Os senhores não têm vergonha de virem assim diante desta senhora? (*Indicando Vicência*).

PÔN CIA – (*Indicando-se a si*). E desta?

MORGADO – Vão-se vestir! Tragam um casaco, se não quiserem levar uma casaca! Recolham-se, senão vou dar parte ao regedor! Aparecerem assim diante duma menina!

PÔN CIA – (*Tapando o rosto com o avental*). Isso é verdade!

UM DOS SUJEITOS – Respeitemos o pudor do belo sexo.

TODOS – Respeitemos. (*Saem*).

D. VICÊNCIA – (*Apertando a mão ao Morgado*). Morgado! Para a vida, e para a morte! (*Sai*).

MORGADO – Qual morte nem meia morte! Agora é que nós vamos viver. (*Sai e volta à cena*). Ó su amigo, agora, se quer alguma coisa, é cá para fora! Venha daí, se é homem! (*João quer sair. Pôn cia agarra-o*).

PÔN CIA – (*Ao Morgado*). Eu se vou buscar o cabo da vassoira!...

MORGADO – Pois vai, minha jibóia!

PÔN CIA – (*Ainda retendo João*). Ah! Grande bruto!... (*O Morgado sai*).

CENA VI

JOÃO e PÔN CIA

PÔN CIA – Menino, eu estava a ver se a sr.^a D. Hermenegilda dava fé desta desordem por causa da Vicência!

JOÃO – E que tinha isso? Que me importa a mim a Hermenegilda?

PÔNCIA – O senhor está a ler! Então não sabe que, se Deus e S. Gonçalo de Amarante nos ajudar, o menino está aqui, e está rico a não saber o que tem de seu?

JOÃO – Não entendo! Como é isso, tia Pôncia?

PÔNCIA – Cale-se, cale-se, que já tenho esperanças de morrer contente, deixando-o nos braços de sua mulher, com uma casa farta e cheia de tudo. Hermenegilda é sua mulher, ou eu não sou Pôncia do Rosário.

JOÃO – Que está a dizer, mulher?! Pois não sabe que Hermenegilda namora o meu amigo Bernardo de Castro?

PÔNCIA – Isso está desmanchado! Mau foi eu meter-me nisto!... Tanto se lhe dá ela do Bernardo como do Morgado. O que ela quer é casar com o sr. Joãozinho.

JOÃO – Mas eu é que não sou capaz de atraíçoar o meu amigo. A minha principal riqueza é a honra. E demais disso, Hermenegilda é muito estúpida.

PÔNCIA – É estúpida? As espertas é que são boas, não são? Olhe lá no que deu a esperteza da Vicência! Aquela é que lhe servia, sim? Ora, sr. Joãozinho! Sempre lhe digo que essa sua cabeça é uma abóbora! Levou uma lição daquela casta, e não aprendeu nada! Pelos modos, o menino vai ver se encontra outra fidúcia que tenha uma cabra, e que ande pelos telhados a botar versos aos planetas! Valha-o Deus, que está cada vez mais tonto! Sr. João, tome o meu conselho: mulher para o arranjo da vida como a D. Hermenegilda, más maleitas me apanhem, se o senhor topar outra. Não quer? O senhor torcerá as orelhas. A culpa tenho-a eu de andar metida nestas balbúrdias. Que hei-de eu agora dizer à pobre menina? Demais a mais fiquei de arranjar com que o sr. Joãozinho lhe falasse hoje para se declararem um ao outro, e vai agora...

CAMILO CASTELO BRANCO

JOÃO – Ó mulher, vossemecê é mentecapta! Pois cuida que, ainda mesmo que eu quisesse casar com Hermenegilda, o pai ma dava?

PÔN CIA – Isso deixe-o por minha conta; eu arranjarei tudo.

JOÃO – De que modo? Explique-se.

PÔN CIA – Não tenho tempo agora. Quer ou não quer?

JOÃO – Eu não sei que faça!... Você está a tentar-me, Pôn cia! Sinto que se está torcendo a minha vocação! Isto é um fenómeno! Porventura, estarei eu também corrompido! A indignidade do coração humano será contagiosa!

PÔN CIA – O senhor está aí a pregar? Isto é pau-pau, pedra-pedra. Vou buscá-la?

JOÃO – Buscar o quê?

PÔN CIA – A noiva.

JOÃO – Enfim!...

PÔN CIA – Demore-se um migalho... Oh! Com a breca!... Aí vem o Bernardo. Imponte-o depressa!... (*Sai*).

CENA VII

JOÃO e BERNARDO

BERNARDO – Ó João, podes emprestar-me duas libras até me chegar dinheiro de casa?

JOÃO – Donde vens tu, que te não vejo há dois dias?

BERNARDO – Da espelunca. Lá comi e dormi e larguei as últimas relíquias de vinte libras.

JOÃO – E a respeito de Hermenegilda?

BERNARDO – Nem mais me lembrou a parva criatura! Aquilo não me serve, porque há-de ser difícil de mover o quadrúpede paternal! Mas, enquanto a ela, fazes lá ideia da selvagem que ali está! Cada palavra que diz são três asneiras das que gelam o mais vulcânico amor! Deixa-a ir *prò* Morgado, que vai para onde a destinou a natureza.

JOÃO – Decididamente não queres mais nada da Hermenegilda?

BERNARDO – Queria-lhe o chapéu que ela trouxe de Amarante para me embarcar nele para a Califórnia, em perdendo a última jeira do património! Dá cá as duas libras, que me foge o palpíte.

JOÃO – Faz-te desarranjo vir buscá-las logo? A Pôncia é que tem o dinheiro; e, se eu lho vou pedir agora, a mulher sabe que é para ires jogar, e não mo dá.

BERNARDO – Então volto logo. Vou à praia ver uma Felizarda de Atei que é menos boçal que Hermenegilda, e não é menos rica. Até depois. (*Sai*).

CENA VIII

JOÃO, PÔNCIA, e depois [D.] HERMENEGILDA

PÔNCIA – (*Espreitando*). Já saiu?

JOÃO – Já. (*Pôncia retrocede*). Agora já a minha dignidade não sofre.

CAMILO CASTELO BRANCO

PÔNCIA – (*Para fora*). Venha, menina; não tenha vergonha.

JOÃO – (*Indo receber Hermenegilda*). Minha senhora, acabo de receber a agradável notícia de que V. Ex.^a me ama, e deseja ser minha esposa. Eu não me atrevia a mostrar-lhe o igual desejo, que me domina, desde que tive a dita de a ver; mas agora, visto que os nossos corações se encontraram, saiba V. Ex.^a que eu a amo com todas as veras da minha alma.

D. HERMENEGILDA – (*Com muito pudor*). Também eu.

PÔNCIA – Conversem, conversem que eu vou aqui *prà* janela espreitar que não venha o paizinho. (*Vai debruçar-se na janela*).

JOÃO – (*Dando-lhe uma cadeira*). Queira sentar-se, meu amor.

D. HERMENEGILDA – Estou bem de pé; é *pra* crescer.

JOÃO – Então, por quem é, sente-se, minha querida menina. (*Sentam-se ambos aproximados*). Está, pois, resolvida a ser minha esposa? (*Toma-lhe uma mão com meiguice, e ela retrai a mão com enfado*).

D. HERMENEGILDA – Não vale bulir-me nas mãos.

JOÃO – Ó minha senhora, peço-lhe que não se ofenda de uma acção tão inocente. Cuidei que o anjo que há-de ser minha esposa me consentiria que eu lhe beijasse a mão, que brevemente há-de ser minha.

D. HERMENEGILDA – Quando for sua, então a beijará.

JOÃO – Pois sim, minha querida. Respeito as suas vontades todas. Ora diga-me. (*À parte*). Cego seja eu, se sei o que lhe hei-de dizer! Ora diga-me... Tem realmente vontade de ser minha esposa?

D. HERMENEGILDA – Pois eu!... Se o paizinho deixar...

JOÃO – E havemos de ser muito venturosos, muito amiguinhos... (*Vai a tocar-lhe a mão, que ela retira*).

D. HERMENEGILDA – Não bula.

JOÃO – Perdão, minha adorada; o amor faz-me imprudente...
Deixe-me dizer-lhe: essa sua repugnância em se deixar acariciar, faz-me supor que me não ama.

D. HERMENEGILDA – A gente pode amar sem estar a bulir nas mãos.

JOÃO – Diz bem, minha cara menina. A virtude é assim; e eu tão raras vezes tenho encontrado a virtude, que sinto vontade de lhe dobrar o joelho! Se me concedesse ao menos que eu a adorasse... (*Ajoelha*).

D. HERMENEGILDA – Eu não sou santa nenhuma. Isso de que serve?...

JOÃO. Por que não me há-de permitir que eu lhe beije a mão?

PÔNCIA – (*Para fora*). Deixe-lhe beijar a mão, menina; todas as noivas deixam beijar as mãos a seus maridos.

D. HERMENEGILDA – Pois então aí tem.

(Quando João lhe está beijando a mão, surge Vicência à porta do seu quarto, e solta uma gargalhada. Erguem-se).

CENA IX

OS MESMOS e D. VICÊNCIA

D. VICÊNCIA – (*Irónica*). Aqui está o que são os homens românticos! Os folhetinistas ideais de Guimarães! As almas excruciantes que se humilham aos arcanjos! Estes poetas, quando encontram a Hermenegilda da Amarante, apaixonam-se

CAMILO CASTELO BRANCO

dela, e mandam o seu estilo e as suas sátiras aos estúpidos de presente aos tolos! Oh! Miséria, vilipêndio e exemplo atroz a futuras namoradas de homens românticos! (*Entra e fecha a porta com força*).

CENA X

JOÃO, PÔNCIA e D. HERMENEGILDA

PÔNCIA – Ouviu, ó sua bisbilhoteira?

D. HERMENEGILDA – Ela que esteve a dizer?

PÔNCIA – É que *endoudeceu* a pateta da mulher! Não faça caso.

D. HERMENEGILDA – Ah! Ela está doidinha?

JOÃO – Penso que sim, minha querida.

PÔNCIA – (*Agitada*). Aí vem o sr. Heitor. Vão-se embora, que eu fico a esperá-lo aqui. (*Saem*).

CENA XI

PÔNCIA, e depois HEITOR

PÔNCIA – Agora é que eu me vou ver em apertos! Meu S. Gonçalo de Amarante, não me desampares. (*Entra Heitor*). Deus lhe dê muito bom dia, sr. Heitor.

HEITOR – (*Sem reparar nela, atravessando*). Viva.

PÔN CIA – Leva muita pressa?

HEITOR – Você que tem com isso?

PÔN CIA – Queria-lhe uma palavra em particular.

HEITOR – Então que temos?

PÔN CIA – Faz favor de se sentar, que é negócio de costa arriba.

HEITOR – Negócio?! Eu não tenho negócios com você.

PÔN CIA – É negócio de família.

HEITOR – Que tem você que dizer à honra da minha casa?

PÔN CIA – Bendito seja o Senhor! Não tenho que dizer senão bem.

HEITOR – Então, bote cá fora o que tem no bucho.

PÔN CIA – Lá vamos, lá vamos; mas faça favor de sentar-se que eu, se dá licença, também me sento.

HEITOR – (*Sentando-se*). Vamos a isso.

PÔN CIA – V. Ex.^a, fidalgo, é um pai como há poucos, e quer que sua filha tenha bons créditos.

HEITOR – E a minha filha tem maus créditos?

PÔN CIA – Não tem, graças ao Altíssimo; mas é bom casá-la para que as más-línguas lhe não peguem a sujar a virtude.

HEITOR – Quem é que suja a virtude de minha filha? É o Bernardo? Esse patife do jogador?

PÔN CIA – Quem é que fala no Bernardo! Olha quem! Se a sua menina dava cavaco ao *engrimanço*! A sr.^a D. Hermenegilda tem muito juízo, e sabe o que lhe convem. O marido que ela quer é outro, que só eu sei o que vale.

CAMILO CASTELO BRANCO

HEITOR – Então quem é? Pois a rapariga escolheu marido?

PÔN CIA – Foi o seu anjo da guarda que lho escolheu. Erga as mãos a Deus, fidalgo! Que genro assim não topa o senhor outro!

HEITOR – Como se chama?

PÔN CIA – Sou Pôn cia do Rosário, para o servir.

HEITOR – Não digo você, é ele.

PÔN CIA – Ah! O namorado da senhora sua filha? É meu amo.

HEITOR – (*Erguendo-se*). Quem? O João Álvares de Freixedo?! Você acho que bebeu de mais ao almoço, ó mulher!

PÔN CIA – Agora bebi; estou muito no meu juízo.

HEITOR – Pois seu amo, que não tem coisa que valha duas juntas de bois, e que é um troca-tintas, atreveu-se a olhar *prà* minha filha?

PÔN CIA – Sr. Heitor, meu amo não é troca-tintas, e tem uma casa que lhe dá *pra* comer e beber à farta. O fidalgo está enganado com ele. Enquanto a sangue, olhe que é do melhor de Cabeceiras de Basto, e, se não é rico, também não pede nada a ninguém.

HEITOR – Não me conte lérias. Não quero, não quero, não quero *similhante* genro!

PÔN CIA – Pois não queira, sr. Heitor; mas olhe bem o que eu lhe digo... Sua filha está ali, está acolá nas ondas do mar.

HEITOR – Que diz você?

PÔN CIA – Chegue cá a orelha. (*Heitor chega-lhe o ouvido, e escuta alguma coisa que o faz saltar*).

HEITOR – Você está a mentir, mulher!

PÔN CIA – Oxalá que mentisse!...

HEITOR – (*Furioso*). Eu vou matar seu amo!

PÔN CIA – Sr. Heitor, venha cá, não meta a sua alma no inferno. Olhe que a vida são dois dias. Se o mata a ele, mata sua filha, mata-me a mim, mata-se a si, morremos todos. Oiça o que lhe diz esta velha, que tem visto muita coisa. Deixe casar sua filha, que tapa as bocas do mundo. Olhe que ela bota-se a afogar, em sabendo que V. Ex.^a sabe da sua desgraça. Lembre-se que, aquele anjinho de perfeição não se fez para o comerem os peixes. Em bom pano cai uma nódoa, e o casamento é a melhor barrela destas nódoas. Daqui a pouco, o fidalgo há-de ser tão amigo do seu genro e dos seus netinhos que inda me há-de dizer: «Ó Pôn cia, tu fostes um anjo que me apareceste!» Sr. Heitor, lembre-se que está cos pés na cova, e que sua filha não lhe fecha os olhos, se V. Ex.^a a não deixa casar.

HEITOR – (*Bufando aflito*). Isto é de dar cabo de um homem!...

PÔN CIA – (*Muito meiga*). Sr. Heitor! Tenha paciência, que tudo se remedeia com o casamento. O sr. Joãozinho inda há-de vir a ser um grande homem! Olhe que ele já serviu três anos de juiz ordinário em Cabeceiras de Basto, e fala-se em que vai para deputado, e ele já disse que, em sendo deputado, não volta à terra sem vir comendador ou barão! Sr. Heitor, tenha alma! Dê o *sim* a sua filha, e veja as minhas lágrimas!

HEITOR – (*Consigo*). Que hei-de eu fazer-lhe!... Não tenho senão aquela!... Maldita hora em que vim à Foz!...

PÔN CIA – Não diga isso que é pecado. Isto já assim veio talhado lá de cima, fidalgo. Vou dar-lhe a boa nova? Vou?...

HEITOR – Não lhe diga nada; vá-se embora; deixe-me pensar.

PÔN CIA – (*Saindo*). Caiu na ratoeira! Eu sempre sou uma grande mulher!

CAMILO CASTELO BRANCO

CENA XII

HEITOR e MORGADO

MORGADO – Que estás aí a fazer tão casmurro, ó primo?

HEITOR – Deixa-me que estou para dar um estoiro!

MORGADO – (*À parte*). Há-de ser por eu lhe não casar com a filha!
(*Heitor ergue-se e passeia muito agitado*).

HEITOR – *Pra* que vim eu à Foz! A rapariga estava tão sossegada lá em riba! Andava tão alegre a cantar lá pelos souts, e a tratar dos perus e dos patos! Era a minha alegria vê-la a fazer a barrela com as criadas!... Ai! Que eu arreberto!

MORGADO – (*À parte*). Não me enganei. (*Alto*). Primo Heitor, eu vou-te a dizer o que sinto, e tem paciência. Eu não caso com tua filha, porque aquela cabeça não regula bem. Tu já sabes o que aconteceu. Um homem que casa deve olhar ao futuro, e atirar com o coração *pra* trás das costas, quando a coisa lhe não bacoreja. A falar-te a verdade, depois que tua filha começou a malucar, eu voltei-me para D. Vicência, e ela caiu-me no gotto. Fiz-lhe dois dedos de namoro, e conheci que ela me tinha amor de dentro. Dei-lhe a minha palavra de casar com ela, e agora não tenho remédio senão levá-la à igreja.

HEITOR – Pois leva, e deixa-me, homem! Tu não sabes o que eu tenho!

MORGADO – Sei que tens boa casa; mas eu *pra* viver à farta, graças a Deus, também tenho. Eu, se casasse com a tua filha, não era *prà*mor do dote, ouviste?

HEITOR – Quem te fala nisso, homem? A minha filha deu em droga. Agora não há remédio senão casá-la.

MORGADO – Deu em droga! Põe lá isso em miúdos!

HEITOR – Não me perguntes nada. Vai tratar da tua vida!

CENA XIII

OS MESMOS, D. HERMENEGILDA, JOÃO e PÔNICA

PÔNICA – (*Para fora*). Faça como eu lhe ensinei. Veja lá!...

D. HERMENEGILDA – (*Entrando, e indo ajoelhar aos pés do pai*).
Sr. paizinho! Eu quero casar com o sr. João Álvares.

HEITOR – Ingrata filha! Fizeste-la boa!... Podes limpar as mãos à parede! Foi *pra* isso que eu te trouxe a banhos do mar. Que fizeste, Hermenegilda!

D. HERMENEGILDA – Eu não fiz nada! Se o paizinho me não deixa casar, vou-me botar ao mar!

JOÃO – (*Ajoelhando ao lado dela*). Sr. Heitor Falcão, os culpados são dois, devem ser duas as vítimas da sua justiça. Castigue-me a mim, e poupe sua virtuosa filha, que está inocente.

HEITOR – Não está má a virtude! Ponham-se a prumo. Não quero cá ninguém de geolhos como nas comédias.

MORGADO – (*Rindo muito*). Eu estou pasmado do que vejo! Que *manfarrico* de embrulhada é esta!?

PÔNICA – De que está a rir-se este peludo?

MORGADO – (*Sério*). Olhe que eu dou-lhe um tapa-olho, sua lagarta.

PÔNICA – Pois não deste! Venha para cá!...

HEITOR – (*A Hermenegilda*). Com que então queres casar com este sujeito?

D. HERMENEGILDA – Pois eu!...

HEITOR – Pois tu!... Ah! Velhaca, que parecias uma lorpa, e enganaste-me!... Casem, casem. Lá se avenham.

CAMILO CASTELO BRANCO

JOÃO – Permita que eu lhe beije a mão, e lhe dê o doce nome de pai.

PÔNCIA – (*A Hermenegilda*). Vá a menina pelo outro lado, e faça o mesmo.

D. HERMENEGILDA – Permita que eu lhe beije a mão, e lhe dê o doce nome de pai.

MORGADO – (*Gargalhando*). Ai! Que comédia! Isto é perdido em pouca gente!

CENA ÚLTIMA

OS MESMOS, D. VICÊNCIA, BERNARDO *e* OS SUJEITOS
DOS COBERTORES

D. VICÊNCIA – (*Saindo do seu quarto*). Que bulha, que bulha fazem!

(*Os sujeitos saem dos quartos laterais*).

UM SUJEITO – Não é possível dormir nesta infernal casa!

MORGADO – Calem-se lá, seus indecentes! D. Vicência, veja isto, veja isto! O amigo João vai casar com a menina de Amarante!

D. VICÊNCIA – Não me espanto!...

PÔNCIA – Nem se deve espantar.

MORGADO – Quem te chamou cá, ó abelha-mestra?

PÔNCIA – Ninguém; vim eu responder àquela senhora, que é muito esperta.

MORGADO – E tu és muito bruta.

BERNARDO – (*À parte a João*). Tu agora podes emprestar-me cem libras a ver se me desforro?

JOÃO – Isso não é *pra* aqui. Fala-me amanhã.

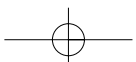
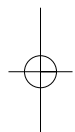
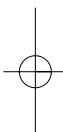
MORGADO – Oiçam lá, que vai falar um homem! Estão feitas as pazes! São dois casamentos no mesmo dia, e daqui vamos comer as assaduras a minha casa. D. Vicência, minha adorada esposa, tu hás-de ensinar a prima Hermenegilda a falar francês.

JOÃO – Não quero que minha mulher saiba francês... Muito obrigado!

MORGADO – Pois eu vou aprender francês, e depois vamos viajar. *Prò* ano hei-de ir a Lisboa mostrar quem é o Morgado de Fafe; e as lisboetas hão-de ficar de boca aberta, quando virem minha mulher.

FIM

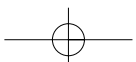
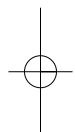
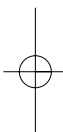




ÍNDICE

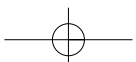
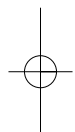
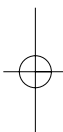
INTRODUÇÃO

DUAS FARSAS TEATRAIS DE UM <i>ARDENTE SATÍRICO</i> (A fórmula instável das comédias camilianas do Morgado de Fafe)	7
<i>O MORGADO DE FAFE EM LISBOA</i>	33
Acto I	37
Acto II	61
<i>O MORGADO DE FAFE AMOROSO</i>	91
Acto I	95
Acto II	125
Acto III	149



ESTE LIBRO SAÍU DO PRELO DE LUGAMI EN BETANZOS O 27 DE
NOVEMBRO DE 2008







LIBROS PUBLICADOS

1. Xaime Quintanilla: DONOSIÑA (Edición de Laura Tato)
2. Denis Diderot: O PARADOXO SOBRE O ACTOR (Edición bilingüe de X. C. Carrete Díaz e F. Scurrat Boutet) –Esgotado–
3. Antón Villar Ponte: ENTRE DOUS ABISMOS e NOUTURNIO DE MEDO E MORTE (Edición de Emilio Xosé Insua López) –Esgotado–
4. Oscar Wilde: ERNEST (Edición bilingüe de Miguel Pérez Romero) –Esgotado–
5. Aristóteles: POÉTICA (Edición bilingüe de Fernando González Muñoz) –Esgotado–
6. Hildegarde de Bingen: O DESFILE DAS VIRTUDES (Edición bilingüe de Xosé C. Santos Paz)
7. Ramón Otero Pedrayo: O FIDALGO E O TEATRO (TRES TEXTOS DRAMÁTICOS) (Edición de Xosé Manuel Sánchez Rei)
8. TRES PEZAS CÓMICAS MEDIEVAIS (Edición bilingüe de Henrique Harguindey Banet)
9. Pedro P. Riobó Sanluís: O TEATRO GALEGO CONTEMPORÁNEO (1936-1996)
10. O TEATRO DE CHARLES BAUDELAIRE. PROXECTOS (Edición bilingüe de Xesús González Gómez)
11. Ricardo Carvalho Calero: ESCRITOS SOBRE TEATRO (Edición de Laura Tato)
12. António Ferreira: CASTRO (Edição de Mª Rosa Álvarez Sellers)
13. Rosvita de Gandersheim: OBRA DRAMÁTICA (Edición bilingüe de Xosé C. Santos Paz)
14. Llorenç Villalonga: DESBARATOS (Edición bilingüe de Xesús González Gómez)
15. José Oliveira Barata: O ESPAÇO LITERÁRIO DO TEATRO. ESTUDOS SOBRE LITERATURA DRAMÁTICA PORTUGUESA/I
16. Alexandre Ballester: NUN PREGUE DE VELUDO (Edición bilingüe de Xesús González Gómez)
17. Goretti Sanmartín Rei: O TEATRO DE XAN DA COVA. *LA GALICIANA E MARÍA PITA*
18. Josep Pere Peyró: DESERTOS (Edición bilingüe de Xesús González Gómez)
19. Afonso Álvares: AUTO DE SANTIAGO (Edição de Juan M. Carrasco González)
20. Ramón Cabanillas: A VIRXE DO CRISTAL (Edición de Manuel Ferreiro e Goretti Sanmartín Rei)
21. TEATRO BRASILEIRO: TEXTOS DE FUNDAÇÃO (Edição de Maria Aparecida Ribeiro)
22. Roberto Cordovani: TEATRO BRASILEIRO NA GALIZA (Edição de Eisenhower Moreno)
23. Joan Guasp: O VENDEADOR DE AMENDOÍNS (Ed. bilingüe de Xesús González Gómez)
24. François Riccoboni: A ARTE DO TEATRO (Edición bilingüe de Roberto Salgueiro)
25. Mª Isabel Morán Cabanas: FESTA, TEATRALIDADE E ESCRITA. ESBOÇOS TEATRAIS NO *CANCIONEIRO GERAL* DE GARCIA DE RESENDE
26. Ana Kiffer: ANTONIN ARTAUD. UMA POÉTICA DO PENSAMENTO
27. Paulino Pereiro: A MÚSICA TEATRAL
28. Francisco Gomes de Amorim: FÍGADOS DE TIGRE (Edição de Carme Fernández Pérez-Sanjulián)
29. Gil Vicente: FARSA DOS ALMOCREVES (Edición de Xoán Carlos Lagares)
30. Manuel María: EDIPO (Edición de Miguel A. Mato Fondo)
31. Eugène Iabiche [e Marc-Michel]: UN CHAPEU DE PALLA ITALIANA (Edición bilingüe de Ana Luna Alonso)
32. Manuel Lourenzo: INSOMNES
33. Cándido A. González: ¡MAL OLLO!... (Edición de Manuel Ferreiro e Laura Tato Fontafña)
34. Iolanda Ogando: TEATRO HISTÓRICO: CONSTRUCCIÓN DRAMÁTICA E CONSTRUCCIÓN NACIONAL
35. Euloxio R. Ruibal: MINIMALIA. 20 PEZAS DE TEATRO BREVE
36. Antoni Nadal: O TEATRO MALLORQUINO DO S. XX
37. Emilio Xosé Insua López: SOBRE *O MARISCAL*, DE CABANILLAS E VILLAR PONTE
38. Xesús Pisón: NOITE INVADIDA
39. Duarte Ivo Cruz: O TEATRO PORTUGUÉS: ESTRUTURA E TRANSVERSALIDADE
40. Afonso Becerra de Becerreá: O RITMO NA DRAMATURXIA. TEORÍA E PRÁCTICA DA ANÁLISE RÍTMICA (A PARTIR DA PRIMEIRA DRAMATURXIA GALEGA EN VERSO)
41. DOCUMENTOS PARA A HISTORIA DO TEATRO GALEGO (1919-1924) (Edición de Silvana Castro García)
42. QUE (NON) É O TEATRO? [Manuel Lourenzo / José Oliveira Barata] / CATÁLOGO DE PUBLICACIÓNS (1997-2005)
43. Marica Campo: CONFUSIÓN DE MARÍA BALTEIRA (Edición de María Pilar García Negro)
44. Manuel Lúgrís Freire: A COSTUREIRA D'ALDEA (Edición de Teresa López)
45. Hélène Cixous: A CONQUISTA DA ESCOLA DE MADHUBAI (Edición bilingüe de Purificación Cabido Pérez)
46. Uxío Carré Aldao: MEMORIA CRÍTICO-BIBLIOGRÁFICA SOBRE EL TEATRO REGIONAL GALLEGO (Edición de Xoán López Viñas)
47. Manjula Padmanabhan: LUCES FÓRA! (Edición bilingüe de Antía Mato Bouzas)
48. Teresa Rita Lopes: COISAS DE MULHERES! (TEATRO REUNIDO)
49. D. Francisco Manuel de Melo: O FIDALGO APRENDIZ (Edição de Evelina Verdelho)
50. Aristóteles: POÉTICA (Segunda Edición bilingüe revisada de Fernando González Muñoz)
51. Carlo Gozzi: TURANDOT, Volume I (Edición crítica italiana e tradución galega de Javier Gutiérrez Carou)
52. Carlo Gozzi: TURANDOT, Volume II (Edición crítica italiana e tradución galega de Javier Gutiérrez Carou)
53. Luís de Camões: AUTO CHAMADO DOS ENFATRIÓES (Edición de Leticia Eirín García)
54. Marica Campo: O DIVINO SAINETE (Adaptación teatral da obra homónima de Curros Enríquez)
55. Antonio Gramsci: ESCRITOS SOBRE TEATRO I [1916-1917] (Ed. de Xesús González Gómez)
56. Antonio Gramsci: ESCRITOS SOBRE TEATRO II [1918-1920] (Ed. de Xesús González Gómez)
57. Camilo Castelo Branco: O MORGADO DE FAFE EM LISBOA e O MORGADO DE FAFE AMOROSO (Edição de Carlos Paulo Martínez Pereiro)

